

REVISTA DA SEMANA

N.º 47 ★ 24-11-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL





PÓ DE ARROZ

LOÇÃO

EXTRATO

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA



BROTINHOS em quantidade. Representantes de clubes e de colégios concorreram ao certame pela escolha da Rainha dos «Jogos da Primavera». Da esquerda para a direita: Dilba Garbrio, Iny Porciúncula, Itala Azevedo, Jeanette Tendler, Maria Auxiliadora Varela e Marlene Nieva

A RAINHA DOS JOGOS DA PRIMAVÊRA

UM "BROTINHO" GANHA UMA COROA

QUINZE SEREIAS DESAFIAM UM JÚRI DE ARTISTAS ★ DE QUINZE FICARAM DEZ, DE DEZ SOBRARAM QUATRO ★ DE SEIS APENAS TRÊS CHEGARAM ÀS FINAIS ★ APÓS DIFÍCIL JULGAMENTO, MARTA ABDALA, DO COLÉGIO ANGLO-AMERICANO, SAGROU-SE RAINHA ★ CAMPEÃ E VICE-CAMPEÃ DE VÁRIAS MODALIDADES DE ESPORTE

Texto de LEVY KLEIMAN

Fotos de ANGELO GOMES

TERMINARAM os "Jogos da Primavera" de 1951, interessante certame desportivo dedicado à juventude feminina do Brasil pelo "Jornal dos Esportes", que reuniu jovens do Distrito Federal, Estado do Rio, São Paulo e Paraná.

Como acontece todos os anos, o encerramento da parada feminina é realizado com a escolha da Rainha, não por votação popular, através de votos de jornais ou pelo método da venda de cédulas, mas através o julgamento de um júri composto de pintores, escultores, jornalistas, cinematografistas e até caricaturistas, computando-se beleza fisionômica, plástica e eficiência esportiva.

QUINZE BELEZAS EM DESFILE

Ao palco do auditório da A.B.I. compareceu uma dezena e meia de lindas jovens, representando clubes e colégios, do Rio e dos Estados. As graciosas candidatas puseram o júri em *palpos de aranha*. Muito difícil, muito arriscado escolher com justiça a mais bela atleta, entre os quinze "brotos" que encheram os olhos da assistência que presenciou a festa, prestigiada pelo Sr. Vargas Neto, presidente do Conselho Nacional de Desportos.

Entraram no palco: Carlota Waldeumair, do E. C. Pinheiros, de São Paulo; Relmorghi Theomar de Assunção, do Guaira E. C.; Dilba Garbrio, do E. C. Ferroviário, do Paraná; Iny Porciúncula, do Instituto de Educação, de Niterói; Itala Azevedo, do Instituto de Educação; Jeanette Tendler, do Botafogo F. R.; Maria Auxiliadora Varela, do Icaraí; Marlene Nieva, do Tijuca; Marlene Nonato, do Ginásio Sousa Lima; Marta Abdala, do Colégio Anglo-Americano; Neuza Fontes de Vascon-



A PAULISTA Carlota Waldeumair, representante do E.C. Pinheiros, 2ª colocada no certame



A BANDEIRANTE Carlota triunfou em plástica e beleza, mas faltaram-lhe pontos no setor esportivo.



OUTRO GRUPO de belas concorrentes que representam, sem dúvida, a beleza da mulher brasileira. Entre elas destaca-se a vencedora, a segunda à esquerda. Eis o nome dos brotinhos, a partir da esquerda:



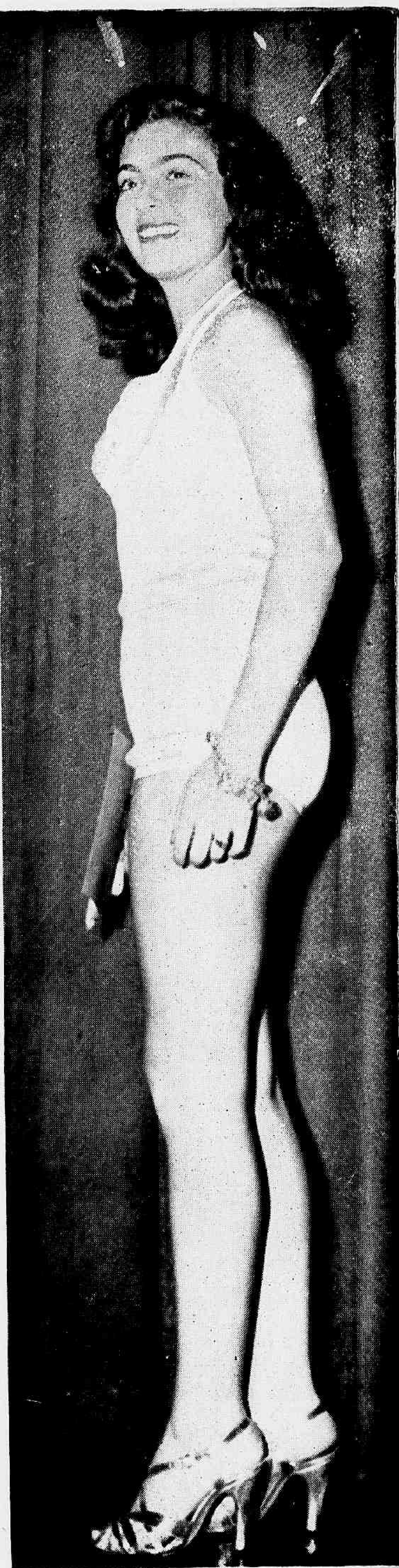
DESPORTISTAS, escultores, pintores, caricaturistas — eis a comissão de difícil julgamento.



Marlene Nonato, Marta Abdala, Neuza Fontes de Vasconcelos, Neuza Melo, Nilcéa Barroso, Sônia Freire de Araújo e Terezinha Del Panto. Que escolha difícil! Só fechando os olhos e apontando uma...



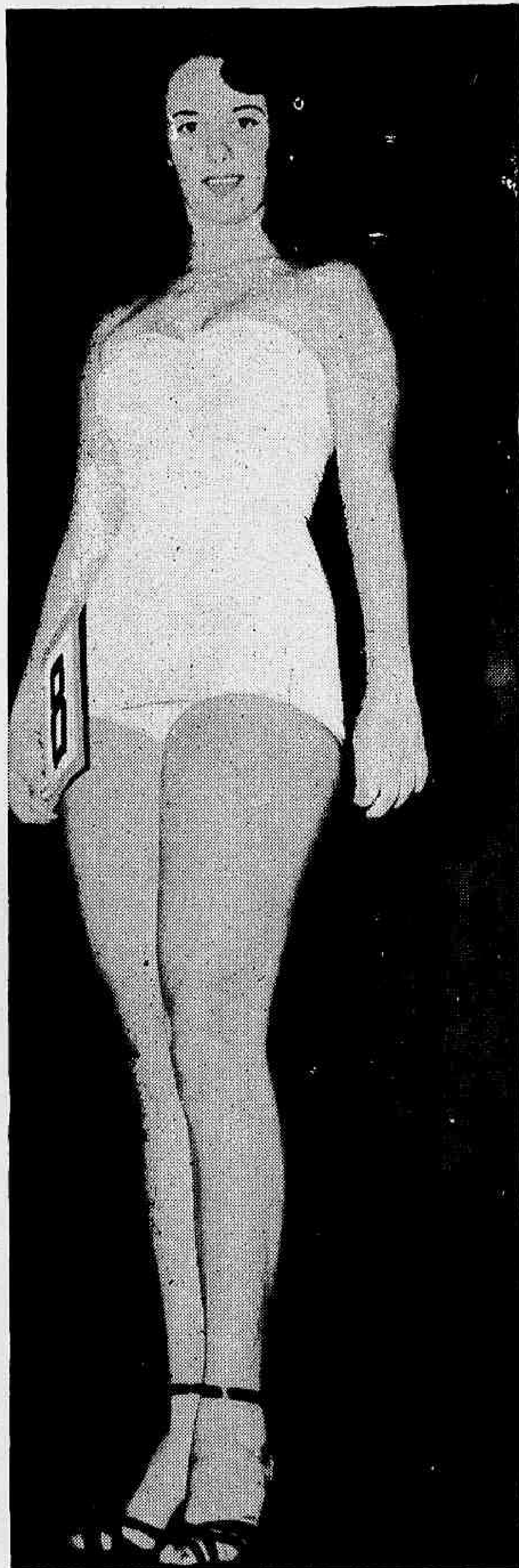
CONFABULAM os julgadores na sua espinhosa missão de decidir qual a mais bonita entre tantas



A RAINHA dos Jogos da Primavera, Marta Abdala, do Colégio Anglo-Americano. Bela e simpática.



TEREZINHA Del Panto, representante do Fluminense, foi a 10ª colocada. Belo talhe de corpo.



MARLENE Nieva, defensora das côres do Tijuca, conquistou o sétimo lugar. Joga bem o volei.



A REPRESENTANTE vascaina, Sônia Freire de Araújo, não fêz feio e obteve um bonito 5º lugar.



UMA GRANDE assistência lotou o auditório da A. B. I. para assistir ao desfile da mulher esportiva

celos, do Colégio Pio-Americano; Neuza Melo, do Riachuelo Tênis Clube; Nilcéa Barroso, da Escola Orsina da Fonseca; Sônia Freire de Araújo, do Vasco, e Teresinha Del Panto, do Fluminense.

UM JÚRI ARTÍSTICO

Para julgar os quinze "brotos" foi preciso reunir onze homens que atuam em diversos campos. Assim, a parte esportiva foi entregue a três desportistas militantes: Jorge de Azevedo, Aderbal Carneiro e Ivan Raposo. A parte de fisionomia e plástica foi julgada por artistas, na maioria professôres da Escola Nacional de Belas Artes, os escultores Leão Veloso, Armando Sócrates Schnor e Humberto Cozzo; os pintores Quirino Campofiorito, Francisco Pacheco e Augusto Rodrigues, o conhecido caricaturista; o anatomista e gravador Calmon Barreto e o ilustrador Érico Bianco. Um tribunal dêsse tipo não teria dificuldade em escolher a mais bela entre as belas.

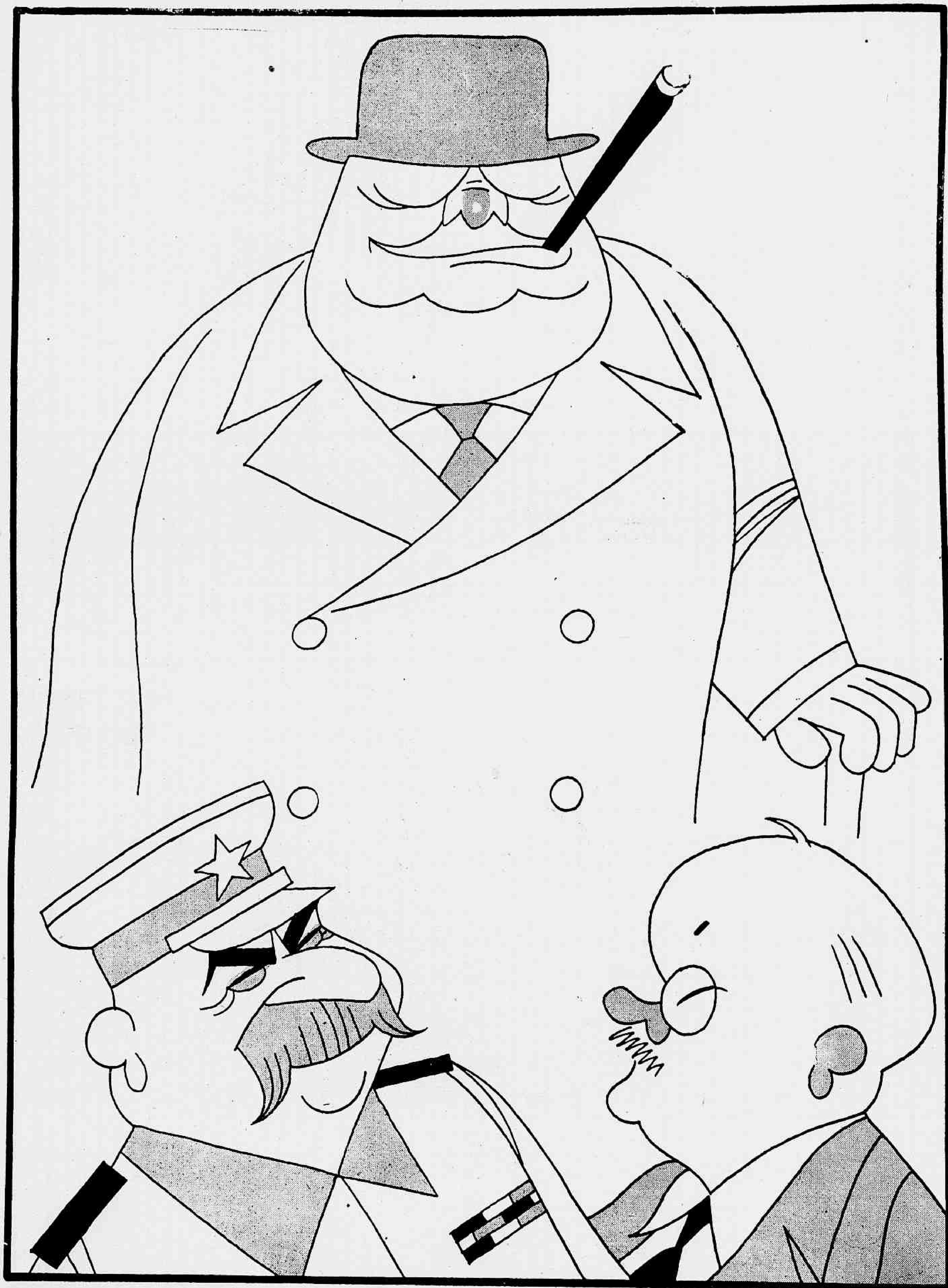
SOBRARAM DEZ

Logo no primeiro julgamento, cinco candidatas não voltaram para o segundo desfile. Apresenta-

(Cont. da pág. 50)



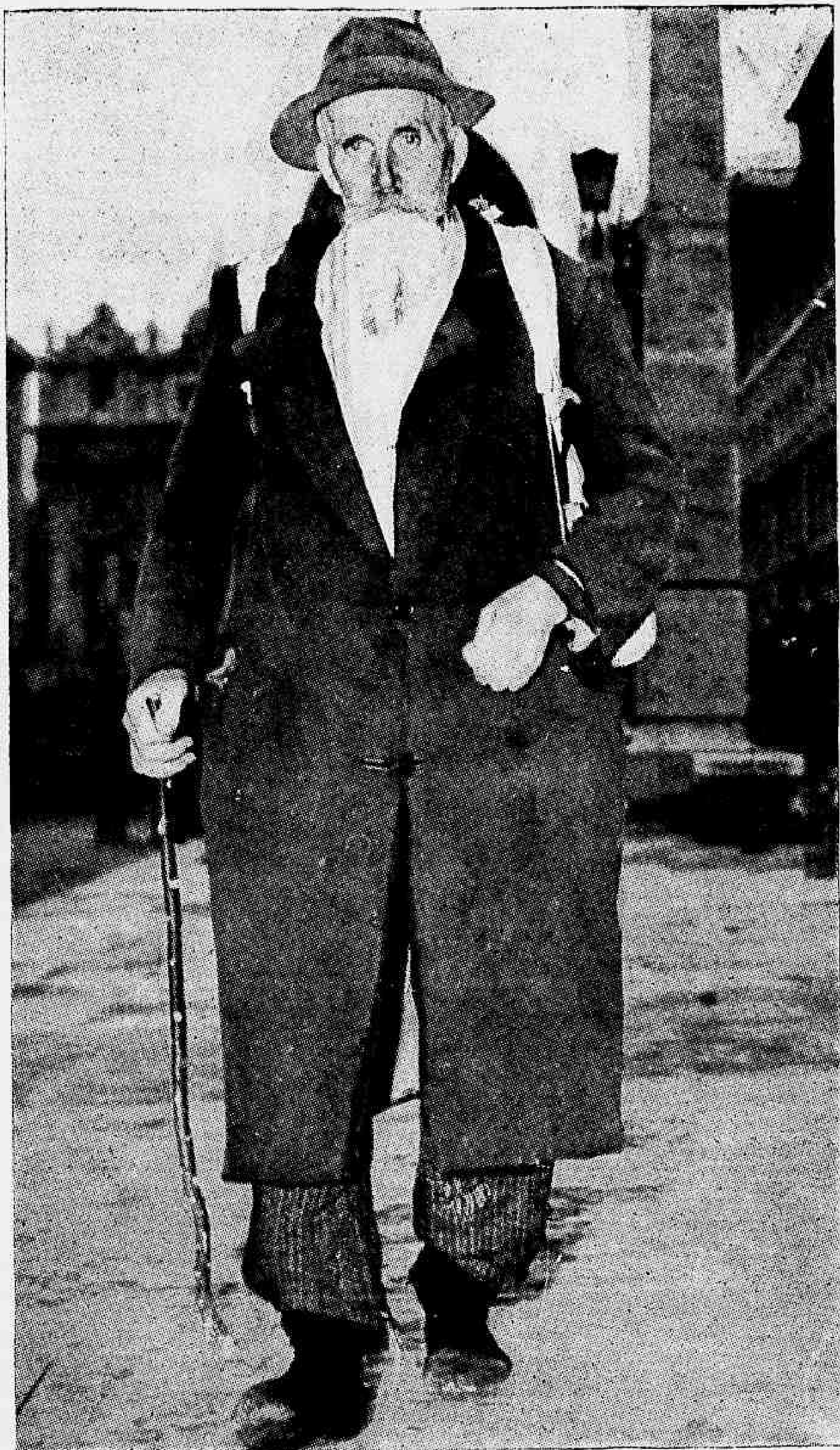
A RAINHA E AS PRINCESAS — Uma trindade verdadeiramente fascinante. Três "brotinhos" que falam alto da beleza brasileira: Carlota Waldemquir, Marta Abdala e Jeanette Tendler



MOLOTOV — Dos três grandes, só a Grã-Bretanha não tem a bomba atômica...

STALIN — Tem e das piores; apenas não explode...

Se Cristo Voltasse...



HOUVE um acúmulo de correspondência nos correios do país e cartas importantes cruzavam-se no ar, das Américas para o Vaticano e para a Rússia. Os padres consultavam-se, preocupados, se poderiam considerá-lo um santo, um mistificador, um dêsses espíritas exaltados, um homem de circo ou um agitador de massas. E o mesmo pensavam os russos, atarefados com o pensamentos tão contraditórios e tão importantes. Pois desde que a Rússia consentisse em proclamar ao mundo que Aquele era um comunista, teriam vencido sôbre tôdas as terras e todos os mares, e desfraldariam, confiantes, a bandeira de Donos da Terra. Um comunista que fazia milagres era uma bela propaganda para o Partido. E os padres, angustiados, pensavam mil coisas e, aturdidos, não querendo crer que fôsse um santo, só podiam acreditar que fôsse mesmo um propagandista pago pelos russos para confundir e agitar mais ainda êsse pobre país, já tão sacudido por discussões estéreis.

★

— Um santo? Um comunista? Um mistificador? — Os padres, os políticos, os locutores de rádio, a polícia, perguntavam-se, aflitos, sem saber o que pensar.

— Um santo — clamava o povo, ao ver erguerem-se os paralíticos, sacudindo os farrapos, atirando longe o chapéu sujo fazendo tilintar na calçada as míseras esmolas.

— Um dos nossos! — exclamavam os comunistas. — Êle reparte o pão, a roupa e o consôlo entre todos os esfomeados e os aflitos. Homens como Êle darão paz e fartura ao mundo! — Diziam e esfregavam as mãos como quem fizera um bom negócio.

— Um mistificador! — Clamavam os padres, do alto dos púlpitos, nos sermões de domingo. — Um mistificador que se propõe introduzir dúvidas na verdadeira religião e sacudir os alicerces da Igreja. Mas Deus está conosco! Nós somos a Verdade e a Vida!

Cego e surdo a tudo que não fôsse Êle, o povo, esperançoso e enlevado, seguia-o aonde quer que fôsse, bebia-lhe as palavras, passava fome ao seu lado e era espancado como Êle quando a polícia vinha dissolver o ajuntamento, gritando estùpidamente que não tinham licença para comícios. Um dia a polícia espancou-o. Êle espalmou a mão no rosto com um brilho furioso no olhar. Depois sorriu e ofereceu a outra face. O polícia desceu a borracha sôbre Sua cabeça, mas algo nos olhos daquele estranho homem sorridente prendeu-lhe a mão e, resmungando, o polícia afastou-se para dar no pobrerio, mais adiante.

Os cegos viam. Os surdos ouviam. Os paralíticos andavam. Os leprosos ficavam limpos de suas chagas. E tudo isso acontecia nas ruas escuras e sujas, entre os casebres de madeira, por entre a miséria que nem a noite pode ocultar. Acontecia ali, na escuridão, ao abrigo da polícia, mas a novidade explodia em cada manhã, como a luz, inundando tudo com a boa nova de que os milagres sucediam-se e Êle andava ali, ainda, ao alcance da mão dos necessitados. E passava uma onda de contentamento e paz interior no coração dos moribundos e dos esfomeados.

★

Certa noite, tendo a polícia descoberto o esconderijo Dêle e de seus andrajosos, cercou-os e espalhou bordoada, prendeu muitos e feriu uma quantidade de criaturas que se punham ao redor Dêle para proteger. E Êle, tendo visto um homem acercar-se tirando um revólver e gritando: — Camarada! Acabemos com esta corja! — Abriu os olhos com espanto e, por entre a multidão revolta e gritos e estertores, perguntou-lhe mansamente:

— Que fazes, homem de pouca fé?

— Ah! camarada! Aqui é assim! E' preciso aproveitar estas ocasiões e entusiasmar o povo. Que diabo! Que morra um pouco dessa polícia que tanto nos esbordoa! — Levantando mais o revólver, virou-se para a massa agitada com um grito de guerra: — Viva a Rússia! — e tentou atirar. Mas a mão ficou paralizada. E o revólver rolou para o chão.

Os olhos Dêle brilhavam quando disse: — Não matarás!! — E estranhamente sumiu no escuro.

★

A polícia proibiu que os jornais tocassem no assunto. Os comunistas afundaram num silêncio ruinoso de quem abre falência. Os padres gritaram mais alto de seus púlpitos:

— Deus derrota os mistificadores! A Igreja vencerá sempre!

Os pobres, os miseráveis, os doentes sem cura, recolheram-se outra vez na escuridão de suas vielas e de sua desesperança.

★

Caído de bruços no alto do Calvário, Êle chorava tentando calar. De súbito, erguendo os olhos luzentes como naquela manhã, na frente do Templo ao expulsar os vendilhões, clamou para o céu escuro:

— Pai! Por que os fizestes assim, quais cães danados? Por que lhes destes olhos que não vêem, e ouvidos que não escutam? Por que lhes destes corações que não sentem?

O céu respondeu com seu silêncio impenetrável.

THEREZA DE ALMEIDA

SUMARIO

REPORTAGENS

Um "brotinho" ganha uma coroa (Levy Kleiman) 3/7
Pedro Américo ao natural (Villas Boas Corrêa) 13/18
Isto, senhores, é Hollywood (César Ladeira) .. 19/21
Sete Dedos cumpriu a promessa (Domingos de Lucca Júnior) 27/31
Onde os inglêses não descansam (José Ramos) 54/57

LITERATURA

Se Cristo voltasse (Thereza de Almeida) 9
Foi para pagar o advogado (Geo William) 22
O Pacote Azul (Edgar de Souza Machado) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 24/25

EXTRA

O Diário de James Forrestal 32/33

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 18
Puxe pelo cérebro 22
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

A volta de Bugs Coonan 26
Uma pequena selvagem 35

FEMININAS

Mães e Filhas (Ramon) 36/37
Sugestões variadas 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

CINE NOVELA

Três Destinos 44/45

HUMORISMO

"Charge" de Théo 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 23

ILUSTRAÇÕES

Jerônymo Ribeiro — Oswaldo da Cunha — Rafael

FOTOS

Ângelo Dias — Amaro Rosas — César Ladeira — Carlos Terini — H.M. Franceschi — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA

VERA ELLEN

(Foto M.G.M.)

A SEMANA

Trigo de Minas



O Sr. Tristão da Cunha, Secretário da Agricultura do Estado de Minas, ao regressar de sua viagem ao Rio, declarou à imprensa montanhesa que tratara com o Sr. Ministro da Agricultura assunto da maior oportunidade: intensificação da cultura de trigo em Minas Gerais. Segundo o mesmo auxiliar do govêrno de Minas, o Sr. João Cleofas prometera uma verba inicial de 10 milhões de cruzeiros para o desenvolvimento do precioso cereal em terras mineiras, sendo de notar que também haviam trocado idéias para aquisição de equipamento agrícola com uma firma inglêsa. A notícia despertou o mais vivo interêsse, não sòmente naquele Estado como nos demais da Federação, sabendo-se que certas zonas do oeste de Minas se prestam maravilhosamente para a cultura do trigo. Atualmente, sofre o Brasil de carência de trigo e, de quando em quando, se fala na volta ao pão misto, conhecido como "pão de guerra". Se o Estado de Minas, unindo-se ao Rio Grande do Sul e Paraná, intensificar o plantio de trigo e o colhêr em larga escala, podemos esperar para muito breve a nossa emancipação da importação estrangeira. ou, pelo menos, estaremos em condições de comer pão de trigo e não aquêle que o diabo amassou... A zona de Patos, em Minas Gerais, já possui campo de experimentação de trigo; mas, pelo que se sabe, não se tem podido fazer muito. Nossa desgraça reside nisso: começamos as coisas muito bem, mas, contra nossa energia, surge o mal de todos os governos: a falta de verba!

O destino de Fawcett



VOLTA ao cartaz o misterioso fim do explorador inglês Cel. Percy Fawcett, há 26 anos desaparecido com outros companheiros (um dêles seu filho), nas matas do Brasil Central. O caso Fawcett tem sido discutido por várias vêzes e por diversas pessoas. Um dos nossos mais arrojados repórteres, Edmar Morel, escreveu até livro sôbre a morte de Fawcett, provando que o mesmo fôra trucidado pelos índios Kalapalos. Recentemente foram encontrados os seus ossos, guiando-se os descobridores pelos índios da região em que fôra morto o explorador inglês. Os restos mortais de Fawcett foram enviados numa urna de madeira para Londres, a fim de serem examinados e provar-se ou não se são mesmo do esqueleto do inglês. Entregues os ossos a três cientistas, Professor Aje Cave, anatomista do Hospital São Bartolomeu, de Londres; Mirian Tildesly, ex-curadora de Osteologia Humana do Museu de Cirurgia da Faculdade Real, e J. C. Trevor, docente de antropologia da Universidade de Cambridge, fizeram os três minucioso exame, entregando a Brian, filho de Fawcett, um relatório com as conclusões a que chegaram. A opinião do filho de Fawcett, da viúva e dos três cientistas, é de que não se trata dos ossos de Fawcett. Há diversas incongruências, inclusive as de medidas antropométricas: Fawcett era um homem de quase um metro e oitenta e quatro de altura, enquanto os ossos são de um homem que mede cêrca de 1,68. Além disso, as dentaduras que pertenceram ao morto não se ajustam aos maxilares da caveira que chegou a Londres. E o mistério Fawcett continua...

Eleição para Prefeito



JÁ está sobejamente provado que o Prefeito do Distrito Federal tem que ser político, e político com tôdas as qualidades para o remexido partidário. O Sr. Carlos Vital, ao ser escolhido pelo Presidente da República, declarou que ia governar o Distrito Federal à margem da política, fazendo administração apartidária. Mas os partidos não gostaram da experiência e tudo estão fazendo para alijá-lo do poder. Como a demissão pura e simples não seja possível, uma vez que o Presidente da República não está disposto a demitir o seu eleito, os partidos tiveram esta idéia luminosa: conseguir-se-ia uma lei que determinasse a eleição para Prefeito do Distrito Federal pelo voto indireto, isto é, os legisladores elegeriam o chefe do executivo carioca. Como todos sabemos, é tradição neste país que as eleições para chefes de executivos sejam feitas pelo voto direto, democrático e popular. O voto indireto é assunto para certos fatos em Constituintes, como sucedeu com o de vice-presidente no período anterior ao do Sr. Vargas. Em geral é o voto popular que elege os seus administradores, do município ao Catete. A idéia de eleger-se o sucessor do Sr. João Carlos Vital pelo voto indireto é apenas manobra política. Não seria preferível que a eleição fôsse direta, com os votos dos cariocas na bôca da urna? Um Prefeito que assim chegasse ao Guanabara, podia rejubilar-se com a vontade popular. Do contrário, não. Sua eleição não foi obra do povo e sim de políticos.

EM REVISTA

O guarda-roupa gritou

UM casal de estrangeiros que mora numa pensão em Copacabana, não suportava o ranger da porta do guarda-roupa do quarto. Aquilo era enervante. Abria-se a porta e o móvel a amolar os ouvidos; fechava-se a porta e o insuportável guarda-roupa a soltar guinchos antipáticos. Reclamaram ao dono da pensão. Que retirasse o guarda-roupa o mais depressa possível. Aquilo incomodava até aos vizinhos. Mandasse outro para substituí-lo. Mas o dono da pensão não queria fazer despesas e andou azeitando as dobradiças do velho servidor de hóspedes. Enquanto a coisa estava fresquinha, êle não fazia muito barulho; mas, ao secar o óleo com o movimento de abre e fecha, tudo voltava aos hábitos antigos: Ram! Rem! Ram! Rem!... Numa dessas últimas noites, porém, quando a temperatura subira um pouco mais e o ar estava abafado, o casal teve que dormir com as janelas abertas. Era num primeiro andar de casa antiga, dêsses edifícios que já foram considerados palacetes da Av. Atlântica e que hoje abrigam famílias sem teto vivendo em quartos e salas a mil e quinhentos cruzeiros mensais, com magríssimo café pela manhã. Estavam os inquilinos no seu melhor sono, quando a mulher do estrangeiro despertou com o ranger do guarda-roupa: Rem! Tec... tec... Abriu os olhos e viu um vulto estranho a abrir o móvel. Gritou. O marido acordou. Estavam sendo visitados por um ladrão que, com o ruído do guarda-roupa, foi descoberto. Já estava com vários objetos em seu poder, mas deixou tudo e pulou para a rua e correu. O dono da pensão vai cobrar por fora o "serviço" do guarda-roupa...



Novo horário



NÃO há quem não queira ser funcionário público. Especialmente no campo federal. Além de levar vida folgada, merece atenções que a maioria dos demais viventes não possui. Daí a razão por que, aberta uma vaguinha em qualquer Ministério, há milhares de candidatos a disputar o privilégio de ser funcionário público federal. Bons salários, garantia de estabilidade, férias, licenças-prêmio, consideração nacional, direito a empréstimos para a aquisição da casa própria, horário excelente, enfim, uma mão na roda, como se diz vulgarmente. Mas será que o funcionário público é assim tão feliz e que desfrute de tantas franquias? Há quem prove o contrário. Acham que os trabalhadores do govêrno vivem vida apertadinha, com orçamentos arrochados, fazendo economias de passagem de bonde e se alimentando a médias e empadinhas. Talvez a verdade esteja no meio; nem oito, nem oitenta. Para os que já foram condecorados com "O empenachado" e têm direito a determinados dispositivos legais, a vida deve ser uma maravilha; mas, para o grosso do funcionalismo, a coisa não é assim tão fagueira. Pois agora o horário do funcionalismo vai mudar. Até agora o trabalho era das 11 às 17. Verificaram os altos dirigentes que o horário em vigor não corresponde às necessidades estatais. E os funcionários passarão a trabalhar das 12 às 18, com meia hora para o lanche fatal. E' melhor? E' pior? Quem vai sofrer é o povo, com o aumento da crise de transporte. As 18 horas, de janeiro em diante, vai ser um horror para o carioca!

Toureiro formado

VEM-NOS do México esta sensacional notícia: os toureiros Solorzano e Mendez acabam de fundar um curso para tourear, na universidade da capital do país. Alegando que o tourear constitui uma profissão que abarca conhecimentos de literatura, zoologia, veterinária, anatomia, cirurgia e psicologia social, os dois mestres do "toreio" estão dispostos a lecionar a grande e difícil arte de divertir o povo com o enfezamento e a morte dos touros. Recordaram êles, em abono de sua tese, que a "Carmen" de Bizet, foi composta para exaltar o touro e o toureiro. Parece que a congregação da Universidade da capital do México está de pleno acôrdo com os novos catedráticos, apenas havendo discrepância quanto ao diploma a ser conferido aos toureiros que fizeram o curso. Mas isso é coisa secundária. Se a moda pegar, dentro em breve teremos em nossa Universidade Nacional cursos oficiais de futebol, profissão das mais lucrativas para clubes e jogadores. Como no toureirismo, no futebol há também literatura, zoologia, veterinária, anatomia, cirurgia e psicologia social, além de pugilismo, jiu-jitsu, pontaria e balística. Literatura de futebol é coisa generalizada hoje, e os jornais estão cheios de crônicas e episódios romanceados sôbre os jogadores; como zoologia e veterinária temos os exemplos de "Biribas" de variados feitios; para anatomia e cirurgia, aí estão os casos de vários meniscos, encanamentos de tíbias e clavículas; de psicologia social estão repletos os nossos estádios, teatro de manifestações coletivas das mais educativas...



A PERSONAGEM DA SEMANA


Sr. Clóvis Pestana

A encampação da "Leopoldina Railway" pelo Govêrno Federal ao tempo do Presidente Dutra, estêve na semana finda no noticiário da imprensa e nos comentários parlamentares, depois que o DASP elaborou um parecer para apreciação do atual Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, em cujas páginas se fizeram censuras pesadas à transação. Segundo o DASP, a nacionalização daquela companhia ferroviária fôra ruinosa aos interêsses brasileiros, uma vez que em 1952, todo o seu acervo, todos os seus bens patrimoniais seriam automàticamente entregues à União, sem um centavo de indenização. O caso despertou as atenções da opinião pública e um nome foi apontado como um dos maiores culpados na onerosa transferência precoce: o Sr. Clóvis Pestana, que era ministro da Viação do govêrno do general Gaspar Dutra, quando o Brasil entrou em entendimentos com a diretoria e acionistas da Leopoldina Railway, para a encampação da velha ferrovia. Realizada esta, surgiram opiniões ùltimamente, que deixavam em má situação o ato do govêrno passado, visando-se, especialmente, o seu ministro, Sr. Clóvis Pestana. Mas o ex-ministro da Viação que é hoje deputado federal pelo PSD gaúcho com a veemência bem riograndense, veio a público e, em declarações à imprensa e em substancioso discurso na Câmara, destruiu o relatório do DASP e provou que a "Leopoldina" só seria nossa, numa pequena parte, em 1971, e, no seu total, por volta do ano 2000. A transação realizada, asseverou, sem ser contrariado, não foi ruinosa ao Brasil, e sim, das mais úteis aos nossos interêsses. O Sr. Dutra, porém, não está pagando inocentemente. Devia ter extinguido o DASP e outras coisas semelhantes a bem de tudo e até por economia. Que o Sr. Getúlio também não se venha arrepender por haver mantido apêndice tão incômodo e tão caro.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE Cr$ 25,00

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO



EM PLENO coração mato-grossense, padre Medeiros Neto, auxiliado pelo padre Colbackini, o sábio dominicano que há 40 anos vive entre os bororós, repete a cena fixada no quadro imortal de Pedro Américo. Os indígenas acompanharam com interesse o ritual, sem compreendê-lo em detalhes, mas procurando informações.

PEDRO AMÉRICO AO NATURAL

A PRIMEIRA MISSA

E O PRIMEIRO ESPETÁCULO CINEMATOGRÁFICO PARA OS SILVÍCOLAS DE XINGU ★ CAMAIURÁS, IAULAPITIS, BRUMAIS E CALAPALOS VIVEM FELIZES E NA POSSE DA PLENA LIBERDADE ★ MAS OS EXPLORADORES ROUBAM A TERRA DOS ÍNDIOS! ★ CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL

Texto de VILLAS-BOAS CORRÊA — Fotos de AMARO ROSAS



O FILHO acomodou-se da melhor maneira no quadril materno e vai se amamentando enquanto ela olha.

Pôsto do Xingu — 2 de novembro — (Especial para a **REVISTA DA SEMANA**.

A cena, vista em conjunto, forçava o paralelo com o quadro de Pedro Américo, da primeira missa celebrada no Brasil por frei Henrique de Coimbra. Por certo o cenário pouco variava e, guardadas as proporções históricas, a emoção era igualmente profunda e o significado de uma beleza impressionante. O deputado padre Medeiros Neto, auxiliado por Calbackini, o sábio missionário que a quarenta anos vive entre os índios bororós, rezou, neste longíncuo Pôsto do Xingu para uma centena de índios de quatro tribus, uma missa campal. O altar armado sôbre tosca mesa, improvizado na ampla clareira circundada pelas malocas indígenas. E que estranha assistência: o vice-presidente da República, Café Filho, oficiais da FAB, os três irmãos Villas Boas — Cláudio, Orlando e Leonardo — meia dúzia mais de brancos, e índios, em plena nudez, observando com curiosidade a celebração do ato



ACOMPANHANDO a cerimônia, a indígena medita e sente, talvez, a influência do ato religioso.

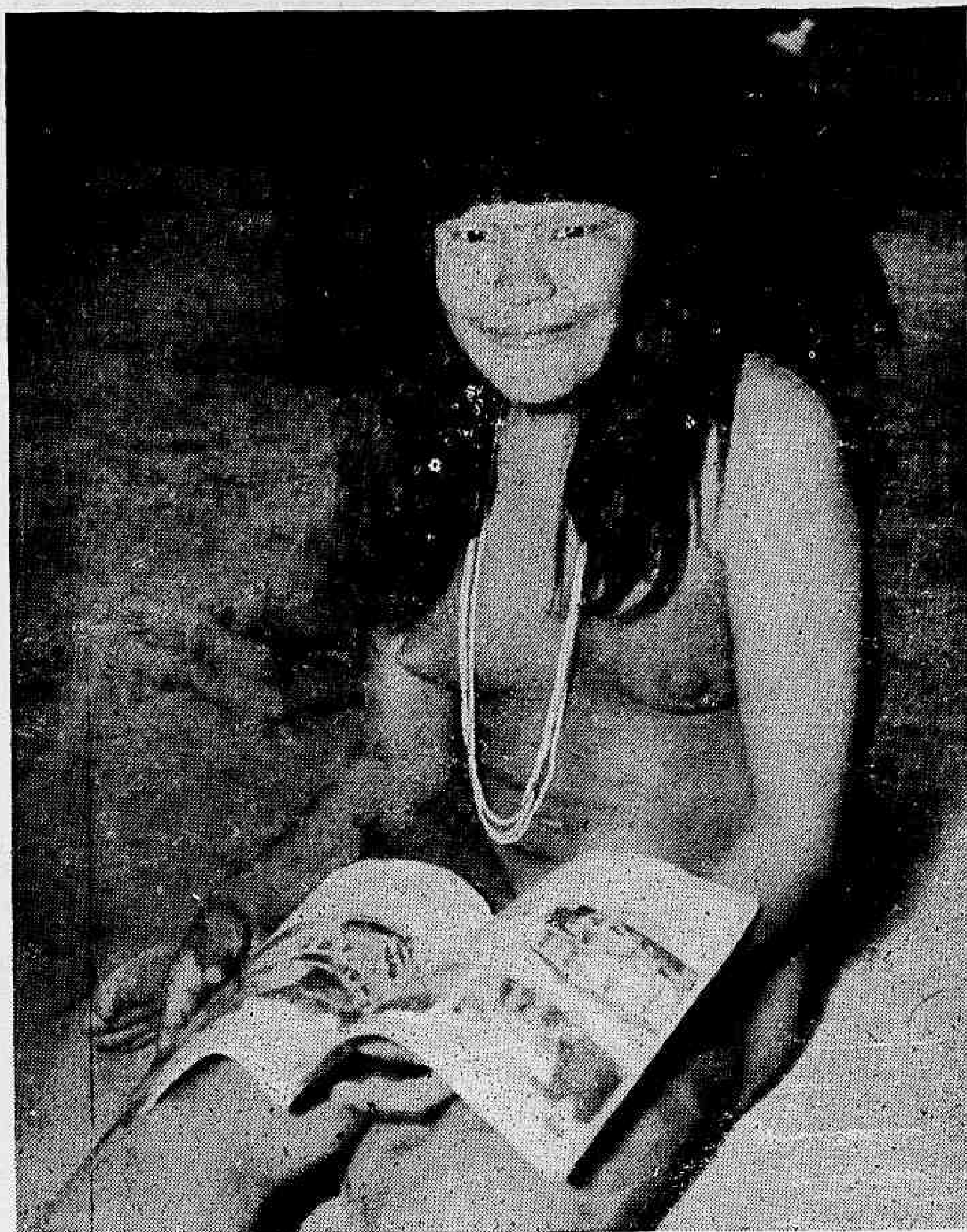


E O CINEMA dado aos índios pela primeira vez não causou a surprêsa esperada. Entre êles o vice-presidente Calé Filho acompanha a projeção. Em baixo: a maior parte do dia, as índias passam sentadas, em conversas intermináveis. Não asseguramos, porém, que falem da vida alheia, e a «tesoura» seja desconhecida...





EM PLENA selva do Xingu, com os irmãos Villas Boas, o diretor do S.P.I., sr. José Maria Malcher e oficiais da FAB, discute o sr. Café filho a criação do Parque Nacional.



CUIAIU FOLHEIA indiferente a revista do civilizado. Essa jovem camaiurá é a mais formosa índia do Xingu, verdadeiro tipo de beleza. Encantou a todos da comitiva.

santo, sentados sôbre a perna dobrada ou de pé, silenciosos e atentos.

Padre Medeiros Neto, que conosco voara seis horas para levar aos indígenas do Xingu a palavra da fé, estampava na fisionomia serena tôda a emoção que o dominava. E, entre todos nós, independente de convicções religiosas, aquela missa em plena selva, a centenas de quilômetros da civilização, causou uma impressão inapagável.

A CARAVANA DO VICE-PRESIDENTE

O vice-presidente Café Filho organizou pequena caravana até o Pôsto do Xingu, com três objetivos distintos: a celebração da primeira missa, a exibição de um filme e a discussão do plano da criação do Parque Nacional dos Selvícolas. Esta legitima bandeira estava integrada ainda por uma equipe de cientistas de São Paulo e jornalistas. A viagem, em dois aviões da FAB, transcorreu sem incidentes dignos de registro. Pernoite em Aragarças e breve visita as instalações da Fundação Brasil Central. Na madrugada seguinte, após mais cêrca de duas horas de vôo, atingimos o Pôrto de Xingu, em Mato Grosso, próximo a divisa com o Pará. Êste pôsto é uma das últimas sentinelas da civilização ao norte do país. Assiste índios das tribus trumais, iaulapiti, calapálos e camaiurás. Os índios procuram o pôsto quando doentes ou nas épocas de sêca, quando a caça rareia e se torna difícil. Há sempre uma média de uma centena de índios no pôrto, a maioria camaiurás.

Familiarizados com os brancos, êsses índios são mansos, dóceis, alegres e felizes. De altura mediana, fortes e saudáveis, entregam-se preferentemente a caça e pesca, além de algumas culturas agrícolas, como a mandioca, o milho e o amendoim.

CINEMA NA SELVA

No amplo barracão dos irmãos Villas Boas, os índios agrupavam-se em círculo para assistir a exibição de um filme natural, colhi-



NA SUA maloca, na rêde típica, a velha índia com o curumin ao colo, posa de ar triste. Observem no chão a cuia da mandioca com que os índios preparam a sua farinha.



DUAS GRACIOSAS CURUMINS. A que está no colo do repórter tem apenas quatro meses. Forte e saudável, seria concorrente perigosa a um concurso de robustez infantil.



NA BARRACA dos irmãos Villas Boas os silvícolas seguem com interesse o filme em que foram «astros» e «estrêlas», reagindo como qualquer platéia civilizada. Mas quando apareceu na tela a imagem de um companheiro morto, protestaram, porque para êles os mortos nunca voltam.

do entre os próprios camaiurás. Colorido e silencioso, de longa metragem, o filme mostra cenas da vida da tribu, danças características, hábitos e costumes. Estavamos todos com grande curiosidade para verificar a reação dos índios a esta invenção dos brancos. Imaginavamos o espanto e a surprêsa com que se veriam na tela, por certo acreditando se tratar de uma surpreendente artimanha de um poderoso pagé branco. Puro engano: a reação dos índios ao cinema foi exatamente igual a de qualquer platéia civilizada. Riram das cenas efetivamente pitorescas, saudaram com demonstração de alegria os amigos e parentes travestidos em astros do tecnicolor. Nada mais. Apenas um detalhe curioso: os índios não gostam de fotografias e, obviamente do cinema, por uma razão de ordem religiosa. Para os índios, os mortos não voltam nunca mais e é com espanto e irritação que contemplam, no papel ou na tela, a figura de um companheiro que Tupã levou dêste mundo.

Para não chocar a crença dos selvícolas, procura-se evitar que vejam fotografias dos mortos. Mas, um engano ou descuido provoca-lhes repulsa e é conveniente não contrariá-los...

EXPLORAÇÃO DA TERRA

O Serviço de Proteção aos Indios, ratificando sua orientação com os ensinamentos da prática, hoje não mais insiste em trazer o índio para a civilização. O ponto de vista do S. P. I. é que não podemos proporcionar ao índio, mormente o adulto, tôdas as oportunidades que a civilização oferece. Arrancá-lo de sua vida livre e feliz para transformá-lo num favelado ou trabalhador de enxada é uma tarefa evidentemente estulta. O grande problema do S. P. I. está em assegurar a terra aos índios, impedir que se-



PARA OBTER um belo arco e duas flechas o repórter se desfêz da única camisa que levava. Tudo é trocado.



ENTRE OS 12 a 14 anos os camaiuras ficam prêsos na maloca de 2 a 3 meses, só saindo à noite. Para fortalecer.



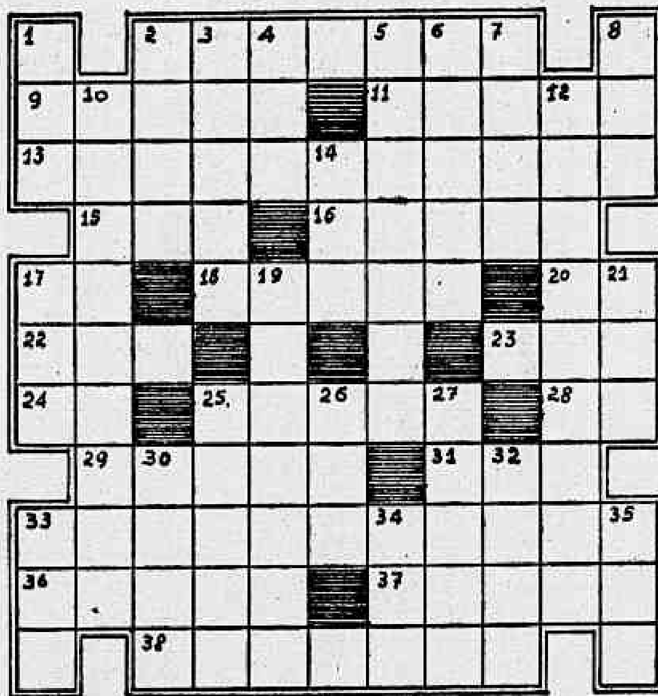
RAPADURA — esta a palavra mágica para a conquista do índio. Moeda de alto câmbio, com ela tudo se compra.



CUIAIU, A MAIS FORMOSA CAMAIURÁ, SENTADA SÔBRE A PERNA, EM POSTURA CLÁSSICA, AO LADO DA ESPÔSA DO CACIQUE.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 80 para Veteranos

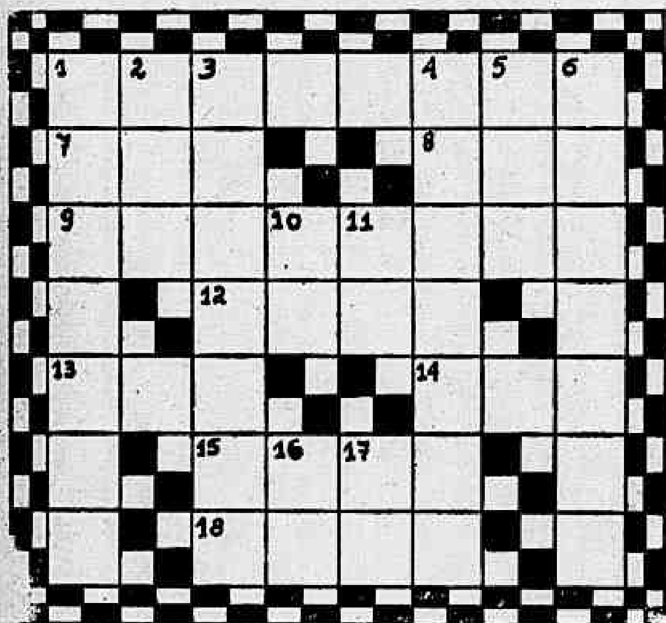


HORIZONTAIS: — 2. Gozo com o sofrimento alheio — 9. Conjunto do pessoal empregado nos ranchos de bordo — 11. Indígena da tribo que habitava as margens do rio Xingu — 13. Realçar — 15. Geme — 16. Mau humor (pl.) — 17. Modo de falar — 18. Alegou por hipótese — 20. Nota musical — 22. Cerce — 23. Pego — 24. O mês de agôsto do calendário sírio-macedônio — 25. Pássaro da família dos Tiranídeos — 28. Loureiro do Japão — 29 Espécie de urze — 31 Interjeição de surprêsa — 33. Coisa insignificante — 36. Fazer esquecer — 37. Espécie de panícula — 38. Terreno argiloso e arento.

VERTICAIS: — 1. Fruto comestível que tem a forma de pinha — 2. Crustáceo decápode braquiuro — 3. Aperfeiçoas — 4. 8ª letra do alfabeto árabe — 5. Árvore cujos frutos têm a aparência de ervilhas vermelhas — 6. Encargo — 7. O mesmo que outo — 8. Divindade do mazdeísmo armênio, protetora das artes — 10. Apelido do Pe. Leonardo Nunes, entre os gentios de S. Vicente — 12. Planta da família das Fagáceas (pl.) — 14. Medida de capacidade de Tonquim — 17. Constelação austral — 19. Planta da família das Palmáceas — 21. Desejo de vingança — 25. Tiritava de mêdo — 26. Filho de Noé — 27. Capela-mór — 30. Jôgo de cartas de origem britânica — 32. Ríspido — 33. Pequeno círculo de metal — 34. Filho do gigante Hreidmar — 35. Grande talento.

*

Problema N. 80 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Um dos maiores rios do mundo — 7. Oceano — 8. Unidade das medidas agrárias — 9. Tirar as tripas — 12. Esta coisa — 13. Seguias — 14. Preceito que deriva do poder legislativo — 15. Receba — 18. Lavras.

VERTICAIS: — 1. Uma das cinco partes do mundo — 2. Porém, senão — 3. Ator de cinema — 3. Cidade da Itália — 5. Pedra do altar — 6. Estado do Brasil — 10. Abreviatura da antiga moeda brasileira — 11. Elegância, donaire — 16. Sufixo que denota o agente — 17. Perversa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 79 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Doido — Bifa — Rhus — Maçarocar — Danar — Rebab — Iofobia — Buq — Nim — Uanetzé — Amiot — Aorta — Arepsias — Fios — Csap — Obolo.

VERTICAIS: — Rima — Dação — Iar — Orcei — Pura — Faniquito — Habaneras — Arfante — Órbitas — Dabua — Bamba — Aorso — Zoico — Maia — Tsar — Pró.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Riscado — Reata — Ab — Liames — Matar — Ira — Alar — Ocar — Gim — Acedi — Erígia — On — Saara — Pássaro.

VERTICAIS: — Ir — Selar — Cair — Ata — Damice — Ramagem — Agarina — Balir — Erado — Tâmisa — Ocara — Aias — Gás — Ar.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.



O local exato, em Mato Grosso, para onde está projetado o Parque Nacional.

jam vítimas da exploração. O que está acontecendo aqui é um crime. Por manobras nem sempre muito claras, o govêrno anterior de Mato Grosso entregou boa parte das terras ocupadas pelos índios a conhecidos latifundiários. De forma que o S. P. I. fica com uma tarefa ingrata: a custa de sacrifícios e esforços extraordinárias, graças a abnegação de homens como Villas-Boas ou o inspetor Meirelles, consegue pacificar uma tribo. O índio, de índole dócil, aceita o convívio com os brancos. Quando as coisas estão neste pé, o explorador da terra, com um título gracioso de posse, fôrça a valorização fictícia e vende em rendosas incorporações.

O PARQUE NACIONAL

Êste estado de coisa não pode continuar. Estamos liquidando com os índios do Brasil e êste é um patrimônio valioso demais para que percamos por incúria e falta de coragem de enfrentar o problema de frente. Acredita o S. P. I. que a solução está na criação do Parque Nacional dos Selvícolas, na demarcação de uma área razoável, alcançando tôdas as tribus da região que seria declarada de utilidade pública e, como tal, inalienável. O Parque Nacional não preservaria apenas os índios da extinção inevitável, mas flora, fauna e riquezas naturaes. Enquanto o S. P. I. ficaria responsável pelos índios, o Ministério da Agricultura se incumbiria das medidas objetivando resguardar flora e fauna. O Parque Nacional ofereceria ainda campo permanente para investigações e trabalhos de natureza científica, ainda que promovidas por particulares.

O PERIGO DAS DOENÇAS

O civilizado, sem experiência do trato com os selvícolas, leva-lhes apenas os vícios e as doenças. Uma epidemia de gripe pode destruir tôda uma tribu, pois os índios não têm a imunização con-

(Cont. na pág. 51)



A NUDEZ das índias não causa o menor constrangimento ao branco. A atitude expontânea e natural da índia amamentando o filho desarma o mais irritado dos civilizados.



A TODOS OS VISITANTES, Walt Disney mostra obrigatòriamente o armário das «bugigangas». Mas que preciosas «bugigangas»! Entre elas figuram vários «Oscar» conquistados com seus famosos desenhos! Aqui vemos César e Renata percorrendo a galeria de Disney onde existe, entre outras relíquias, um bronze do Jaboti oferecido pelo Brasil.

ISTO, SENHORES, É HOLLYWOOD

COMO SE PASSOU, REALMENTE, O CONFLITO FRANCHOT TONE—TOM NEAL ★ BARBARA PAYTON TAMBÉM TEVE UM ÔLHO ARROXEADO! ★ OS CEMITÉRIOS ONDE SE DORME SUAVEMENTE SOB AS ESTRÊLAS ★ EROS VOLÚSIA E GILBERTO SOUTO FALARAM PORTUGUÊS! ★ "QUAL A NACIONALIDADE DE JUDAS TADEU?"

De CESAR LADEIRA

Hollywood — Outúbro.

A novidade estourou como uma bomba e tomou conta imediatamente da cidade. Ganhou as primeiras páginas dos jornais de todo o país. A guerra da Coréia perdeu o pôsto nas "manchettes" sensacionais dos "tablóides" vespertinos. Passou a ser o assunto do dia, da semana, do mês. Apenas porque um namorado ciumento amassara o nariz do rival mais feliz, numa repetição banal de uma história que se repete com o eterno triângulo amoroso...

Mas acontece que êste especialíssimo triângulo sentimental é formado por três artistas de cinema. E do cinema americano. E a agressão banal que ficaria restrita às seções policiais aconteceu em Hollywood. Com êstes condimentos tão ao sabor do público norte-ameri-



AVENIDA MICKEY? Exatamente: Mickey Mouse. Mas convém esclarecer que está situada nos estúdios de Walt Disney, tratando-se de uma homenagem puramente familiar.



AGORA PERCORRENDO os estúdios da Warner Bros., o casal de repórteres brasileiros palestra com Eddie Bracken, a senhora Donald O'Connor, e posam todos com um sorriso agradável para os fans do nosso país. Filmava-se nesse momento «About Face», tendo Eddie Bracken declarado — como de praxe — que deseja bastante conhecer-nos de perto.

cano o prato estava pronto para o paladar ávido de escândalos do "babbitt" da classe média.

A história é simples: uma medíocre e novata artista, Barbara Payton, mais conhecida pelas suas aventuras sentimentais com um certo presidente latino-americano do que pelas suas atuações cinematográficas, foi vista várias vêzes em companhia de Franchot Tone nos "night clubs" da moda. Isto aqui tem o nome inocente de "boy friend", ou seja, namoradinho... Pouco tempo depois, Barbara conhece numa piscina o galã Tom Neal, tipo perfeito do Apolo século vinte, com músculos desenvolvidos e domesticados em esportes violentos. A sabedoria quarentona de Franchot Tone foi logo posta de lado pela virilidade esplendente de Tom Neal. E o casamento foi marcado, e as secções especializadas em mexericos artísticos glosaram o fato. Dois dias antes do enlace, Barbara desculpou-se com Tom que só poderia vê-lo tarde da noite, pois ela se ausentaria da cidade grande parte do dia tratando de uns assuntos pessoais. À noite, Tom foi esperá-la e ficou na residência da noiva até altas horas, quando surgem, visivelmente alcoolizados, Barbara e Franchot Tone. Averiguaram mais tarde os repórteres que Barbara passara todo o dia em companhia de Franchot Tone. Discussões, confusão, Barbara expulsa o noivo



NOS DOMÍNIOS da Metro, em conversa com Nina Foch, uma nova «estrêla» européia que aparece ao lado de Gene Kelly em «Um americano em Paris».



VIRGÍNIA GIBSON, um «brotinho» da Warner, está pedindo a César que lhe dê algumas lições para bem dansar o samba. Mas dona Renata não deixou...

de sua casa. Resultado: Barbara ganhou um ôlho arroxeado, Franchot ganhou um nariz quebrado, os ossos do rosto quebrado e ficou desacordado. E Tom Neal perdeu a noiva, que se colocou logo depois do escândalo ao lado do agredido, servindo-lhe até de enfermeira no hospital. E durante alguns dias os jornais exploraram o incidente que terminou de maneira imprevista: Franchot Tone casou-se com Barbara Payton. O quarentão acabou vencendo, apesar do nariz quebrado, o jovem galã de músculos fotogênicos...

Isto, senhores, é Hollywood

Mas a verdade manda que se diga que isto é apenas um dos lados da cidade do cinema. Existe também a parte honesta e laboriosa, de boas intenções, de gente que faz do cinema um meio tão dignificante como outro qualquer para ganhar a vida, criando a poderosa indústria do cinema norte-americano. Estúdios febricitantes de atividade, desde as primeiras horas da manhã até tarde do dia, dão trabalho a milhares de pessoas das mais diversas atividades ligadas ao cinema.

Tive oportunidade, esta vez, de rever os estúdios da Warner, da Metro e de Walt Disney, que já conhecia desde 1939, em plena produção. E agora, como antes, convenci-me que o cinema norte-americano não é apenas o boato malicioso sôbre a vida íntima dos artistas, os "gossips" fàcilmente arquitetados pelos colunistas fabricantes de escândalos que encontram material abundante nas meninas bonitas que fazem qualquer negócio para ganhar alguma notoriedade. Não! Cinema é trabalho, e trabalho estafante e organizado cuidadosamente, como tive oportunidade de observar mais uma vez nestas usinas incansáveis da Metro, da Warner e de Walt Disney, por exemplo, que fornecem um pouco de poesia e ilusão ao mundo todo, em forma de celulóide, enlatadas prosaicamente para uso externo...

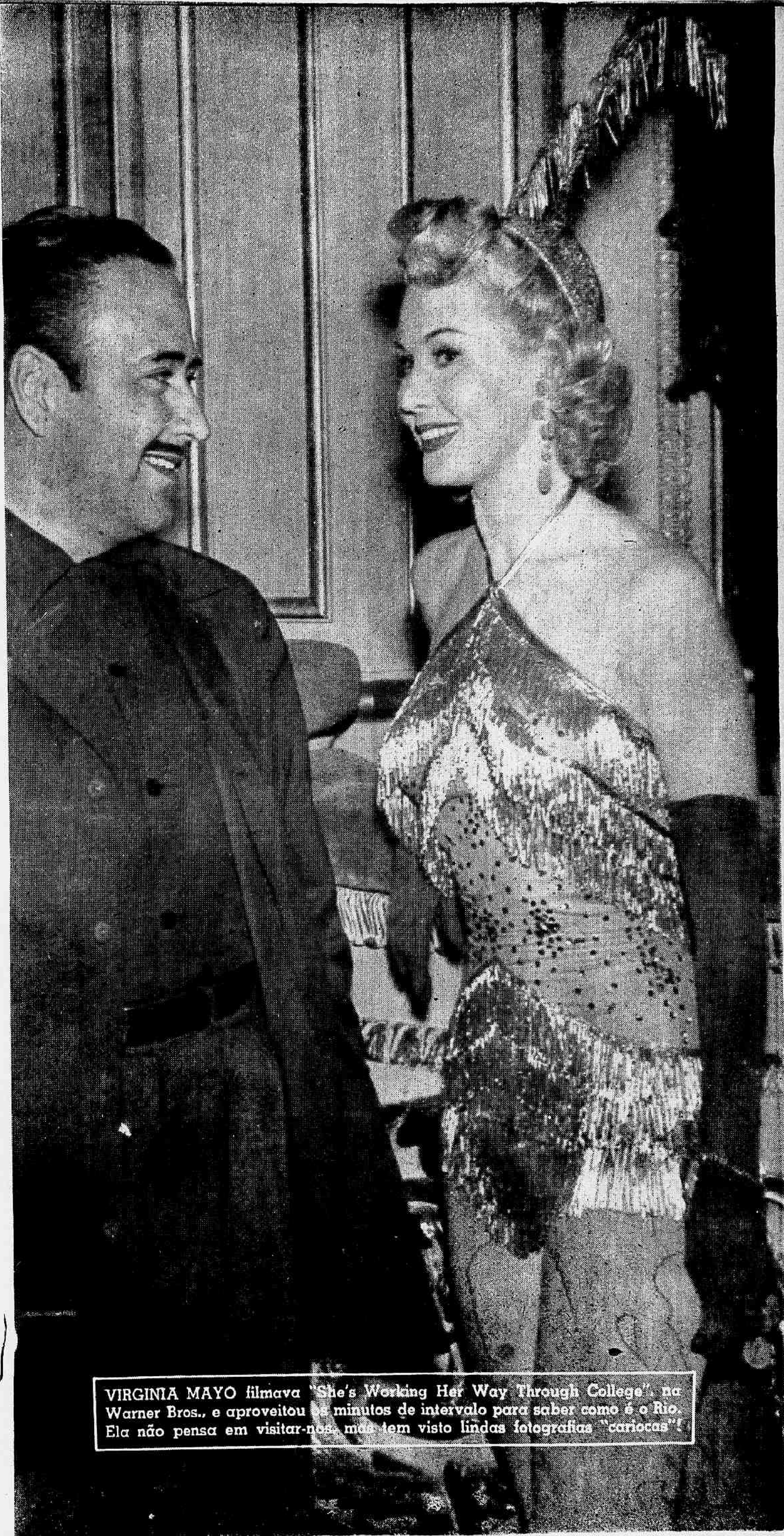
Isto, senhores, é Hollywood!

Mas Hollywood é também a cidade das carinhas bonitas, das meninas que sonham ser artistas de cinema e que vêm viver aqui, mais próximas das portas inacessíveis dos estúdios, e que se espalham pelos grandes "magazins" como "vendeuses", como garçonetes de restaurantes populares, nos "drugstores" nos "drive-in", por tôda a parte, enfeitando a cidade e à espera inútil que o faro de algum caçador de talentos a descubra...

Isto, senhores, é Hollywood!

A cidade que criou o mais incrível cemitério do mundo. Perdão! Eu disse cemitério? Esta palavra no último repouso de Forest Lawn é tabu... O defunto é chamado delicadamente "o ente querido", e para maior divulgação das qualidades dêste Campo Santo de Los Angeles, um grande e caríssimo programa de rádio é patrocinado pela firma proprietária e exploradora dos serviços que garantem o repouso terreno dos restos mortais do ente querido.

(Cont. na pág. 51)



VIRGINIA MAYO filmava "She's Working Her Way Through College", na Warner Bros., e aproveitou os minutos de intervalo para saber como é o Rio. Ela não pensa em visitar-nos, mas tem visto lindas fotografias "cariocas"!

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL A MAIS ANTIGA COMPANHIA DE SEGUROS DO BRASIL:
Sul América?
Argos Fluminense?
Aliança da Bahia?

2 — DE QUEM É A PARÁBOLA: «HÁ INDIVÍDUOS QUE VÊEM O ARGUEIRO NO ÔLHO DO VIZINHO MAS NÃO ENXERGAM UMA TRAVE NOS SEUS:
De Jesus Cristo?
Das epístolas de São Paulo?
Das sentenças de Confúcio?

3 — COMO SE CLASSIFICA, EM GRAMÁTICA, A OCULTAÇÃO DE UMA PALAVRA NA FRASE:
Cacofonia?
Elipse?
Infinito impessoal?

4 — QUAL O SIGNIFICADO QUE, EM PORTUGAL, SE DÁ A EXPRESSÃO «JUSTIÇA DE FAFE»:
Divisão ao meio?
Quando um recebe mais que outro?
Ou é sinônimo de pancada?

5 — QUE NOME TEM O PEQUENO APARELHO NOS CAMPOS DE AVIAÇÃO, E QUE ACOMPANHA A DIREÇÃO DOS VENTOS:
Biruta?
Astrolábia?
Bússola?

6 — EM QUE DIA NASCEU RUY BARBOSA:
2 de dezembro?
10 de janeiro?
5 de novembro?

7 — QUE QUERIA DIZER A PALAVRA «PATIFE», NO SÉCULO XVIII:
Moço de fretes?
Pequeno comerciante?
Operário de padaria?

8 — QUE NOME TÊM, EM GRAMÁTICA, AS PALAVRAS MUITO PARECIDAS ENTRE SI, COMO: «DIFERIR» E «DEFERIR», «CINTO» e «SINTO»:
Sinônimas?
Parônimas?
Antônimas?

9 — O ESTILO LITERÁRIO DE ALEXANDRE HERCULANO ERA:
Majestoso?
Satírico?
Simples?

10 — QUE QUER DIZER «INDUMENTÁRIA»:
Ciência da educação?
Arte no vestir?
Coleção de insetos?

11 — DE QUE POETA É ESTA FRASE, ANTES DE MORRER: «AINDA MAIS UM DIA DE SOFRIMENTO»:
Castro Alves?
Hermes Fontes?
Olavo Bilac?

12 — EM QUE CIDADE FLUMINENSE NASCEU O GRANDE REPUBLICANO ANTÔNIO DA SILVA JARDIM:
Campos?
Itaperuna?
Capivari?

13 — ONDE NASCEU O INCONFIDENTE E POETA CLAUDIO MANUEL DA COSTA:
Em Mariana?
Em Ouro Prêto?
Em Portugal?

14 — COMO MORREU FAUSTO CARDOSO, SERGIPANO, UM DOS MAIORES TRIBUNOS E INTELECTUAIS DO BRASIL:
Tuberculoso?
Afogado?
Assassinado?

15 — DE QUEM É ESTA FRASE: «PELO BRASIL, EU MORRO, PELO CEARÁ, EU MATO»:
Paula Ney?
José de Alencar?
Clóvis Beviláqua?

(Respostas na página 51)

O PEQUENO CONTO

FOI PARA PAGAR O ADVOGADO

GEO WILLIAM



Rufus Sbieletz era um dêsses gatunos que jamais deixam escapar a oportunidade. E oportunidade era, para Rufus, desde o brilhante de muitos quilates, até um par de chinelos. Tudo quanto lhe caia ao alcance das mãos era "mercadoria" valorizada.

Sabia perfeitamente onde "intrujá-la", pois mantinha largo círculo de relações no "bas-fond" de sua terra. Às vêzes, as coisas não lhe corriam conforme desejava. Já conhecera dias amargos, atravessando longas temporadas nas cadeias do município ou quebrando pedras ao sol, nas intermináveis estradas estaduais que se alongavam pelo Nebraska a dentro.

Sua ficha estava em tôdas as polícias e em tôdas as delegacias. Não havia um único "tira", fardado ou à paisana, que não o conhecesse. Nos "periodos de calma", quando passava frente a algum "policeman", não lhe era raro ouvir:

— Alô, polaco!

Êle respondia, imperturbável, já ultracalejado aos "sustos" que a lei inocula nos criminosos primários:

— Alô, pé-chato!

Já fazia tempo que os magistrados não mais o viam comparecer compungido, defendendo-se desesperadamente, alegando os maiores absurdos para se pilhar novamente no leito de uma via pública. Chegara até a fazer crescer saudades, pois que um julgamento de Rufus, mesmo nas Côrtes Pequenas, onde são despachados casos de somenos, era sempre um espetáculo. Com Rufus havia a possibilidade de os sisudos magistrados desopilarem o figado e isso era algo em abono ao velho malandro.

★

Certo dia Rufus foi detido, sob a acusação de ter furtado, do interior de um "store", belíssimo cronômetro de ouro. Negou Rufus a sua interferência no misterioso desaparecimento do relógio e jurou pelos santos, em quem jamais acreditara, ter as mãos limpas...

Um investigador metido a xereta descobriu o "intrujo" e êste para se livrar, não titubeou em denunciar Rufus, como sendo o vendedor da jóia.

— Desta feita preciso de um "alívio" — monologou o pobre.

E mandou recado a certo rábula de suas relações, dêsses que até dormem com um punhado de ordem de "habeas-corpus" metido no bolso do casaco. Concertaram as coisas e Rufus pagou trinta dólares — a soma que tinha recebido pelo cronômetro — adiantado Em troca recebeu a certeza absoluta de que seria absolvido.

★

O "advogado" houve-se com tamanha perícia, no dia do julgamento, que Rufus, cujas piadas já tinham inclinado o juiz a aplicar pequena penalidade, seu viu condenado a quatro anos de trabalhos forçados!

Quiçá compadecido com a fisionomia do velho malandro, o juiz, inclinando-se por sôbre o seu púlpito, indagou:

— Rufus... por que você furtou mais uma vez?

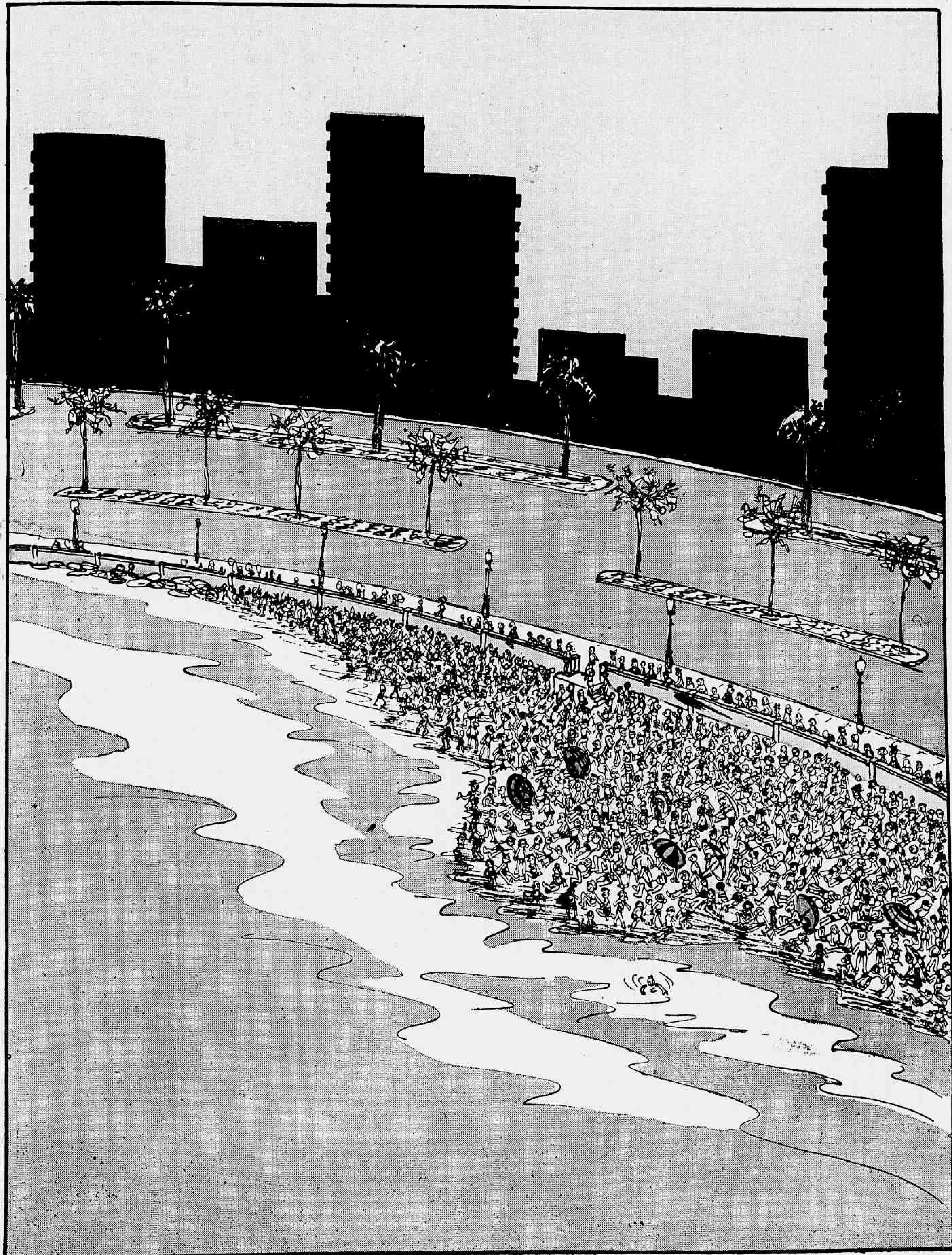
— Foi para pagar o meu advogado, vossa mercê! Os trinta "mangos", que recebi do judeu, estão no bolso do colete dêsse traste inútil, que me mandou quebrar pedras durante quatro anos!

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE"

4-DOMINGO FRIO NA PRAIA DO FLAMENGO



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

MARY não desejava ter em sua reunião familial no Dia de Graças, Delilah e seu pai.

— Mas nós não podemos ter aqui a Leila e o general, sem êles, dizia Mary a Barry depois de uma conversa pelo telefone com Leila, e não seria uma boa festa de "Dia de Graças" sem os Dick.

— Delilah, havia respondido Barry a título de consolação é muito interessante. Estou satisfeito com a vinda dela.

— Pode ser que seja assim interessante, redarguiu Mary com certa pose, mas não é nosso gênero.

— Leila já me disse também a mesma coisa. Não vejo o motivo por que vocês, as senhoritas, dizem isso e assim interpretam as pessoas.

— E' claro que você não perceba nada. Mas eu creio que, se olhasse bem para Leila, você encontraria a diferença. Leila é como uma pequena rosa selvagem, enquanto Delilah Jeliffe é uma tulipa.

— Eu gosto muito das tulipas! — Respondeu audaciosamente Barry.

Mary não conteve o riso. Como poderia? Barry era sempre Barry. E Delilah Jeliffe podia ir e vir na sua vida como o haviam feito outras moças. Mas, para êle, o que havia era Leila.

— Se você fôsse uma mulher, — diz Mary, saberia não apenas o referente a seus vestidos, ao rosado de suas faces e à maneira por que ela se penteia, que Delilah é bastante... é um pouco de tudo!

— Há muitas Delilah Jeliffe para pescar um homem!

Mais tarde êles discutiram sôbre o caso do convite que deveriam fazer ao inquilino de Mary.

— Será muito pouco hospitaleiro se o deixarmos passar êsse dia de festa lá em cima, sòzinho.

— Não vejo nenhuma razão para que êle também venha à nossa festa para jantar conosco, diz Barry com indisposição. Você nada sabe de sua vida, e eu sou da mesma opinião de Porter: as referências de Bancos são insuficientes para saber-se que vida leva um indivíduo. De qualquer modo não estamos certos de que êle tenha roupas convenientes para uma reunião dessas.

— Nós devemos servir o jantar às três horas, respondeu Mary, justamente como mamãe costumava fazer no "Dia de Graças". Caso você não concorde, eu não convidarei Roger Poole; mas acho que você estáme saindo um camaradinha muito pedante, Barry.

Os olhos de Mary como que lançavam chispas.

— Que já lhe fiz para merecer êsse qualificativo? — Pergunta o irmão.

— Você não o tem tratado como manda a educação, declara a irmã. Dentro do bom senso, êle é sempre um convidado em festas de nossa casa, e você nunca subiu até a seus aposentos, desde que êle chegou, e êle é um "gentleman".

— Como sabe disso?

— Sei por que sei.

— Entretanto, outro dia, você insinuou que Delilah Jeliffe não era uma dama, de acôrdo com o sentido que você tem do têrmo, e que eu não poderia saber a diferença, porque eu sou homem. Eu deixarei que você mantenha a opinião sôbre Delilah, se também me permitir que eu mantenha a minha a respeito de Roger Poole.

Mary não vacilou quanto ao convite a Roger naquela noite. E o fêz como boa prova de hospitalidade.

— Estamos exclusivamente em família, para o jantar, disse Mary; mas, em seguida, convidaremos amigos para a hora das diversões, e gostaríamos que cada um tivesse alguma coisa a contar, que também cantassem ou fizessem qualquer jôgo de salão, conforme a tradição dessa noitada.

O orgulho de Roger o incitava a recusar essa hospitalidade da jovem que, um dia, havia esquecido que êle morava naquela casa. Mas, quando Mary o convidou com um sorriso nos lábios e lhe falou com doçura na voz, êle não se sentiu com bastante fôrça para retrair-se. Vivia tão só, tão isolado, que o momento lhe parecia providencial.

Ao vestir-se a rigor naquela noite, experimentou verdadeira alegria de viver. Bastaria aquela noite para fazê-lo voltar à vida. Reintegrava-se em si mesmo. Ninguém o poderia humilhar. Certos sentimentos afrontosos vêm do amor-próprio. Os que estão acima dessas coisas não têm precisão de ressentir-se. Quando, enfim, entra no salão, o ambiente não estava iluminado, salvo pela chama vacilante do fogão. Os convivas reunidos em círculo na penumbra da sala receberam, cada um, uma vela nova.

Roger encontrou lugar em grande cadeira próxima do piano e alí se sentou cheio de curiosidade. De súbito a gatinha Pittiwitz, deixando o recanto da chaminé, vem até Roger e roça as costas em sua mão. O inquilino a ergue amàvelmente e a coloca aos joelhos alisando-lhe o pêlo sedoso. O animalzinho se senta sôbre as patas como se fôsse uma esfinge e fica a olhar o ambiente com os seus olhos côr de âmbar, a brilhar na obscuridade. Quando o último convidado tomou o seu lugar, Barry se coloca diante de todos e lhes explica o programa:

— Cada um deve acender sua vela, depois de ter feito alguma coisa de interessante. Todos conhecem o motivo. Todos têm talento e traquejo social para mostrar-nos habilidades.

Como não houve nenhum voluntário para o início do jôgo, Barry se dirige a Leila naquele círculo de convivas e lhe diz:

— E' você que tem de começar.

Leila possuia um ar muito infantil e doce; ergueu-se e, com a vela na mão direita, cantou uma canção de ninar. Mary a acompanhou docemente ao piano, sentada perto de Roger, à penumbra, deixando que a bainha de seu vestido de veludo roçassem os seus pés. Quando a canção terminou, Leila aproxima um fósforo de sua vela, acende-a e vai, na ponta dos pés, colocá-la a um canto da chaminé, onde a vela começa a arder vivamente.

Em seguida vêm o general e Mr. Jeliffe. Colocam duas almofadas sôbre o tapête diante da chaminé e se ajoelham solenemente um diante do outro. Depois, com muita atenção e seriedade, executaram o popular jôgo "Pease porridge hot, pease porridge cold". As gordas mãos do general tocavam as magras mãos de Mr. Jeliffe, alternadamente e em unissono. Fizeram a prova sem uma só falta. Mas, ao terminar o jôgo, estava o general tão cansado que, tentando levantar-se, só o conseguiu com a ajuda de Porter, que o ergueu como a um fardo.

E agora havia três velas acessas. Depois coube a prova a Barry e Delilah, os quais dançaram juntos um número de dança que escolheram. Essa coreografia possuia um misto de selvageria e um tanto de perversidade, e Delilah, no seu vestido de chiffon côr de safira, com a túnica de tule prateada a flutuar, tinha o ar, na iluminação flácida de estranho pássaro noturno.

Depois Leila ao piano e Porter dança um minueto com Mary. Haviam aprendido a dançar na Escola de Dança mas, desde muito não treinavam. Contudo sairam-se maravilhosamente bem. A elegância de Porter se casava bem com a estatura de Mary, que havia juntado ao seu vestido de veludo verde pequenino boné, e uns enfeites de renda, ressaltando-lhe a radiosa beleza que tanto encantara a Roger no dia do casamento de Constance.

Roger sentia pulsar mais fortemente o coração ao olhá-la naquela noite. Mary e Porter formavam um par muito bonito. O jovem milionário e a bela Mary estavam, como que nascidos um para o outro. Assim como coordenavam seus passos para a dança, também poderiam harmonizar suas vidas se chegassem a casar-se, e essa harmonia seria para sempre. Mas Mary era divinal. Que poderia ensinar Porter Bigelow a ela no que toca às estrêlas?

E já agora estavam acesas sete velas. O espírito de Carnaval se havia apoderado de todos. Uma canção seguia a uma história, uma história por uma canção e tudo corria tão festivamente que, no final, o salão parecia imerso numa onda de dourado encantamento. Foi quando Mary lançou os olhos para Roger Poole. Êle estava um pouco inclinado para a frente, numa atitude de quem espera.

Então a moça se dirige a êle, num impeto:

— Sr. Poole, tenha a bondade.

Sem qualquer traço de acanhamento ou embaraço, nem tão pouco demonstrando pedantismo na maneira como respondeu, disse Roger:

— Posso ficar sentado aqui? — Começou. — Como vêem minha gata se grudou a mim, e como vou falar a respeito de um gato, ela nos dará uma côr muito local.

E o rapaz começa com a mão direita pousada na cabeça da gata cinzenta e a esquerda apoiada sôbre os joelhos. Exprimia-se sem gestos; mas, à medida que falava, o maior silêncio se fêz no salão, essa calma que reina nos auditórios de elite. Roger falava fluentemente, sem nenhuma hesitação no discurso, dentro de um método oratório controlado com perfeição, nutrido por uma inflexão de voz que prendia, encantava e fazia palpitar os ouvintes, encantando-os deliciosamente. Era a voz de um grande orador e de um grande ator.

A história que narrava era a de Whittington e de seu gato. Mas não era a velha tanção infantil. Êle a interpretava de acôrdo com um dos mais jovens poetas inglêses. Como precisaria de tempo para narrar, reduziu a elocução ao essencial e ia citando versos aqui e ali. Parecia a Mary, quando êle falava, que todos os sinos de Londres repicavam festivamente.

Elos Mercatorum, gemit la cloche de [Toussaint,
C'étais un orphelin,
Oh! un petit garçon tout seul !
E toutes nous avons chanté,
Dit en écho la cloche de Saint-Sauveur,
L'appelant, le seduisant, le faisant notre [enfant.

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

MARY Ballard era a proprietária do grande solar, tipo acastelado, onde morava em companhia de [illegible] tias e irmãs. No dia do casamento de sua mana Constance, ela recebeu, à revelia, o sr. Rooger Poole, que ali fôra atraido por um anúncio sôbre cômodos a alugar no mesmo castelo. Mary podia alugar um dos apartamento do edifício, uma vez que era a dona do prédio, embora isso trouxesse contrariedades aos seus maiores. Recebendo às escondidas o futuro inquilino, já em cima da hora da cerimônia, todos de casa ficarem preocupados com a sua ausência, até que começaram a gritar por ela. Mary deixou o visitante e retornou ao salão onde pululavam os convidados. Mr. Poole se retirou depois de ter fechado o negócio com a jovem.

Mary ainda não se sentia desolada com a ausência da irmã Constance: mas tudo indicava que dias amargos se aproximavam. Mary encarava o mundo com absoluta indiferença e não decidira amar ninguém com a paixão que gera o sacrifício. Era voluntariosa e isso causava à sua tia Frances constantes motivos de rusgas domésticas.

Quando Constance teve que deixar o castelo, seguindo em viagem de núpcias com o espôso, Mary concebeu a idéia de fazer-se ouvir nos negócios da casa e sua diferença com tia Frances começou quando esta lhe disse que Mary precisava ir para Nice.

Tia Frances já havia preparado tudo para que a casa ficasse vazia e, talvez, fôsse vendida. Mar Mary previu o golpe e o aparou. Ela queria ficar sempre ali, e alegou que precisava permanecer ali a fim de tomar conta de Barry. Além disso, sua tia Isabelle ficaria também, e o problema de Susan Jenks, que havia embalado todos êles nos brços, estaria resolvido. Tia Frances insistiu na ida de Mary para Nice, mas a moça revelou a grande novidade: não podia ir porque alugara o apartamento da Tôrre. Era a primeira vez que se admitiam inquilinos ali. A um canto, Porter Bigelow, que nutria por Mary uma paixão louca, achou extraordinária a decisão de Mary.

Bigelow cada vez mais se apaixonava por Mary, mas a jovem «rebelde» ao amor e sempre insatisfeita com as condições da mulher na sociedade, não lhe dava atenção. Bigelow, entretanto, começava a suspeitar que ela possuisse algum amor oculto...

Mary e sua tia Isabelle fazem confidências e a moça ouve da bôca da velha solteirona o motivo por que não casara. Mary vai deitar-se a pensar na magnitude do um amor sincero e imortal como êsse que dourara a velhice da tia, e jura a si mesma que só amaria, se um dia tivesse de amar. Por seu lado Rooger Poole, que está sentindo grande paixão por Mary, mas a oculta cada vez mais, porque percebe que ela não sente nada por êle, procura distrair-se e vai a uma casa de chá lá na cidade. Inesperadamente vê entrar uma jovem e uma senhora mais idosa, acompanhadas de uns homens, dentre êstes Porter Bigelow, o que andava louco por Mary, sem ser correspondido.

E êle lhes fazia ver o menino que se dirigia para a grande cidade, e tôda a intensidade de seu colorido encantamento. Êles viam o seu encontro com Alice de vestido verde, e os viam transidos de frio, famintos, fracos e de pés vacilantes, desamparados à soleira de uma porta.

Sua vòz se tornou mais suave e como que ria através da narração do conto. Falava do barco aparelhado para percorrer o mundo. Do entusiasmo de cada um prestes a arriscar os seus haveres, quando os aventureiros de Marchaunt dividiam com seus aprendizes tôdas as chances da aventura.

Mas Whittington nada tinha a dar.

— Nem um penny sequer, disse êle à doce Alice. Gastei meu último vintém para comprar um gato.

Hé! mais nous avons besoin d'un chat!
Diz o capitaine. Aussi quand le bateau
[peint
Vogua sur la Tamise dans l'aube dorée,
Une queue grise flottait sur la poupe
[brumeuse
Et Whittington partait à l'aventure sur
[les mers!

As últimas palavras vibrantes arrancaram aplausos tumultuosos. Pittiwitz acordou, sentou-se e boceja.

Convidados se voltavam para uns e para outros e perguntavam à meia voz:

— Quem é êsse Roger Poole?

Em surdina, Barry resmunga soturnamente.

— Peste!

Poderia agora admirar o locatário de Mary, mas não poderia encará-lo jamais com condescendência. E Delilah Jeliffe, sentada ao seu lado, murmura:

— Já ouvi essa voz em algum lugar. Mas onde?

Novamente a atenção se fêz, pois a história prosseguia narrando a felicidade que caiu sôbre o jovem aprendiz, quando um rei da Barbaria lhe ofereceu grande soma pelo seu gato, porquanto o palácio real, embora decorado de diamantes era invadido pelos ratos. Fala de Whinttington que oferece tôda a sua fortuna a Alice e a recusa da jovem.

Je sais un moyen, dit la
[cloche de Saint-Martin.
Dites-le, et vite, dirent les
[apprentis !
Whintington n'a qu'a l'épou-
[ser, l'épouser, l'épouser
Carillonnez pour un hymen,
[dit la grosse cloche de Bow.

Roger pára, então, e, com Pittwitz no braço se levanta para acender sua vela. Todos em volta dêle não continham exclamações de aplauso. Mas Roger não via mais que um rosto: o de Mary. E ela se curvou para êle:

— Foi maravilhoso, disse ela.

— E' um belo poema, respondeu Roger.

— Não é ao poema que me refiro, e sim à maneira como o senhor o declama!

Com muita calma exterior, êle leva sua vela acesa e a coloca no local onde estavam as outras. Em seguida retorna ao seu lugar e olha Mary, aquela Mary de olhos brilhantes.

A noite lhe pertencera, era exclusivamente dêle.

— Então, agradou-lhe a história?

Durante uns instantes ela não respondeu. Em seguida disse:

— Estêve maravilhoso!

Todo mundo se aproximava dêles, agora; Roger lhes falava com a fluência de um homem traquejado. Mesmo Barry foi obrigado a reconhecer que suas maneiras eram irrepreensíveis, bem como seu vestir. Quanto ao seu aspecto, não era possível compará-lo ao ruivo Apolo de Mary: não se pode comparar um lobo real com um leão de juba loura!

Durante o restante do programa Roger se colocou sempre ao lado de Mary, e era embevecido que a ouvia. Êle se maravilhava naquele ambiente festivo a olhar para as velas a arder com sua luz pontuda. Afastou-se para a ceia e, novamente, sentou-se ao lado de Mary. Estava tão alheio que certamente nem soube o que comera. Certo momento percebeu sôbre êle o olhar furioso de Porter. Roger sabia que, no dia seguinte teria que renunciar a tais honras e voltar ao que era na véspera. Mas, — pensava êle, — suceda o que suceder, pode o mundo acabar hoje mesmo.

(*Continua na pág. 46*)

Tradução de RENATO de ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



A VOLTA DE "BUGS" COONAN





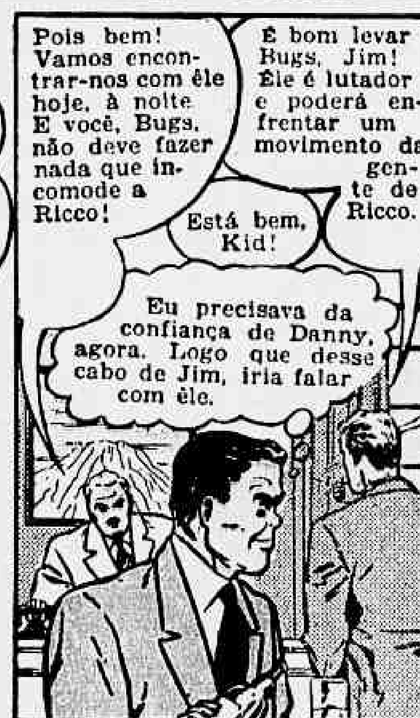












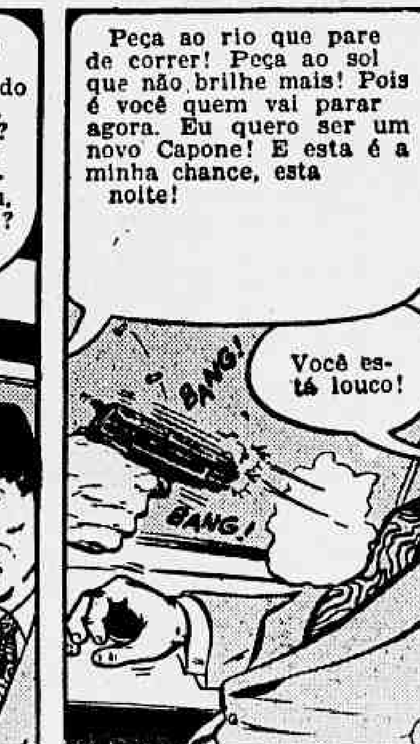


















"[S]ETE DEDOS" CUMPRIU A PROMESSA

[E]SPETACULAR FUGA DE [D]ETENTOS EM S. PAULO



FARDAS dos presidiários encontradas fora da Penitenciária. Foram trocadas pelas roupas levadas por alguém.

QUEBRADA A INEXPUGNABILIDADE DA PENITENCIÁRIA DO CARANDIRU ★ FUGIRAM POR UM TÚNEL DE 3 METROS DE PROFUNDIDADE ★ LOGRARAM OS EVADIDOS BURLAR A VIGILÂNCIA DOS GUARDAS ★ TERIA HAVIDO CONIVÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS ★ FALHOU A POLÍCIA, DURANTE AS PRIMEIRAS CINCO HORAS ★ INVESTIGADORES TEMEM VINGANÇA ★ "ATIREM PARA MATAR" ★ "QUEM DELATA MORRE!" ★ A MAIS ROCAMBOLESCA FUGA DE QUE JÁ TEVE CONHECIMENTO A CRÔNICA POLICIAL DO BRASIL ★ NADA AINDA ESTÁ CLARO

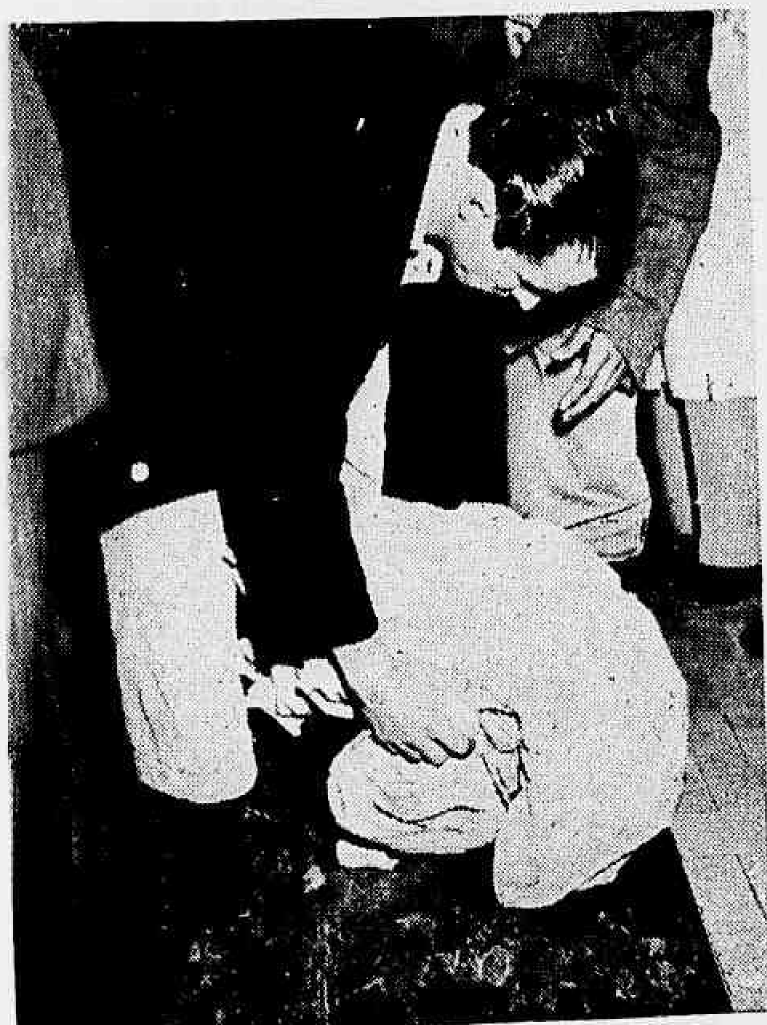
[T]exto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — Fotos de DARIO TERINI

[S]ÃO PAULO, novembro — A inexpugnabilidade da Penitenciária de São [P]aulo, que provocou tantos elogios dos [n]úmeros criminalistas nacionais e estrangeiros que a visitaram, foi espetacularmente quebrada por seis perigosos facínoras, que se evadiram, deixando a polícia boquiaberta e sem uma pista sequer que pudesse orientar.

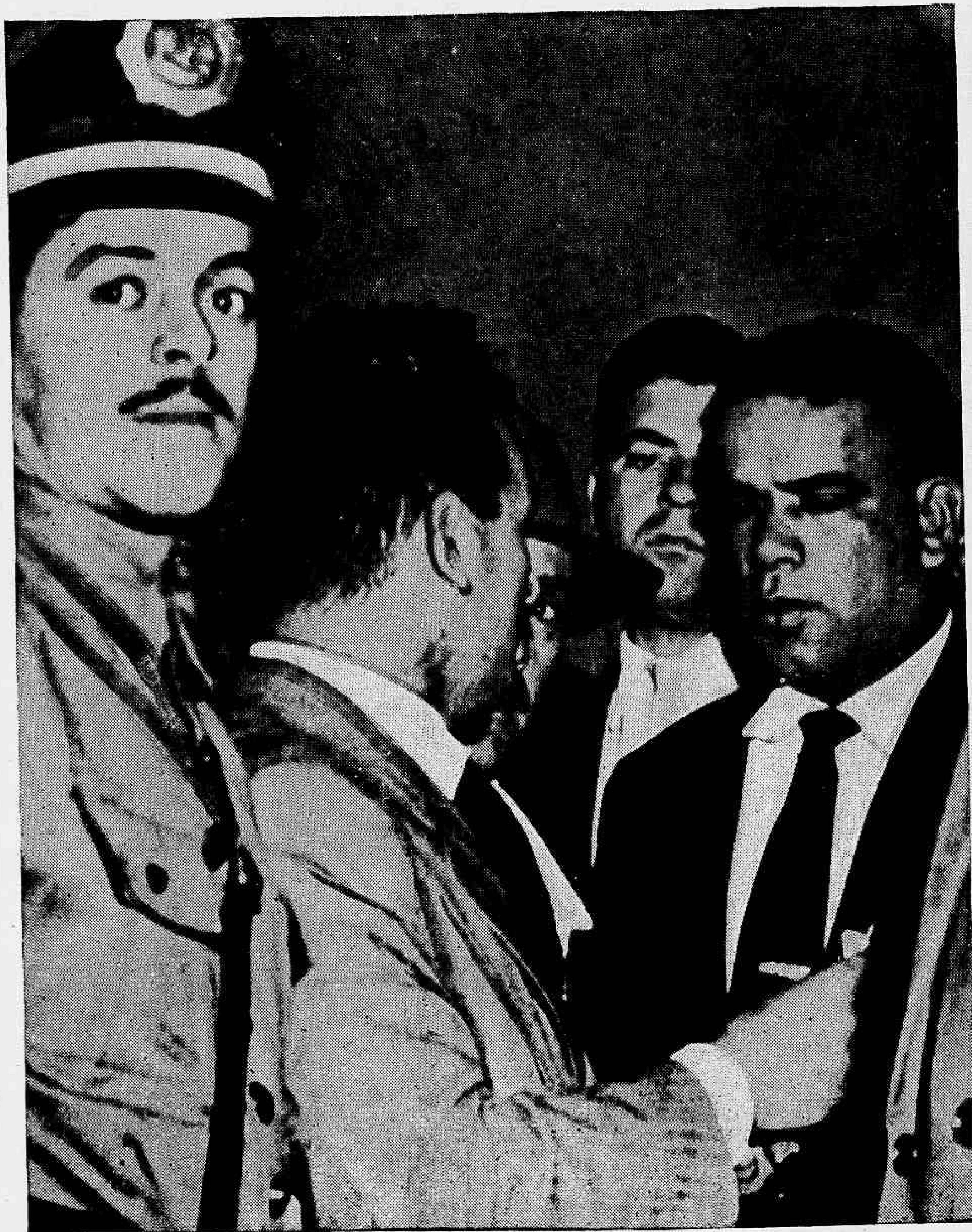
Os fugitivos são: Benedito de César Lima, [v]ulgo "Sete Dedos"; Álvaro Fernando da [C]onceição Carvalho Farto, cognominado ["]Portuga" e também conhecido por "Rei [d]as Fugas"; Geraldo Fonseca de Souza, [a]pelidado de "Diabo Louro"; Samuel Freitas Santos, que se faz passar por Mário [S]obral; Benedito da Conceição Fontes e [D]esidério Felício Fossa, todos conhecidíssimos pela polícia brasileira e acusados de [c]rimes em vários Estados da União.

A FUGA

Era aproximadamente 18 horas do dia [2]9 de outubro, quando se teve conhecimento da espetacular escapada empreen-



[A]S FARDAS foram convenientemente guardadas. A Polícia Técnica manifestou desejos de estudá-las. Agora...



«SETE DEDOS», quando foi recambiado para São Paulo, faz aproximadamente seis meses, declarou que, dentro dêsse lapso de tempo, retornaria à liberdade. E cumpriu a promessa, mostrando ser um homem escravo da palavra.



O PELOTÃO de choque da Fôrça Pública teve ordem de atirar para matar. Era questão de vida ou de morte, tratando-se da mais sensacional fuga já registada no Brasil.

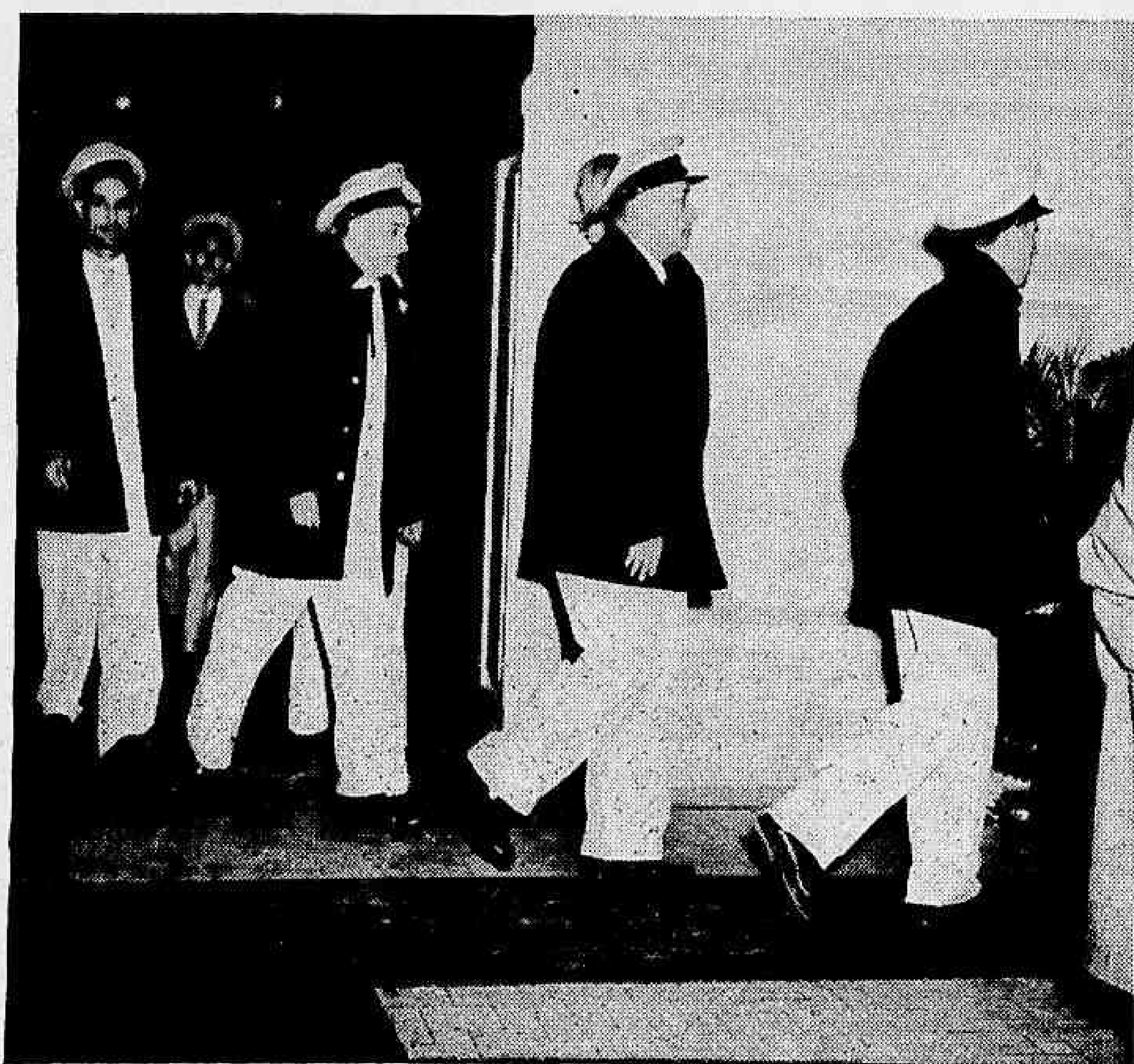


CAROLINO ROMANO, funcionário da prisão, encontrou as fardas abandonadas. Nada sabe, nada viu, não diz nada...

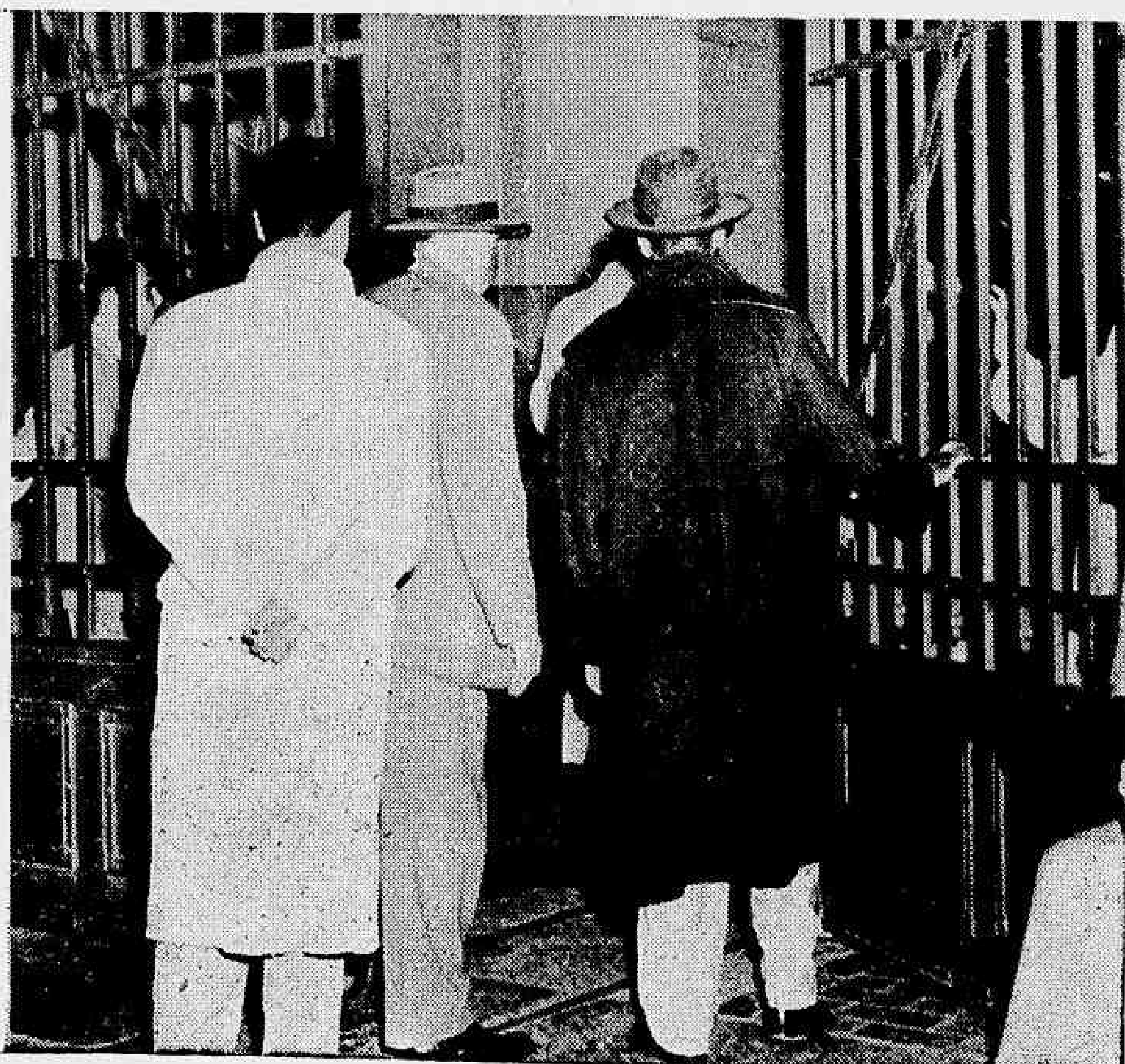
dida por "Sete Dedos" e seus comparsas. Os detentos da Penitenciária de S. Paulo haviam terminado a labuta diária, nas diferentes oficinas do presídio e ia ser procedida a chamada para encerrá-los nas celas, quando foi notada a falta dos fugitivos. Imediatamente, foi dado alarma mas êles deveriam estar bastante distanciados da capital, porquanto até ao momento a polícia não conseguiu localizá-los.

Ato contínuo, as autoridades se movimentaram para, lamentàvelmente, constar o que há 32 anos era tido como impossível: fugir do Carandiru. Porém, a fuga havia sido planejada e perpetrada sem que os vigilantes nada percebessem, sem que os mestres nada notassem, o que levou a polícia a levantar a hipótese de conivência, envolvendo alguns funcionários do presídio, que teriam participado da fuga, auxiliando os meliantes.

"Sete Dedos", bem como os demais evadidos, trabalhava na carpintaria da Penitenciária e, segundo declarações do seu di-



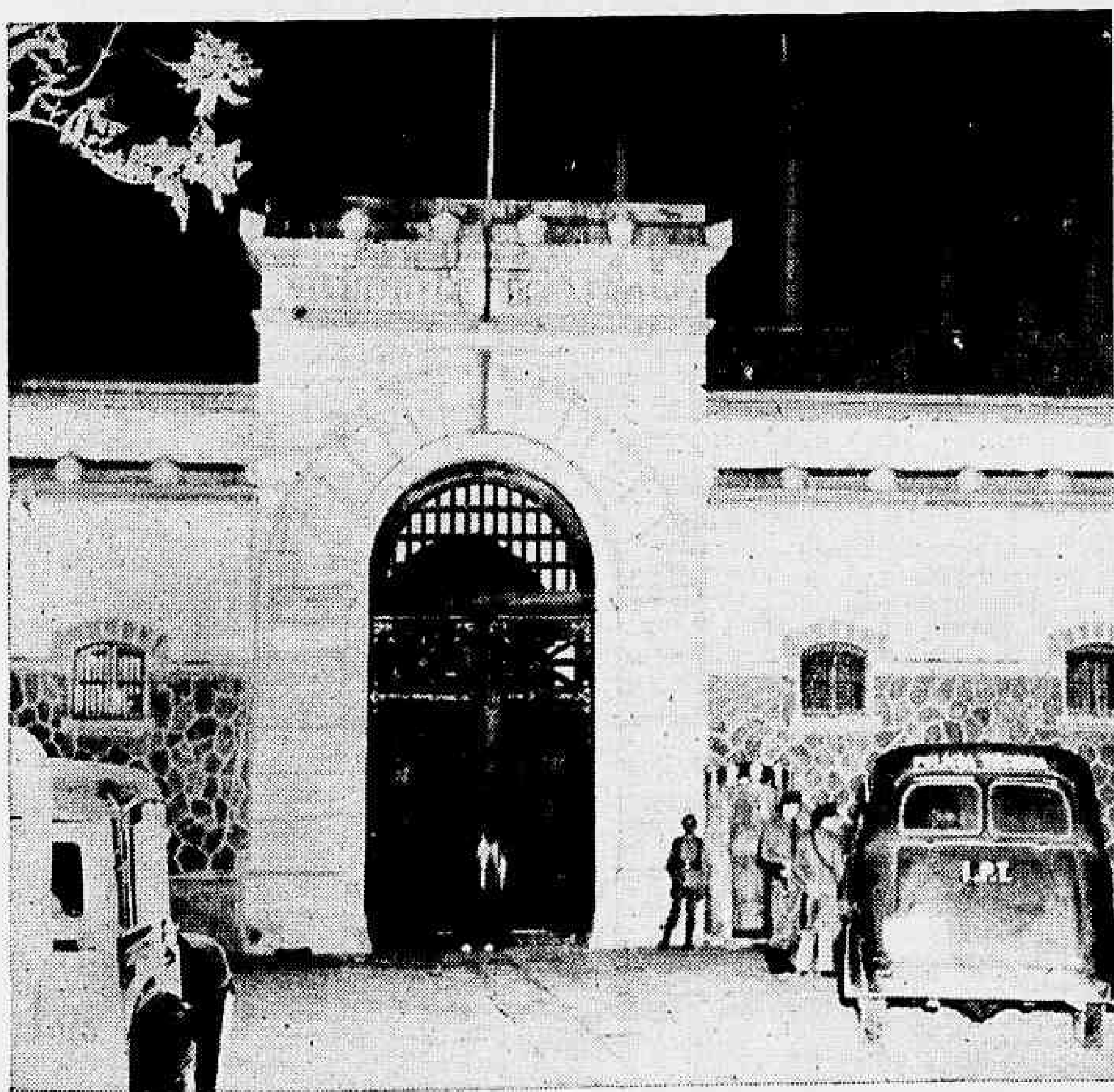
OS GUARDAS do presídio foram mantidos incomunicáveis, em uma sala, onde sofreram rigoroso interrogatório. Para quê se não souberam manter a vigilância que se impunha?



OS PESADOS PORTÕES da Penitenciária só foram abertos para que os seis facínoras entrassem. A saída foi mais quieta e sem o ranger dos gonzos. Nem luz eltrérica lhes faltou.



BASSINI HAVIA prometido soltar «Sete Dedos», quando êste foi prêso em Pôrto Alegre. A guarda foi dobrada, o homem encarcerado e afinal fugiu. Fala-se que Bassini teria tomado parte ativa nesse empreendimento. E houve até metralhadora para enfrentar a polícia em caso de maior necessidade...



LOGO QUE A POLÍCIA TÉCNICA chegou, o local foi interditado e os técnicos trabalharam bastante sem nada adiantar. Descobriram, de início, uma completa instalação elétrica



APESAR DE TÔDA a mobilização, sòmente cinco horas depois as estradas foram fechadas e as rádio-patrulhas avisadas da fuga. Enquanto isso os meliantes andavam longe...

APÓS VIOLENTO tiroteio, a polícia conseguiu prender Benedito César de Lima, na capital gaúcha. Agora, libertado, tornou-se sério problema para as autoridades...

POR MUITOS dias, as «manchettes» só falavam em «Sete Dedos». Famoso, perigoso e mau exemplo moral e psíquico para o povo, prova êle a incapacidade da polícia.

Da esquerda para a direita: Benedito da Conceição Fontes; Samuel Freire
Fugas); Desidério Felicio Fossa; Geraldo

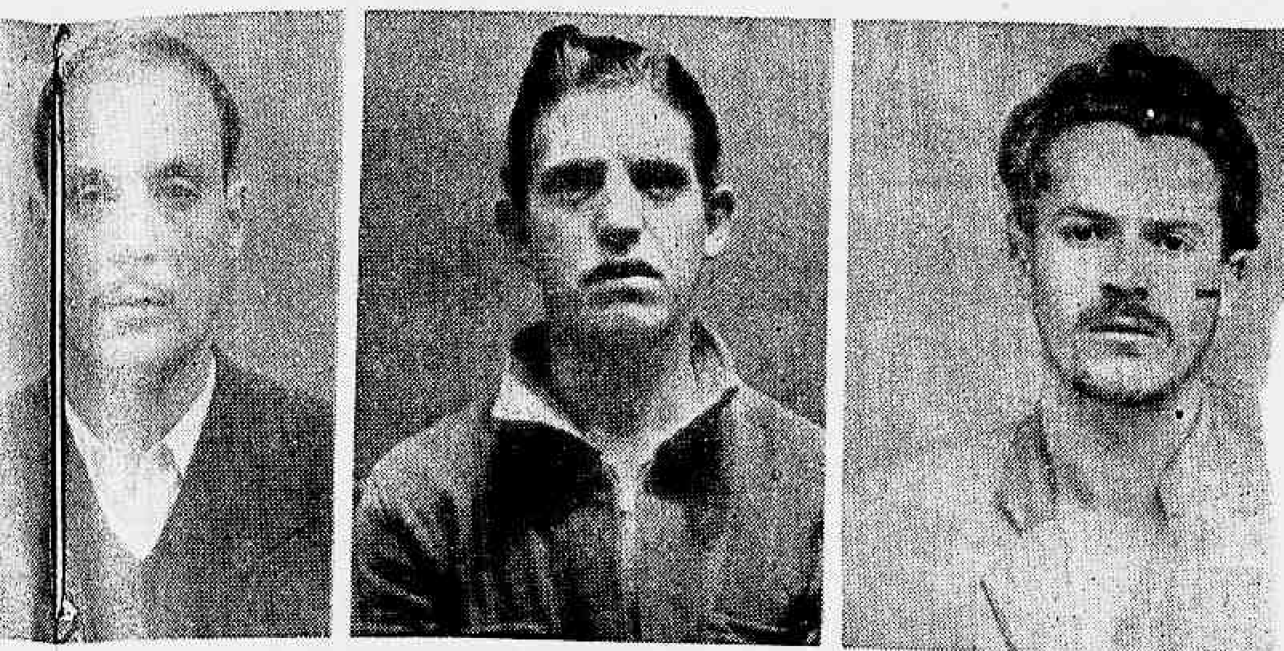
retor, Sr. Sebastião Carneiro, todos gozavam de certo conceito, no que diz respeito à disciplina, pois não haviam cometido qualquer deslize desde o seu ingresso e Faro, graças a isso, conseguira, mesmo, um cartão de livre trânsito no presídio. Seria, portanto, difícil se imaginar que aquêles detentos estivessem planejando uma fuga e conseguido levá-la à efeito, desafiando a vigilância interna e externa do presídio.

O TÚNEL TINHA LUZ

Os criminosos, a fim de lograrem alcançar a liberdade, escavaram, no prédio da carpintaria, um túnel de três metros de profundidade por dez de comprimento, com diâmetro tão reduzido que obrigava

um homem norma a es
vessá-lo. Atravessava
muros da penitenciária
reno baldio que a cer
surdo que pareça, co
instalação elétrica, para
terior. No seu final,
foram encontradas as
rias, o que prova que
auxílio de alguém de
Com as roupas trocad
elegantemente trajados
vessaram o terreno ba
de vista, tomando rum
teressante notar que o
entre a Penitenciária
Polícia. No entanto, n
ou a aproximação de p
teria auxiliado os meli

EIS A ENTRADA do túnel. Mede três metros de profundidade e liga-se a uma
Como foi aberto? Quem deu auxílio? Que ferramentas foram usadas?



Freire Freitas Santos (Mário Sobral); Álvaro Fernando da Conceição Farto (Rei das Geraldo Fonseca de Souza (Diabo Loiro).

...rmava a espremer-se para atravessava êsse túnel os dois ...itenciária, alcançando o terreno ...ue a cerca e, por mais abs...reça, contava com perfeita ...rica, para sua iluminação in... a final, já fora do presídio, ...rada as fardas penitenciá...ova que os evadidos tiveram ...uém de fora.

...as trocadas e, possìvelmente, ... trajados, os bandidos atra...rreno baldio e perderam-se ...ndo rumo ignorado. E' in...ar que o final do túnel fica ...enciária e a 9ª Delegacia de ...'anto, não foi notada a fuga ...ção de pessoas suspeitas que ... os meliantes a fugir.

"SETE DEDOS" E BASSINI

Uma fuga com caráter tão romanesco e hollywoodiano só poderia ter sido engendrada por cérebros ativos e por homens corajosos, que contassem, também, com auxílio externo — meios materiais — que garantisse a escapada e locomoção para outros lugares.

Várias são, portanto, as hipóteses levantadas em tôrno da evasão e, dentre elas, a de "Sete Dedos" ter sido auxiliado por seu amigo, o meliante Nelson Bassini que, com êle e mais dois criminosos, se evadiu, em 1948, da penitenciária de Niterói. Bassini desapareceu e a polícia desconhece seu paradeiro, desde aquela época. Quando "Sete Dedos" foi prêso, em Pôrto Alegre,

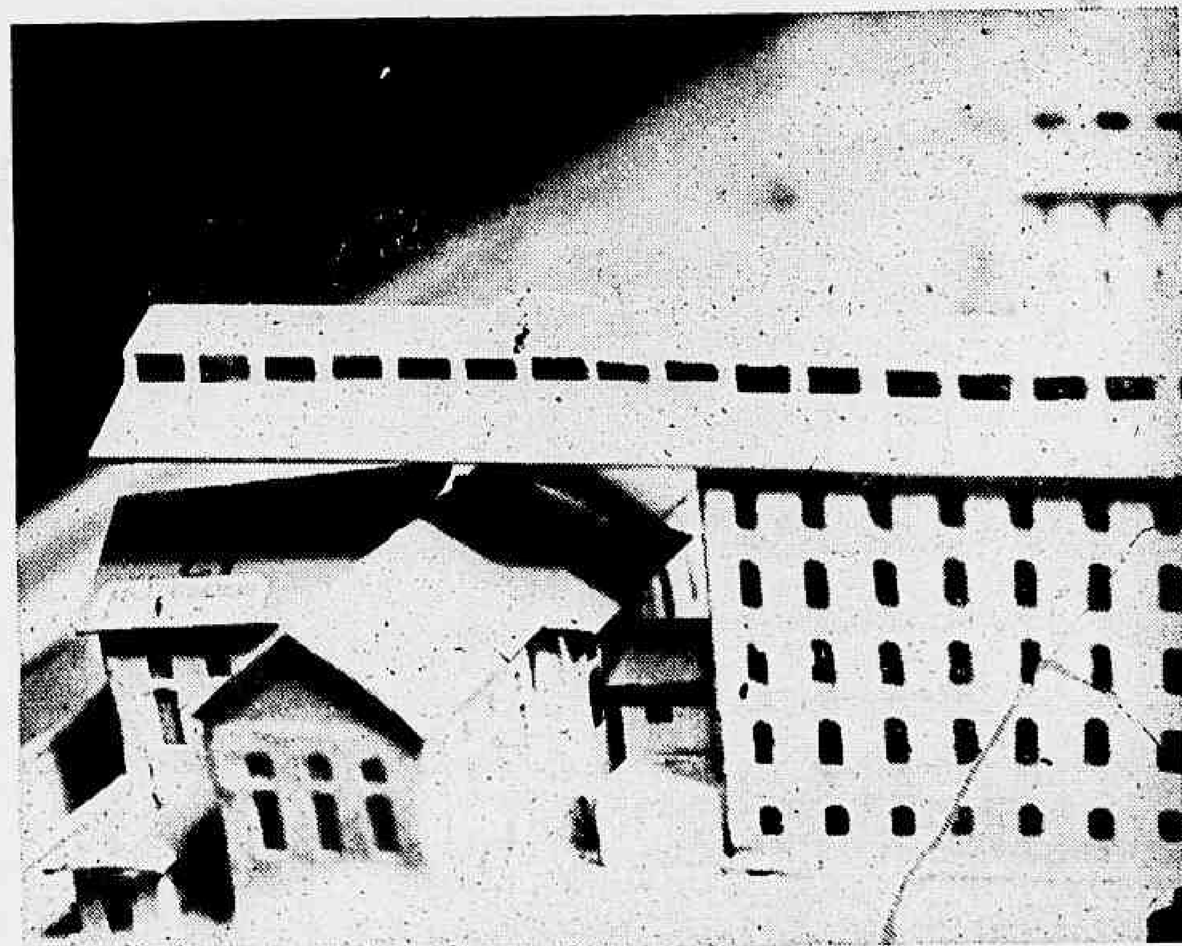
Cont. na pág. 50)

...e a uma galeria com dez de extensão, que atravessa os dois altos muros da Penitenciária. ...usada? Onde depositaram a terra das excavações? Como burlaram a vigilância?





O CAP. FRANCISCO ETTORE GIANNICO, comandante da Guarda da Penitenciária (à direita), adentra «a sala da reunião», logo depois da fuga. Como teria explicado o caso?



NA MAQUETE da Penitenciária, pode-se ver a marcenaria de onde parte o túnel e os dois muros por sob os quais êste passou. Ninguém viu, ninguém sabe — e tudo é mistério.

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

A DECISÃO DRAMÁTICA DE TRUMAN PARA ENFRENTAR A "AMEAÇA" RUSSA ★ FORRESTAL ENTREGA AO CONGRESSO AMERICANO UM PROGRAMA DEFINITIVO

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte).

TRÊS dias depois do recebimento do telegrama do general Clay, no dia 3 de março de 1948, exprimindo o seu "pressentimento" de que a guerra parecia estar iminente, a Comissão Senatorial das Fôrças Armadas, que vinha considerando com disconfiança a proposta relativa à legislação do T. M. U. (Treinamento Militar Universal), resolveu dar andamento à mesma para que se discutisse o assunto.

Forrestal já havia proposto uma reunião com a Junta Diretora fora de Washington, a fim de ser resolvida a questão das desavenças infindáveis em virtude das finalidades e incumbências impostas à Junta em questão. Realizou-se a primeira sessão no dia 11 de março, foi secreta e teve lugar na principal base naval do Oeste e só terminou, no domingo, dia 14. Só se conseguiu chegar a um acôrdo no que se referia às **incumbências** e ao mesmo tempo ficou decidido "que agora é o momento preciso para pedirmos o restabelecimento do recrutamento militar" e "que é urgente um exame dos assuntos que tratam da enérgia atômica e se já pode ser feita a transmissão dos armamentos para as fôrças armadas".

Ficou também resolvido que se pedisse ao Presidente para requisitar do Congresso uma verba suplementar no sentido de se elevar o total do nosso poderio militar a um ponto que "seja quase atingida a realidade da situação mundial", como disse Forrestal.

No dia seguinte, 15 de março, Forrestal deu ciência do ocorrido ao Presidente e ficou sabendo que êste já estava a par das conclusões da Junta no tocante ao serviço militar e que o Presidente já tinha tomado uma decisão dramática.

15 de março de 1948 — Reunião com o Presidente

O Presidente disse que na quarta-feira entregaria ao Congresso, uma mensagem favorável ao serviço militar e ao T. M. U. (Treinamento Militar Universal). Acrescentou o Presidente que primeiramente pensou em referir-se ao fato no discurso que ia pronunciar no dia de S. Patrício, em Nova Iorque, mas que Marshall achou a ocasião imprópria para o assunto. Ficou, então, combinado que a primeira audiência para os interessados no TMU teria lugar na quinta-feira e que Marshall seria o primeiro a ser ouvido.

O QUE A NAÇÃO DESEJA É EVITAR A GUERRA

EM virtude do adiamento da proclamação pública, o Presidente resolveu realizá-la em ocasião oportuna, isto é, quando suas palavras fôssem ouvidas num momento solene e com a devida atenção. Na tarde de segunda-feira correu a notícia de que o Presidente iria falar numa reunião conjunta da Câmara e do Senado, dois dias depois, caso aliás, raro na vida presidencial e à noite estaria em Nova Iorque para um novo discurso. A notícia causou sensação e está anotada no diário de Forrestal com a data do dia seguinte.

16 de março de 1948 — A situação internacional

OS matutinos estão hoje repletos de boatos e presságios de guerra. A entrevista dada ontem por Wallace em Nova Iorque acusa o país de estar fomentando a guerra e que o golpe de Estado tcheco foi um ato de desespêro dos comunistas diante da ameaça de um outro golpe que estava sendo preparado pelos direitistas. Nada mais absurdo, mas qualquer declaração no gênero, ainda mesmo que parta de Wallace, produz efeito. A verdade é que o nosso país e o govêrno estão lutando desesperadamente para evitar a guerra e trata-se apenas de saber qual a melhor maneira de se agir. Se a Europa cair e fôr pisada pelos russos, teremos realmente que enfrentar a guerra sob péssimas circunstâncias e com o prognóstico de predê-la.

No dia seguinte, isto é, em 17 de março, Forrestal e os outros membros do Secretariado foram ao encontro do Presidente no salão oval da Casa Branca e em seguida acompanharam-no ao Capitólio. A mensagem estava admiràvelmente justificada e pela primeira vez o Presidente referiu-se à União Soviética como sendo o país que no momento bloqueava todos os esforços em prol da paz e que agressivamente ameaçava o mundo livre. "Devemos", declarou S. Excia., fazer frente a "esta ameaça crescente".

No dia após à leitura da dita mensagem presidencial Forrestal teve prova do seu efeito.

18 de março de 1948 — A Comissão das fôrças armadas trata do TMU e do Serviço de Recrutamento

REUNIÃO às dez horas com a Comissão Senatorial das Fôrças Armadas para tratar do TMU e do Serviço de Recrutamento. O que houve de mais extraordinário durante a reunião foram as perguntas feitas pelos senadores Harley M. Kilgore, democrata da Virgínia do Oeste e Wayne L. Morse, republicano de Oregan. As de Morse foram inteligentes e visaram diretamente a ameaça russa que pairava sôbre a Europa, provocando sensível e surpreendente mudança na atitude geral. O mesmo pode-se dizer a respeito de Kilgore, embora suas perguntas não fôssem tão bem formuladas.

UM EQUILIBRADO PROGRAMA DE DEFESA

NUM dia longo, 25 de março, com a presença da Comissão das Fôrças Armadas, Forrestal, auxiliado pelos seus três Secretários administrativos e respectivos ajudantes de ordem, apresentou o programa da administração — "um programa específico", conforme êle mesmo disse, "para conseguir um grande objetivo — evitar a guerra declarada ou simulada". Sua proposta referia-se a "uma fôrça equilibrada de material humano em terra, no mar e no ar". O plano estava dividido em duas partes: — a) "o praso curto para reforçar imediatamente as tropas regulares e b) o praso longo para encarar o provimento de reservas adequadas". Isso veio esclarecer a situação, embora o T. M. U. estivesse predestinado a um insucesso.

O plano assim elaborado traria benefícios para as três armas, apesar de dar mais relêvo às fôrças terrestres por se encontrarem as mesmas mais desfalcadas. Do refôrço humano, 240,000 homens iriam para o Exército e os restantes 11.000 seriam incorporados ao Corpo de Fusileiros, atingindo quase os 72 por cento do total solicitado. À Fôrça Aérea seriam fornecidos homens e meios para o preenchimento das vagas constatadas nos 55 grupos existentes em vez de 70 conforme desejavam.

SETENTA GRUPOS PARA A FÔRÇA AÉREA

SYMINGTON, Secretário da Aviação e Spaatz, ajudante de ordens, apoiaram com os outros um plano que parecia ter sido por todos aprovado e cuidadosamente arquitetado. Interrogados pela Comissão foram francos na declaração de que a Fôrça Aérea necessitava de setenta grupos e Symington, pelo menos, deu a entender na sua conclusão de que a Fôrça Aérea tinha sido superada pelas outras armas. Isso provocou longos debates perante o público e as comissões. Forrestal frisou diversas vêzes que êle não se opunha aos setenta grupos, mas também não achava que isso pudesse ser feito com o acréscimo destinado às fôrças terrestres que era caso da máxima urgência para o equilíbrio das mesmas.

Depois de vários debates e contestações, Forrestal dirigiu-se novamente à Junta com a intenção de conseguir um acôrdo geral baseado na verba suplementar de três biliões de dólares por êle solicitado em 25 de março. No dia 18 de abril, Gruenther pelo telefone, disse-lhe que os chefes estavam dispostos a se reunirem diàriamente "para o estudo dos planos apresentados por cada uma das entidades sôbre os setenta grupos da aviação, verba e tudo mais que aparecesse, por meio de análises, críticas e cortes". Apesar de todo êsse esfôrço, os chefes não conseguiram limitar-se aos três biliões e por fim concordaram estipular a quantia de três bilhões e quatro centos e oitenta e um milhões, embora "militarmente" falando não fôsse suficiente; em todo o caso tratava-se de "um plano militar mais eficiente dentro dos recursos orçamentários que seriam fornecidos". Quando Forrestal expos a situação ao Presidente, êste não deu a aprovação final, mas autorizou Forrestal a dirigir-se à Câmara, o que êle fêz no dia 21 de abril. A Fôrça Aérea teve os seus grupos aumentados para sessenta e seis, o Exército recebeu um refôrço considerável e o serviço militar sancionado. Forrestal conseguira os pontos capitais, mas a batalha ainda não estava ganha.

A PRIMEIRA CRISE NO BLOQUEIO DE BERLIM. A PROPOSTA DE CLAY É ATIRAR NOS RUSSOS. AUMENTO CRESCENTE NO PLANO DO REARMAMENTO

16. UM "TETO" PARA O REARMAMENTO

NO fim de março de 1946, em meio às controvérsias por causa do orçamento militar que continuava crescendo, foi recebido um telegrama de Berlim, enviado pelo general Clay, dizendo que os russos tinham solicitado o direito de inspecionar e controlar o tráfego ferroviário e rodoviário dentro dos setores ocidentais da cidade. Clay propos que a respectiva guarda, caso necessário, tivesse

ordem para atirar nos russos como protesto contra a medida. Em 1 de março, em Washington, houve uma série quase incessante de conferências da mais alta importância e eis o que dizem as notas de Forrestal a respeito:

31 de março de 1948

Foram tomadas em consideração as seguintes sugestões: 1) Que o Presidente envie uma mensagem a Stalin declarando que a aplicação da proposta russa poderá causar algum incidente capaz de provar uma guerra; 2) Que o Presidente convocasse os líderes da maioria e da minoria da Câmara e do Senado; 3) Que fôssem enviadas instruções a respeito a Clay, apoiando a idéia, mas com uma ressalva para que os guardas só fizessem uso das armas em caso de defesa; 4) Foi também lembrado que se comunicasse imediatamente aos inglêses e que se procurasse saber se a Inglaterra já tinha tomado medidas idênticas as nossas e dado instruções à guarda dos trens.

Lovett propos que o Presidente se comunicasse como o Marechal Stalin, mas a proposta foi rejeitada porque dava muita importância ao incidente e seria para os russos uma confirmação do efeito que justamente esperavam.

O Presidente por iniciativa pessoal decidiu não convocar os líderes do Congresso porque — 1) breve já saberiam de tudo e 2) achava desnecessária a guerra de nervos que a notícia provocaria.

A questão da ação conjunta foi liquidada com a declaração de que os inglêses não pretendiam interromper o tráfego dos seus tren, mas que os mesmos seriam protegidos por guardas.

APROXIMANDO-SE DOS RUSSOS

CLAY recebeu ordens para impedir que os russos se aproximassem dos trens e êles responderam com a paralização do tráfego ferroviàrio. A partir de 1º de abril as provisões começaram a chegar a Berlim por aviões e como os russos ainda não estivessem preparados para o bloqueio da cidade, a crise preliminar teve pouca duração, embora a tensão muito tivesse contribuido para um esfôrço americano no mês seguinte.

23 de abril de 1948 — Gabinete

LOVETT fêz um análise da posição da Rússia salientando-lhe os dois sentidos: 1) valiam como investigações constantes a fim de conhecer a sinceridade das nossas intenções; 2) deixam transparecer o receio que têem de uma guerra preventiva ou agressiva de nossa parte. Segundo Lovett, há duas coisas que contribuem para esta situação — as declarações excessivas, partindo algumas dos meios militares, sôbre uma guerra preventiva e as atividades de Henry Wallace inclusive a sua proposta para que o Presidente e Stalin façam juntos um acôrdo mundial.

Lovett leu também um telegrama que será enviado a Bedell Smith (na ocasião nosso Embaixador em Moscou) expondo em termos gerais a nossa posição e o desejo que temos de nos entendermos bem com a Rússia, embora receiemos que sejam improdutivos, como sempre o foram, os encontros dos chefes das duas nações. Smith foi consultado se o Presidente devia enviar a Stalin uma mensagem dentro dos seguintes termos — "que os Estados Unidos não têem intenções agressivas, mas que não pretendem deixar a Rússia dominar a Europa" — ou se êle achava que o assunto deveria ficar a seu cargo...

Ficou resolvido mais tarde que Smith devia fazer a tentativa e essa teve um resultado bastante curioso como veremos no próximo artigo.

AS DESPESAS COM A MILITARIZAÇAO CONTINUAM CRESCENDO

ENTREMENTES a questão do orçamento militar continuava pendente. Forrestal já tinha autorização do Presidente para apresentar o seu programa suplementar de 3 milhões e tanto ao Congresso é a Repartição competente já estava de posse da cópia para revisão. Forrestal sabia que o Presidente, premido pelas circunstâncias, tinha que controlar as despesas, conforme se verifica de uma conversa com Byrnes.

28 de abril de 1948 — Conversa telefônica com James F. Byrnes

FORRESTAL: — "Êstes doláres em algarismos nada significam a não ser que venham acompanhados de ordens de aplicação com prioridade... O que dificulta nos projetos orçamentários vigentes, estou me referindo aos projetos PRE (Programa da Rehabilitação da Europa), ao suplementar das fôrças armadas, ao da Comissão Marítima e ao da Energia Atômica, é que são por todos esquecidos e no entanto são oitocentos milhões de despesas. E' necessário um adicional que vai de 7.5 até 15 por cento da produção corrente em várias categorias para positivar aquêles recursos. Adicionemos ainda outras coisas que já estão sendo discutidas, como por exemplo a lei de empréstimo e arrendamento para a União Ocidental na Europa que é de 5 ou 6 biliões".

Mesmo assim Forrestal deve ter ficado desanimado quando lhe contaram numa reunião, no dia 6 de maio, o que James E. Webb, diretor da Receita, pretendia fazer com o orçamento suplementar. A princípio Webb estava decidido a cortar três biliões e meio de dólares ou mesmo três biliões e cem em diversas verbas, mas depois estava resolvido a fazer um corte de meio bilião, de modo que a aeronáutica continuaria com os mesmos 55 grupos como dantes, fazendo cortes desesperados no reequipamento **que era indispensável** ao exército e diminuindo o número de unidades aéreas navais e outras para a campanha submarina. Não satisfeito, porpos ainda um "teto" permanente de quinze biliões de dólares anuais para as despesas militares. No ano fiscal de 1948/9, foi iniciado o rearmamento o que provocou nos seus subseqüentes aumento nas despesas e por isso até mesmo as verbas do orçamento suplementar terão que ser reduzidas em julho de 1950, para que não se exceda o "teto" ou limite máximo estipulado.

EM face do acontecido, parecia a todos que a politica militar americana era controlada por Webb e não pelo Secretário da Defesa. Forrestal lançou um protesto dizendo que a situação mundial não permitia as reduções feitas e que "teremos que enfrentar dezoito meses ou mesmo dois anos de um período crítico para as nossas relações com a Rússia". Agora só havia uma coisa a fazer, aguardar a decisão do Presidente, que foi dada no dia 1 de maio, numa reunião na Casa Branca. O Presidente opinou pela verba de **$15 biliões**, porque do contrário seria necessário um orçamento nacional de $50 biliões por ano e "isso representava um total de muitos biliões de dólares acima da renda dos impostos atuais. Embora sem desempregados, negócios em boa situação e taxas fiscais muito altas, estariamos condenados a um grande deficit financeiro". Todavia, "tomando-se outros fatores em consideração", o Presidente era ainda favorável ao plano suplementar na base de $3 biliões e cem, sob condição de não ser gasto pelas fôrças armadas, a fim de não ir além da quantia de $15 biliões que estava estipulada.

E assim os pontos de vista de Webb venceram em tôda a linha e a expansão militar ficou fixada até o fim de junho de 1950.

Pelo que vemos, naquela data, as fôrcas armadas estavam limitadas a um total inferior, mas que era 91,000 vêzes maior do que o mínimo citado na exposição de Gruenther em fevereiro de 1948. E, por coincidência, seis dias depois da referida data, deu-se o rompimento da guerra na Coréia, o golpe que veio espatifar o "teto". Forrestal teve razão quando disse que os dois anos futuros seriam "críticos".

O próximo artigo "Desafio em Berlim".



FOTOGRAFIA histórica de grande poder rememorativo: o encontro do general Eisenhower com o general McArthur na cidade de Tóquio, após a derrota do Japão, a 16 de maio de 1946.



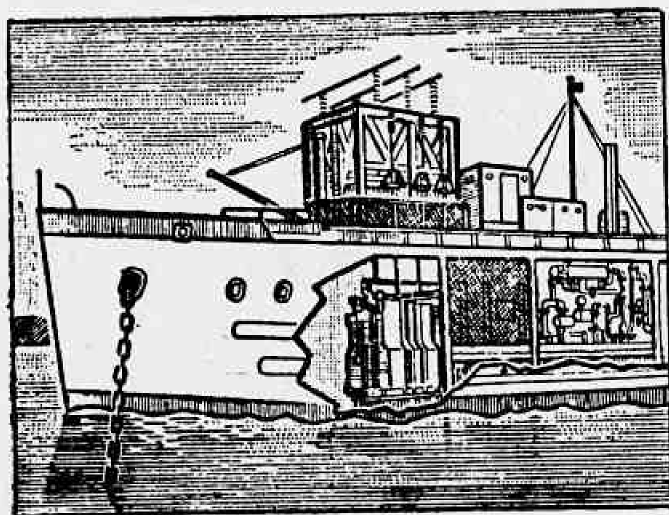
CONFERÊNCIA na Casa Branca, a 17 de fevereiro de 1947, quando Forrestal (à esquerda), expunha detalhes da unificação das fôrças e Patterson lia o plano para as maiores patentes.



100 MILHÕES DE QUILOWATT-HORAS EM MENOS DE 1 ANO!

Valiosa contribuição para o abastecimento de eletricidade ao Rio de Janeiro

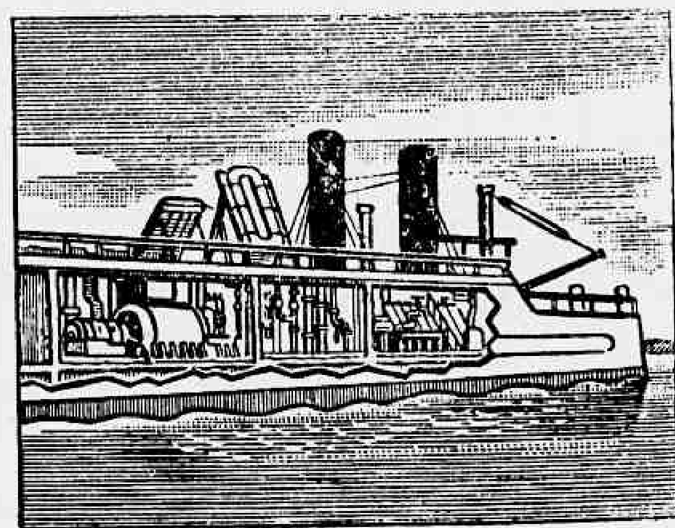
A Usina Termo Elétrica Flutuante "Piraquê", com capacidade de 25 000 quilowatts a 50 ciclos/segundo, ancorada no Cais do Cajú, vem aumentando a sua produção nestes últimos meses. Desde o dia 7 de dezembro de 1950, quando foi inaugurada, até a presente data, a "Piraquê" já produziu mais de 100 milhões de quilowatt-horas, produção essa que supera o consumo anual de importantes cidades brasileiras como Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre.



Ao centro, as torres de transmissão, para suporte dos fios que conduzem a corrente á subestação de Campo Marte; em baixo, o transformador principal; à direita, a casa de comando.

O seu custo elevado e a sua viagem dispendiosa, através de 7 000 quilômetros em alto mar, trazida por um possante rebocador, de Porto Rico à Baía de Guanabara, mostram os múltiplos esforços da Light a fim de enfrentar a atual crise de eletricidade e manter o alto nível dos seus serviços.

Porém, apesar da eficiente operação dessa usina, que representa uma valiosa contribuição para o abastecimento de energia elétrica ao Distrito Federal, é ainda preciso que todos os consumidores poupem eletricidade, no seu próprio interêsse e no da coletividade.



À esquerda, o gerador principal; ao centro, a casa de caldeiras; à direita, a casa de bombas de alimentação das caldeiras.

ECONOMIZEM 

ELETRICIDADE!

UMA PEQUENA SELVAGEM

Eu jamais me sentira tão feliz depois de nossa chegada a Bilburn.

Tod cumpriu a palavra e passou pela avenida central. Todo mundo me viu ao seu lado. E êle iria levar-me, à noite, ao Redwood"!

Êsses vestidos de mamãe vieram de Paris, e se destinavam a festas semelhantes. Eu fico maravilhosa com êste!

Naquela noite, quando Tod me conduzia a "Redwood Inn" senti que era felicíssima. Meu pai ressuscitara e eu tomaria uma vida social definitiva...

Nunca pensei que você, Kitty, fôsse a maravilha que é. E' de fechar o comércio!

Quando entramos no salão, vi numa mesa a irmã de Tod, Marcela, com Vernon Sloane!

Lá está Marcela com Sloane. Êle acaba de voltar para a cidade e ela escreve uma peça para êle.

Se todos reconhecerem que eu sou sociável e que Tod Dearborn não se envergonha de ser meu par, poderei ter minha chance. Poderei ver ainda Vernon Sloane e desfazer a má impressão que lhe dei.

Vesti-me e me penteei com esmero. Então...

Papai! Olhe para mim!

Kitty! Você parece com sua mãe! Por que se vestiu assim?

Tenho um encontro, papai. Se não fôsse o vestido da mamãe, não poderia ir!

Parecia-me um milagre que Sloane estivesse ali. Mas, de súbito notei que Tod estava constrangido

Vamos embora daqui, depressa!

TOD!

Marcela pensará que eu trouxe você para cá, com intuito de afrontá-la, justamente quando está sendo cortejada por Vernon!

Mas, não compreendo!

Como se atreve a tr... para êste lugar uma criat... omo Kitty Bronson? Você é ...vergonha da família!

Eu não sabia que você e Vernon estavam c... E minha vinda com Kitty foi apenas um capricho, Marcela!

OH!

Oh, Kitty! Eu fracassei como homem e como pai! Ainda não o havia notado antes de vê-la com o vestido de tua mãe! Não imaginava que não eras mais uma criança!

Papai, por favor!

Depois que tua mãe morreu, eu desanimei, só pensando em mim. De hoje em diante, voltarei a pintar e a viver para ti, minha filha! Hei de dar-te tudo o de que precisas!

Oh, papai! Você tem sido muito bom para mim! Sinto-me tão feliz!

5

Meus camaradas apostaram em como eu não conquistaria Kitty, pois ela é como uma gatinha selvagem! E êles agora vão pagar-me a aposta!

Então que você aplicasse sua pilhéria em lugar que não me humilhasse!

Tudo o que você acaba de dizer, suas desculpas à sua irmã, sua aposta, ficam respondidas com isto!

SMACK!

6

MÃES E FILHAS



AS crianças gostam de imitar os mais velhos — e neste caso "mais velha" é a mamãezinha querida. Pois aqui está uma sugestão curiosa: Os vestidos da garôta, dentro do mesmo tecido e com pequenas alterações nas linhas gerais dos vestidos de mamãe. Curioso é que embora semelhantes, cada qual mantém a sua característica, dentro da idade de quem vai usá-lo. A diferença mais acentuada poderá fazer-se no chapéu. E na simplicidade do corte para mamãe, que não deve ter os mesmos requintes, mais fortes, do de mademoiselle.



O PACOTE AZUL

ÊLES se casaram como quaisquer outros se casam. Por amor, por interêsse, por necessidade, por impulso. Houve um dêstes motivos. Estudando-os, Murilo ficava sempre indeciso, sem saber qual dêles fôra o pretexto principal. O fato é que estavam unidos e iam vivendo felizes. Nove anos de casados e tudo prosseguia muito bem, até aquela data... Quando pediu a mão de Lena, os boatos correram. Falaram mal a seu respeito. Difamaram-na. Tudo não passou de intrigas. Êle fechou os ouvidos e pronto: estava casado. E o procedimento dela, desde então, foi inatacável.

Há dias, contudo, começara a notar-lhe alguma coisa diferente. Algo que o deixava perplexo. Distração, evitando-lhe os carinhos e agrados. Começou a observá-la, a vigiá-la. Nada. Ela saía, é verdade, mas para fazer compras. Teve ganas de mandar alguém seguir-lhe os passos. Porém, se não houvesse nada, que papel ridículo não estaria fazendo! E dar a entender que desconfiava dela! Seria humilhante.

Resolveu falar-lhe:

— Que há com você, Lena; está doente?

— Não há nada. Por quê?

Murilo achou melhor silenciar e prosseguir em suas observações. O tempo foi passando. Tudo no mesmo. Ela sempre alheia, como se grande preocupação estivesse a dominar-lhe o pensamento. Por insistência de Murilo, Lena ia a festas, ao cinema. Assim êle fazia com o intúito de descobrir o rival. Certa vez, no cinema, chegou a imaginar um; mas tudo foi produto de sua desconfiança. Às vêzes telefonava do escritório e ela sempre estava em casa. O passado e os boatos de outrora é que a acusavam. Daí a terrível desconfiança que ia no seu íntimo.

Naquele dia iam fazer dez anos de casados. Murilo adquiriu um par de brincos e telefonou para a residência, indagando:

— Lena está?

— Não, dr. Murilo — disse a empregada, conhecendo a voz — ela foi fazer compras.

Êle não se preocupou, pois se justificava muito bem a ausência da espôsa pela manhã, naquela data.

Chamado urgente fê-lo ir a um arrabalde distante, de ambiente suspeito. Causava-lhe horror o lugar. Mas, como advogado, era sua obrigação. Falava-se do local como o ântro de tudo que não prestava. E sempre as tragédias passionais alí se davam. Ambiente pròprio para "rendez-vous", encontros e traições.

Na volta, ansioso, tomou o ônibus. Sua espôsa o esperava e êle estava em atraso. Sentou-se com dificuldade, pois havia gente por todos os lados. Abriu o jornal e começou a ler. Notou logo depois que alguma coisa o incomodava na poltrona. Era um pequeno pacote, enrolado com papel de sêda azul. Alguém o havia esquecido alí. Tentou entregar ao condutor, porém foi impossível vê-lo no momento. Colocou-o no bolso e ao saltar se esqueceu de fazer a entrega.

No lar encontrou tudo mudado. Lena caprichara. Nada podia reclamar. E dentro de si veio a certeza de que Lena o amava muito e que, em absoluto, não o estava enganando. Depois caíu em dúvida. Murilo fixou o pensamento em traição. Fêz, mentalmente, o estudo da mulher infiél. Tôdas as fases, até o desfecho, quando o marido ultrajado vem a saber. Quase sempre, o último! A revelação surge através da confidência de um amigo ou do recebimento de carta anônima. Enquanto isto, alheio a tudo, vai sendo, sem pressentir, vítima de mofas, epítetos e, às vêzes, até de indiretas que o fazem entreabrir um sorriso apalermado. O fingimento na mulher faz parte de sua própria natureza. Tem lábias e habilidades, de molde que marido apaixonado sempre termina ciente da fidelidade da espôsa.

E com maus pensamentos a lhe martelarem o pensamento, Murilo foi observando os novos arranjos feitos no lar. Via-se que Lena havia trabalhado em demasia. Por todos os lados, abundância de panos, flores e outras pequeninas coisas que não puderam escapar aos olhos desconfiados do espôso. Estavam a pouco na cidade e não possuíam ainda amigos íntimos. Viéra especialmente para ajudar a promotoria num caso de crime de morte. E havia resolvido a permanecer na cidade por algum tempo.

Beijando a espôsa, disse Murilo:

— Estou encantado, meu bem, com a transformação desta sala.

Lena, acabrunhada, exclamou:

— Sinto-me muito triste. Comprei um presente para você, todavia o perdi. Será que me perdoa? Dizer que levei tanto tempo economizando...



A êle sobreveio repentinamente a lembrança do pacote que achara. Estremeceu e, num gesto instintivo, levou a mão ao bolso, contudo se deteve. Empurrou-a e ficou a olhá-la durante algum tempo, sem saber o que dizer.

Lena, espantada, perguntou:

— Que você tem, Murilo? Que houve? Não é possível que tenha ficado com tanta raiva assim por causa do presente. Você nunca olhou para mim desta maneira. Causou-me receio.

Êle entreabriu um sorriso falso. Respondeu, justificando:

— Parece-me que não apaguei a luz do escritório.

Desviando o assunto, continuou:

— Vá, Lena, ao espelho. Experimente os brincos. Gostou do invólucro, da côr esmeralda do papel? Enche mais a vista. E o seu... de que côr era?! — Azul, querido; mas, julgo — disse admirada e pensativa — que isso não tem significação para o valor do presente. O que adianta é o conteúdo.

Ao saber da côr do pacote, Murilo estremeceu, como se houvesse recebido forte pancada. Não havia mais dúvida de que o pacote era aquêle que tinha no bolso. Adiantou:

— Finalmente, Lena, que tal o presente e como o perdeu?

— Era um relógio de pulso. Como perdi, não sei.

— Por que não telefonou para a Polícia?

— Não adiantava. E' difícil encontrá-lo. A cidade é muito grande. E nós não conhecemos ninguém. Só nos viria trazer aborrecimentos.

— Dê-me os detalhes e eu tratarei disso. Diga-me onde andou, a fim de que se possa fazer a busca.

— Não saí da Avenida, e o comprei na casa "A Esmeralda".

Murilo iniciou o jantar debaixo de incrível ansiedade. Seu pensamento estava fixo no pacote. Seria mesmo o relógio? Considerar-se-ia o mais feliz dos homens se, ao abrí-lo, não encontrasse o relógio e sim um outro objeto qualquer. Que alívio! Mas se o encontrasse? Sentir-se-ia assim como alguém que recebe a notícia de ter sido condenado à morte. Continuou a pensar no que faria se ela fôsse culpada. Um turbilhão de idéias afoguearam-lhe a cabeça, porém nenhuma atitude definida se firmou.

O jantar chegou ao fim sob silêncio respeitável. De quando em quando, êle fitava Lena e ela baixava os olhos. Nada Lena perguntou, porém notava que também estava sendo espreitado, observado, como se fôsse êle o réu e não ela!

Disse Lena, após terminar a refeição:

— Murilo, você falou na luz que deixou acesa, porém não é isto que o está preocupando. Ficou aborrecido pelo prejuízo do relógio?

— Não, Lena; ao contrário, você é que anda esquisita.

Ela deu resposta confusa e não adiantou mais nada. E se levantou. Murilo imediatamente se dirigiu para o banheiro. Trancou-se. Único lugar em que podia abrir o pacote, sem ser incomodado. Suas mãos vacilavam, trêmulas. E ao abrir, surgiu um relógio de pulso tal qual descrevera Lena. Não havia dúvida e nem desculpa, ela já estivera naquele bairro duvidoso. Só alí vão pessoas mal intencionadas. Lena o enganava! Como se sentia desgraçado. Que fazer? Precipitar os acontecimentos? Não. Agora precisava mostrar-se indiferente e pegar em flagrante. Nada mais de perguntas. Pôs novamente o embrulho no bolso e saíu.

— Que demora foi essa, Murilo?

Murilo não respondeu à pergunta de Lena. Entrou na sala de jantar e pôs o rádio para tocar. Começou a observá-la e a pensar. Quem seria êle? Como o conhecera naquela terra estranha assim tão ràpidamente? Notava Lena acabrunhada. Mas quando uma mulher trai por amor o marido, não se mostra assim tão desesperada. Pelo contrário, tem um ar contente e de satisfação. Havia dessa maneira outros motivos. Receio de que êle tudo descobrisse? Continuou a pensar. Recordou sua vida, seu casamento, seu lar. Tudo agora destruido. Saíu de seu devaneio ao ouvir o telintar do telefone. Viu quando sua espôsa passou rápida para a sala contígua. Êle se pôs de pé, aproximou-se cautelosamente, ouvindo tudo. Poucas palavras foram pronunciadas:

— E' Lena quem fala. Sim. Graças a Deus. Até amanhã.

Ligeiro, Murilo retornou à sala. E balbuciou baixinho: "Graças a Deus... Até amanhã..." Que teria acontecido a ela? Sim, no outro dia estaria pronto para tudo descobrir. "Até amanhã..." Era o cúmulo!

Murilo ligou o rádio e deixou-se ali ficar. Já tarde ela apareceu dizendo que ia deitar-se.

Só muito depois é que êle se recolheu. Onde esconder o pacote? E' difícil ocultar objeto em casa de maneira que a espôsa não descubra. Havia um quadro da "Ceia Larga", colocado muito alto no quarto. Murilo, rápido, de pé na cadeira, jogou o embrulho atrás do quadro. Alí permaneceria até ficar esclarecido o caso. Lena, no entanto, não dormira. Ela também notou algo diferente no marido. E espavorida viu aquêle gesto dêle na penumbra do quarto. Que significaria aquilo? Que estaria escondendo dela?

No dia seguinte surgiram no lar dois espantalhos: Murilo e Lena. Sinais profundos de uma noite de vigília. Cabisbaixos, mudos, cada um cheio de trágicos pensamentos.

Conto de EDGARD DE SOUZA MACHADO
Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

(Continua na pág. 46)

Seja uma das primeiras!

Durante uma temporada especial a Sra. poderá adquirir a sua **ELNA - SEM ENTRADA INICIAL.** Seja uma das primeiras a inscrever-se no nosso plano de pagamento oferecido pela ELNA. Visite uma de nossas lojas e peça uma demonstração sem compromisso



O "braço livre" sirze e borda sem acessorios.



A luz embutida lhe permitirá costurar a qualquer hora



ELNA costura qualquer tecido. fino ou espesso.



ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL!

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife Rua da Concordia, 143
Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

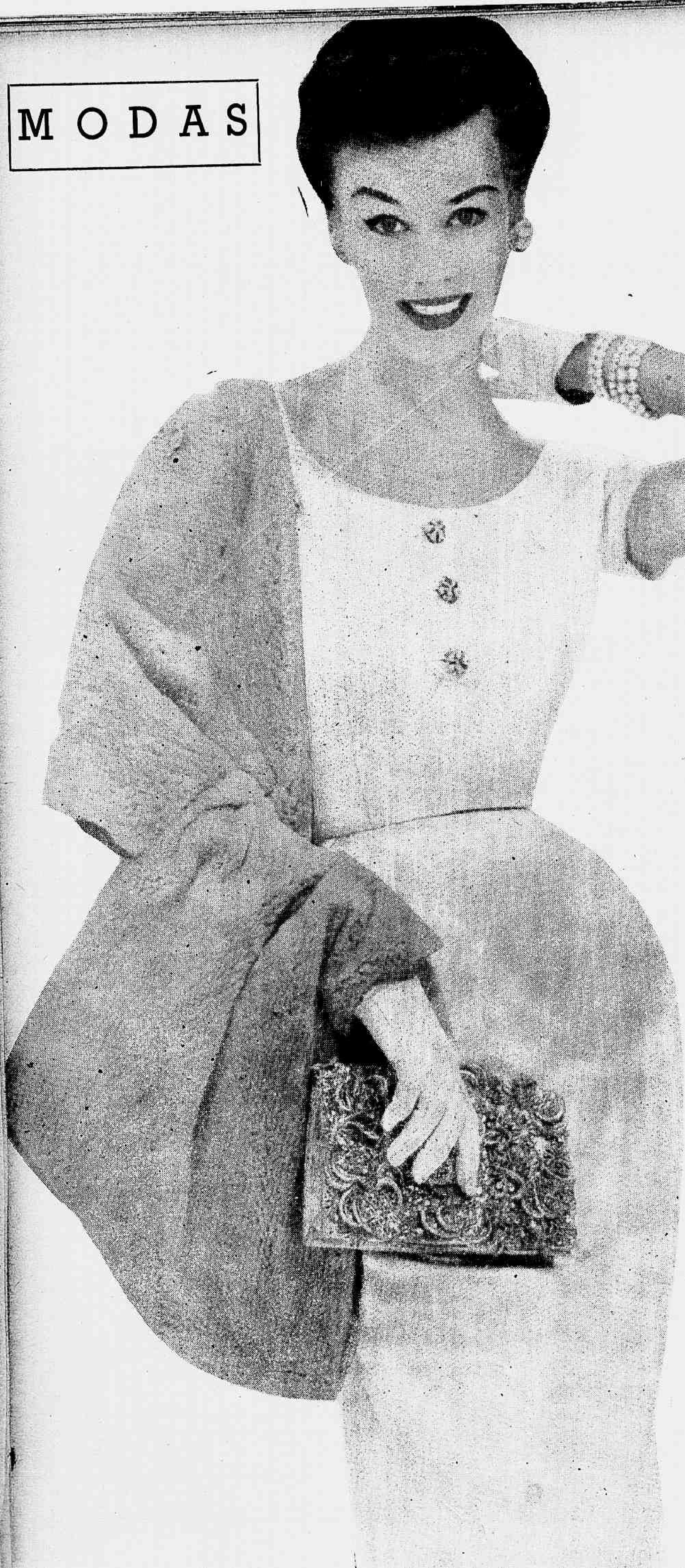
Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: .... Tel.: ....

Cidade: ....

Estado: ....





Sugestões Variadas

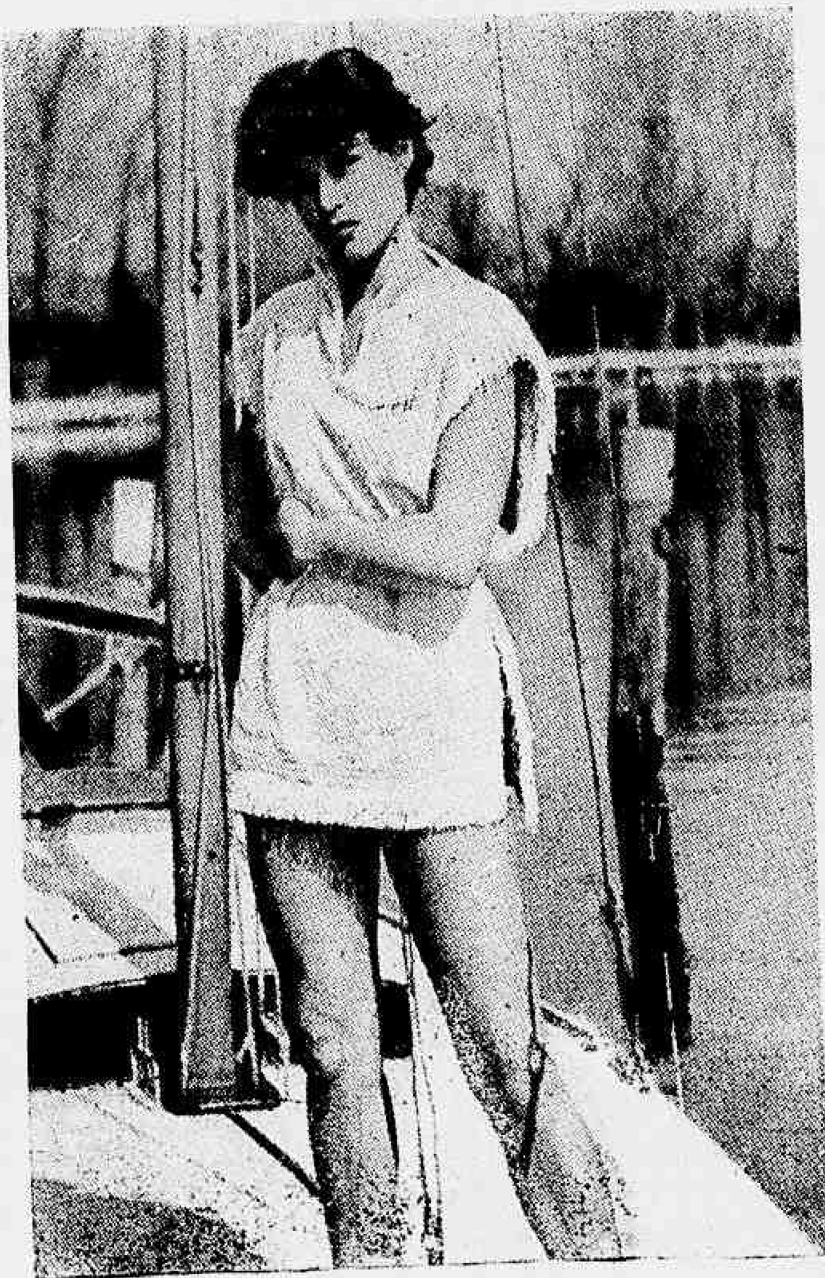






VEM-SE notando últimamente um grande aproveitamento de tecidos em algodão em tôdas as "toilettes", mesmo para as de "soirée". Está o algodão em grande moda, e sôbre ser econômico, facilitando a sua aplicação, permite uma variedade constante na padronagem. Aqui estão alguns interessantes modelos para a praia e passeio, todos confeccionados nesse tecido. Depois que um grande desfile de aparatosas "toilettes" foi feito numa imponente festa parisiense, com o predominio do algodão brasileiro, a sua procura fêz-se ainda maior. Reparem a simplicidade de linhas e a elegância de corte, nos figurinos que ilustram esta página.







O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?



É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Reservas e informações:

Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional

TRANSPORTES AÉREOS

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

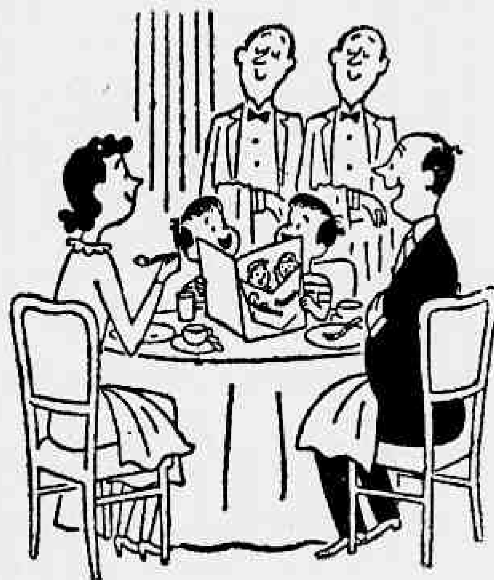
NUNCA EXISTIU IGUAL



WEEK-END

Bifes com petit-pois e espargos

Corta-se 1 quilo de filé mignon em bifes grossos. Tempera-se êstes com sal e alho e frita-se em manteiga bem quente, tostando-se dos dois lados em fogo forte e reserva-se em lugar que não esfriem. Abre-se uma lata de pontas de espargos, uma de "petit-pois", ambas aquecidas em banho-maria, uma de "paté de foie gras" e reserva-se. Fazem-se torradas fritas em manteiga numa frigideira, mais ou menos do tamanho dos bifes, arrumando-se numa travessa que se põe na bôca de uma panela com água fervendo para que não esfriem. Na frigideira onde se fizeram os bifes, junta-se mais 1/2 colher de manteiga e 1/2 de farinha de trigo, molhando-se com um pouco da água dos espargos e mexendo-se em fogo brando até engrossar. Arruma-se então em cima de cada torrada um bife, e sôbre êste uma fatia fina de paté, cobrindo-se tudo com o môlho engrossado na frigideira; à volta dos bifes arrumam-se, intercalados, umas pontas de espargos e uns montinhos de "petit-pois", bem escorridos e regados com manteiga fervendo. Serve-se imediatamente. E' um prato rápido, substancial, vistoso e saboroso.



FRITADA DE MIOLOS

Lava-se e limpa-se miolos e cozinha-se em água com sal e caldo de limão. Deixa-se esfriar, cortando-se depois em pedacinhos. Faz-se um refogado com uma colher de manteiga, bastante cebola batidinha, tomates sem peles nem sementes, sal, pimenta-do-reino, juntam-se os miolos já picados, deixando-se refogar mais um pouco. Retira-se do fogo, misturam-se 4 colheres de queijo ralado, 4 ovos batidos e 1 xícara de miolo molhado em leite e amassado. Despeja-se a mistura obtida num prato que possa ir ao forno, polvilha-se com farinha de rôsca, espalham-se em cima umas bolinhas de manteiga e leva-se ao forno quente. Serve-se no próprio prato.

SALADA VARIADA

Três maças, descascadas e cortadas em pedaços, 24 nozes partidas em quatro, alface, tomates, 1 colher de creme fresco, 1 pitada de mostarda, 1 colherinha de caldo de limão, sal e 3 colheres de Kentchup.

Misturam-se as maçãs picadas com as nozes partidas, arruma-se à volta a alface picadinha e cobre-se tudo com o seguinte môlho: mistura-se o Kentchup com o creme fresco, o caldo de limão e o sal. Enfeita-se a salada com rodelas de tomate.

CARNE BRAISÉE

Prepare 2 e ½ kg de alcatra, lardeie, tempere e deixe repousar. Deite numa panela fatias de toucinho inglês, rodelas de cenoura e de cebolas, junte a carne, regue com 1 xícara de vinho branco, 2 de água, tampe bem e leve a cozinhar em fogo fraco. Quando estiver bem macia, retire a carne, desengordure o môlho, passe pela peneira e reduza. Corte a carne em fatias, arrume umas sôbre as outras, e regue-as com o môlho.

CONSOMÉ À MADRILENA

Deite numa panela 1 galinha cortada pelas juntas, o branco de 1 alho porrô, 1 pé de aipo pequeno, umas cenouras, encha a panela de água e leve a ferver até a galinha ficar se desmanchando. Côe o caldo, junte 1 clara, bata com o batedor e leve ao fogo até ferver. Passe por um pano úmido e reserve. Leve ao fogo umas 250 gr de tomates, sem as peles, até ficarem em ponto de geléia. Passe em peneira fina, dissolva no caldo, côe e sirva gelado.

CONSERVA DE REPÔLHO ROXO

Tire os talos grossos e parta as fôlhas bem fininhas — como repôlho à mineira. Arrume num pote vidrado as camadas de repôlho e sal. Para cada quilo de repôlho, 150 gr de sal. Ponha 1 rodela de pau por cima com um pêso para imprensar o repôlho, e deixe assim durante 2 dias. Escorra bem e deite o repôlho em bocais e cubra tudo com vinagre, fervido antes e esfriado. Tampe bem e guarde até ficar bem passado; regula uns 30 a 40 dias.

IA COZINHA

GELATINA ÔLHO DE BOI

100 gr de ameixa preta, 7 fôlhas de gelatina, 1½ litro de caldo de compota, môlho de gemada.

Arrumam-se em tijelinhas apropriadas as metades dos pêssegos em compota, colocando no centro de cada um pedaço de ameixa preta. Enche-se a tijelinha com gelatina dissolvida no caldo da compota até perfazer meio litro. Se a quantidade de caldo fôr pouca, aumenta-se com água. Vai para a geladeira, onde fica até ao dia seguinte. Desmoldam-se em forminhas de papel ou em pratinhos, que se servem com môlho de gemada.

TORTA DE LINZ

125 gr de amêndoas raladas (algumas amargas de mistura), 2 ovos, 125 gr de açucar, 125 gr de manteiga, 160 gr de farinha de trigo, um pouco de casca ralada de limão.

Com esses ingredientes faz-se uma massa que se bate bem e estendem-se 3/4 dela, na grossura de meio dedo, corta-se com o auxílio de um prato um fundo de torta, que se coloca em uma assadeira untada. Com o resto da massa forma-se um cinto nos bordos da torta, pincela-se com gema e vai assar em forno bem quente. Enche-se com marmelada e enfeita-se com frutas em compota.

CHADEAU

1/2 copo de vinho branco, caldo de um limão e de uma laranja, 80 grs. de açúcar, 3 ovos, 1 colher de sopa de Maraschino.

Bate-se o açúcar, os ovos, o caldo de limão e de laranja, até se obter um creme espumoso. Junta-se o vinho e o Maraschino e leva-se êsse líquido ao fogo, mexendo-se até pouco antes de abrir fervura. Retira-se então a caçarola do fogo e bate-se ainda de 1 a 2 minutos. Serve-se com pudins, manjares e sonhos.

EMPADINHAS DE LAGOSTA e QUEIJO

A massa: amasse 14 colheres de farinha peneiradas com 2 colheres de banha, 2 colheres de manteiga, 1 colher de chá de sal e 2 gemas. Deve ficar a massa lisa e branda. Deixe descansar 1 hora e forre bem fina forminhas, das menores, untadas de manteiga. O recheio: — abra 1 lata de lagosta, escorra, e parta aos pedacinhos. Misture bem numa vasilha, 1 xícara de queijo de Minas, ou parmezão ralado, 1 copo de leite, 1/2 colher de manteiga derretida, 4 gemas e 4 claras em neve. Junte a lagosta, sem ir ao fogo e encha as forminhas com êste recheio. Não precisa cobrir com massa, e leve a assar no forno.

PUDIM DE LIMÃO

3 ovos, 50 gr de farinha, 50 gr de manteiga, 1/10 de litro de leite, 1 e ½ colher de açúcar, caldo e casca ralada de um limão, 1 pitada de sal.

Ferve-se o leite com a manteiga, o açúcar e o sal, junta-se de uma só vez a farinha e bate-se a massa até soltar da caçarola. Depois de fria, junta-se alternadamente os ovos, a calda e a casca de limão, mexendo-se sempre. Põe-se a massa em fôrma untada, assa-se em forno moderado durante 15 a 20 minutos. Pode ser servido com calda de limão.

GLACE QUENTE DE AÇÚCAR

250 grs. de açúcar, 3 colheres de sopa (mais ou menos) de água fervendo. Peneira-se o açúcar, junta-se água fervendo, e aromatiza-se com qualquer essência. Aplica-se imediatamente.

Massa de amêndoa (Marzipan)



500 grs. de amendoas, 300 grs. de açúcar, umas gotas de água de flores de laranjeiras ou de aguardente de cerejas.

Desnudam-se as amendoas com água fervente e deitam-se em água fria durante umas horas, conservando assim sua côr branca. Depois de bem enxutas, moem-se bem fino: mistura-se o açúcar e a água de flores de laranjeira e põe-se no fogo bem fraco durante meia hora mais ou menos, mexendo-se sempre, até que a massa se despregue do fundo da caçarola. Experimente-a, apertando com uma colher molhada: se não grudar na colher está pronta. Com esta massa pode-se fazer diversos confeitos, tortas, etc. Querendo guardar o marzipan durante algum tempo, faz-se uma bola grande e enrola-se em um pano.

HEROÍSMO! BRAVURA! DESTEMOR!

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB



NÃO HÁ PERIGOS QUE ÊLE NÃO VENÇA!
NADA O IMPÉDE DE FAZER O BEM!
NOBRE... JUSTICEIRO...
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO

Senhora!
Na toillette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA





1.ª HISTÓRIA

O SABE TUDO

(Mr. Know-all)

Max Kelada	*Nigel Patrick*
Mrs. Ramsey	*Anne Crawford*
Mr. Ramsay	*Naunton Wayne*
Gray	*Wilfred Hyde-White*
O Capitão	*Clive Morton*

TRÊS DESTINOS

Do livro "Trio", de W. SOMERSET MAUGHAM ★ Adaptado para a tela por W. SOMERSET MAUGHAM, R. C. SHERRIFF e NOEL LANGLEY ★ Produção de ANTOHY DARNBOROUGH ★ Direção de KEN ANNAKIN & HAROLD FRENCH ★ Apresentação da PARAMOUNT

O joalheiro Max Kelada não goza da estima dos seus companheiros de bordo, que o acham um gabola e um antipático, pois está sempre a dizer que conhece tudo e todos. Para êle, não existe pergunta que fique sem resposta. Chegaram até a apelidá-lo de "O Sabe-tudo". O seu companheiro de cabine, então, detesta-o, até ao dia em que acontece algo que o faz mudar de opinião. Uma das passageiras do navio, a elegante e distinta Mrs. Ramsay, possui um colar de magníficas pérolas, cujo valor Kelada sabe ser de 30.000 dólares. Na verdade, o colar fôra dado como presente a Mrs. Ramsay, mas esta dissera a seu marido que o comprara por 40 dólares, pois se tratava de uma imitação. Mr. Ramsay, que tem plena confiança em sua mulher, aceita incondicionalmente a sua palavra. Kelada faz uma aposta com Mr. Ramsay, dizendo que poderá reconhecer incontinente uma jóia falsa de uma verdadeira. Mr. Ramsay, para fazer uma brincadeira, dá-lhe o colar de sua espôsa. Mrs. Ramsay, branca como cal, aguarda o terrível veredicto. Por um olhar que lhe dirige a dama, Kelada compreende que a honra de uma mulher está em jôgo. Diz a Mr. Ramsay, calmamente, que aquela era a mais perfeita imitação que já vira em sua vida... Por seu gesto cavalheiresco, Max Kelada ganha a amizade de todos que até então não o olhavam com bons olhos...





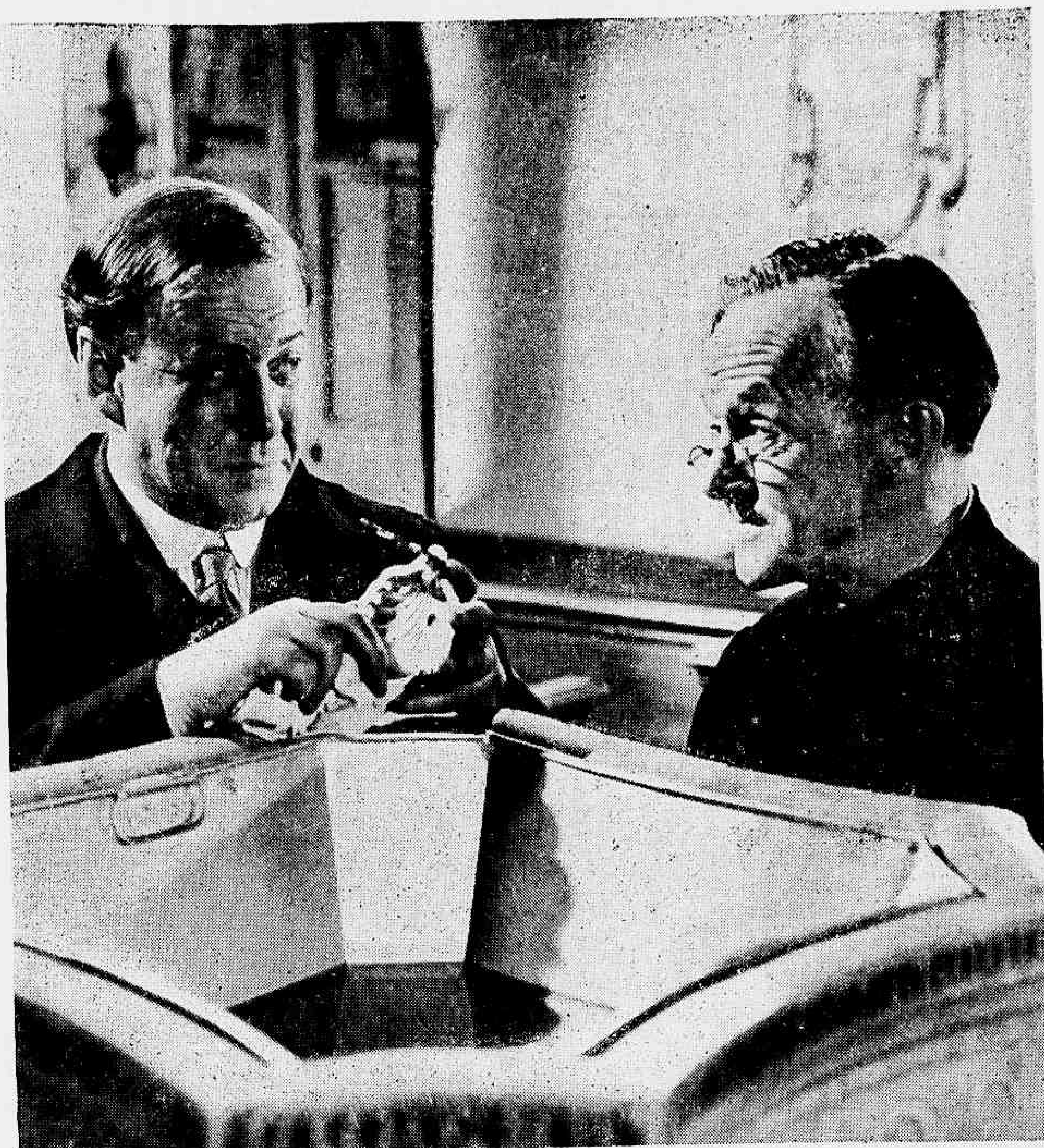
2.ª HISTÓRIA

O SACRISTÃO

(The Verger)

Albert Edward Foreman ... *James Hayter*
Emma Foreman .... *Kathleen Harrison*
O vigário .... *Michael Nordern*

ALBERT Edward Foreman é um cidadão londrino que se orgulha de sua profissão: há 20 anos êle é porteiro da igreja de St. Peter, em Neville Square. Êle era amicíssimo do antigo vigário, mas o mesmo não acontece com o novo, a quem considera ríspido e antipático. Um dia é chamado pelo sacristão que, ao descobrir que Albert não sabe ler ou escrever, lhe diz ser necessário aprender o quanto antes, ou será destituído do pôsto. Albert acha um pouco tarde para aprender e decide pela demissão. Deixando a igreja, êle vagueia pelas ruas, querendo fumar, procura em vão uma tabacaria por perto. Vem-lhe então a idéia de abrir, por conta própria, uma loja que venda cigarros. E põe em ação o plano; escolhendo sempre ruas que não possuem tabacarias, êle vai fazendo fortuna pouco a pouco. Tôdas as segundas-feiras deposita uma quantia no banco. Um dia, o gerente do mesmo pergunta-lhe se não quer investir o seu capital (que já é grande) em algo rendoso. Albert titubeia e, embaraçado, confessa não saber ler e escrever, além de que, ignora tudo quanto se refere a inversões de capital. O gerente, estupefato, pergunta: "Como é possível alguém que não sabe ler e escrever e que subiu tanto na vida?". Ao que Albert responde, filosòficamente: "Se eu soubesse ler e escrever, seria um porteiro da igreja de St. Peter, em Neville Square"...



3.ª HISTÓRIA

O SANATÓRIO

(Sanatorium)

Evie Bishop .... *Jean Simmons*
Major Templeton ...... *Michael Rennie*
Ashenden .... *Roland Culver*

ESTA bela história tem lugar num sanatório para tuberculosos na Escócia, onde vamos encontrar Ashenden, um escritor, condenado a permanecer em repouso absoluto durante seis meses. Ashenden acha tudo ali estranho e irreal. Há, por exemplo, o caso do velho escocês MacLeod, internado há 17 anos e que se mostra francamente hóstil e desagradável para com outro antigo internado, Campbell. No entanto, quando falece MacLoad, Campbell sofre um abalo que o deixa prostrado, como se tivesse perdido todo o interêsse em viver... Há também o caso de Mr. Chester, que odeia a espôsa por ser ela saudável, enquanto que êle tem um curto prazo de vida. Mas o mais interessante para Ashenden é o caso do Major Templeton e Evie Bishop. O Major, que durante a juventude foi um terrível D. Juan, está agora apaixonado pela simpática e meiga Evie, que lhe corresponde. A felicidade de ambos é tão grande que lhes parece ter à frente uma vida longa, embora, segundo uma consultam que fazem ao médico, descubram que o major tem apenas dois anos de vida, enquanto que Evie, se cuidar da saúde, poderá viver mais tempo. Mas êles preferem ser felizes durante um pequeno espaço de tempo e resolvem casar-se. A cerimônia tem lugar no próprio sanatório e a lua-de-mel tem início. O interessante é que o exemplo dêste desprendimento e desta coragem incute novo espírito nos outros internados. Mr. Chester se reconcilia com a espôsa, preferindo também aproveitar um pouco da felicidade que a vida lhes oferece...



SAÚDE DO BEBÊ

O meio e as infecções da Criança

Dr. SABOIA RIBEIRO

O ambiente sádio da criança constitui-se dos cuidados todos, que a devem cercar, a fim de que não se contaminem, em face de erros grosseiros que são verdadeiras infecções provocadas, não poucas vêzes.

O perigo das moléstias infecciosas a acompanham de todos os lados, e se umas vêzes está nos objetos que a rodeiam, outras muitas nas pessoas que com ela lidam, a tomam nos braços, mimam e beijam.

A grande difusão dos processos catarrais entre as crianças tem sua origem, ás mais das vêzes, no fato de serem portadoras de afecções da mesma naturêza as pessoas que com ela se ocupam ou mantém um íntimo contacto.

Essas crianças, dêsse modo, vivem o mais das vêzes doentes e se ainda não transpuseram o primeiro ano, sofrem seus períodos de inapetência e distúrbios dispepticos, como vomitos, diarreas e outros.

Uma criança não deve ter o seu desenvolvimento perturbado por constantes causas de resfriados.

O tratamento dêstes não se devem limitar ao uso de remédios, procurando-se apenas fazer cessar o corrimento nasal, conter a tosse, sustar a crise de bronquite.

Uma criança sofrendo por um período mais ou menos continuado de resfriado, ou sujeita a crises periódicas de catarro, padece necessariamente de uma perturbação mais séria, alcançando o próprio estado geral, e estará predisposta, naturalmente, a contrair formas menos benignas de outras moléstias que, durante a primeira infância, de ordinário as atingem, como o sarampo e a coqueluche.

As infecções catarrais de repetição levam costumeiramente ás inflamações das amígdalas e o estabelecimento de focos, responsáveis, por sua vez, por outras complicações que tanto podem ser uma angina diférica como processos pulmonares de outra gravidade e ensenação.

Ora, é possível muita vez trazer a criança a coberto dessas constantes causas do resfriado e suas conseqüências, se particularmente a protegermos melhor em relação ás pessoas que sofrum, acidentalmente ou permanentemente, de qualquer afecção de natureza catarral, seja das vias respiratórias altas, quer das vias pulmonares pròpriamente ditas — bronquite ou outras, e com ela possam estabelecer mais íntimo contacto.

Estas pessoas não devem, em absoluto, ter qualquer aconchego com a criança, responsáveis que são por um dano à sua saúde, com o resfriado que a ela ensejam.

Neste particular, a escolha das babás não foge ao imperativo de um circunstanciado exame do aparelho nasal, laringe e pulmões, o que, infelizmente, não entrou ainda na prática na aceitação de tais domésticas.

E' já tempo de encararmos a proteção da criança na primeira idade, não como apenas decorrendo dos simples cuidados com a alimentação (aliás, e sem dúvida, dos mais importantes), como ainda relacionada com os fatores ambientais e circunstanciais, entre os quais ocupa um lugar de primeira plana, a questão da higiene e saúde de coisas e pessoas do meio onde ela vive.

Tanto quanto o catarro, deve merecer uma vigilância rigorosa o estado da bôca de quem quer que se proponha aos encargos da criança, pois as cáries dentárias são focos de infecção como outro qualquer, e através do beijo dado à criança podem ser a causa de sua contaminação e a origem de uma moléstia local ou geral, dela.

Nos Estados Unidos costumam bordar nos babadouros das crianças e suas golinhas, esta frase: "kiss me not" — quer dizer, "não me beije".

E' que o beijo pode transmitir a própria sífiles, a erisipela, o furúnculo, a tuberculose.

De mais a mais, na criança, a pele, nas faces, é muito delicada, permitindo a penetração dos micróbios, com grande facilidade.

E's porque a prática do beijo nas crianças é forma de agrado pouco recomendável, e em muitos casos, uma violência e uma ameaça contra a saúde infantil.

CORRESPONDÊNCIA

F. A. Nesta — Convém mandar examinar seu filhinho com relação ao rinofaringe, com vistas ás vegetações adenóides. Os resfriados constantes trazem freqüentemente o desenvolvimento de um como ninho de micróbios aí e pelos seus informes parece isto ser a causa dos males descritos.

Só o exame objetivo, porém poderá esclarecer o caso convenientemente.

J. F. Joinville — Não existe filiação do piloroespasmo com a lues. A medicação e o mais me parecem ótimos.

A INSATISFEITA

(*Continuação da pág. 25*)

Assim, estava a jogar com o destino, e o destino o conduz até Delilah Jeliffe, no instante em que os convidados se iam dispersando.

— Eu devo ter ouvido sua voz em algum lugar, diz ela com um batimento de pestanas. Sua voz tem um timbre de que não se pode esquecer com facilidade.

— Entretanto a senhora o esqueceu, responde êle.

— Mas eu me lembrarei, diz ela, é preciso que eu me relembre, e espero ter ainda ocasião de ouvir essa voz.

Roger faz um gesto de desengano com a cabeça.

— E' o meu canto de cisne.

— Por quê?

Fêz um gesto de resignação.

— Nem sempre se está de bom humor para tanto.

Nesse momento foi ela quem meneou a cabeça, como que compreendendo.

— Não é uma questão de humor que diz respeito a isso, é tôda a sua vida.

Roger se sentiu batido. Era conveniente desviar a conversação.

— Não havia pensado em Whittington antes de ter visto Pittiwitz.

— ...e o vestido verde de Mary.

Novamente êle se defende.

— Estava escuro. Eu não poderia ver a côr do seu vestido.

— Mas o amor tem olhos.

Essas palavras eram suaves e ditas com muita suavidade, ràpidamente. Em seguida ela se foi a sorrir.

Mas Roger, porém, não sorriu. Quando o procuraram depois, verificaram que êle havia partido. E, ao voltar aos seus aposentos naquela noite já despido de todos os seus encantamentos, êle sentiu que havia procedido como um insensato! Mas o mundo não ia desabar por isso naquela noite. Roger teria ainda de viver por muito tempo, teria que experimentar a vida morna de anos e anos de solidão.

(*Continua no próximo número*)

O PACOTE AZUL

(*Continuação da pág. 38*)

Após rápido café, Murilo saiu, todavia disposto a vigiar a espôsa. Regressou após decorrida meia hora, dando parte de doente. Disse estar com bruto resfriado. Lena o tratou com carinho. Teve que engulir comprimidos e chá sem dêles precisar. Ela se apresentava impaciente e ansiosa. Sua vista ia com freqüência ao relógio do pulso. Andava para baixo e para cima. E, sem dominar-se, perguntou:

— Será que à tarde você vai sair, Murilo?

— Se melhorar...

Neste instante tocou a campanhia. Murilo observou o efeito daquele toque sôbre a espôsa. Ela estremeceu como se tivesse recebido choque elétrico. E' coisa tão banal o som de uma campainha! Por que ela se amedrontava? Lena saiu fechando a porta do quarto. Após alguns segundos, Murilo se levantou, espreitando-a pela porta semiaberta. Ela fêz entrar um homem na antesala. Não tinha cara de amante. Apesar de bem vestido, era bastante idoso, feio e antipático. Notou, de longe, o nervosismo de ambos. Não podia ouví-los, pois falavam em surdina. Lena, várias vêzes, olhou para trás, como aguardando que o marido aparecesse repentinamente. A visita falava. Ela gesticulava. Parecia a Murilo que êles não chegavam a um acôrdo. Ela deu alguns passos nervosos na sala, como quem busca a solução, desesperadamente. Tornaram a discutir. Finalmente, Murilo, vendo-a encaminhar-se para dentro, lançou-se à cama. Lena penetrou no quarto, tirando dinheiro do móvel ao lado de Murilo — que fingia dormir — e rápida regressou ao intruso. Êle se pôs outra vez no pôsto de observação. De relance, pareceu-lhe compreender tudo aquilo! Era uma chantagem. Certamente o sujeito, sabendo da infidelidade da mulher, ameaçava-a de descobrir o segrêdo. Daí o dinheiro. Daí o nervosismo de Lena. Estava tudo tão claro, que êle se sentiu bastante estúpido por não ter logo compreendido os acontecimentos.

Quando ela voltou ao quarto, Murilo se sentia colérico e teve vontade de exigir-lhe imediata explicação. Logo refletiu, achando melhor um pouco mais de paciência. Dominou-se e ingênuamente perguntou:

— Quem estêve aí?

— O açougueiro. Pela manhã a empregada deixou de pagar-lhe por falta de trôco.

Como sabia fingir e mentir admiràvelmente a espôsa! Jamais julgou que ela fôsse assim tão hábil! Desde quando estava fazendo aquêle papel de boneco e palhaço! E outros pensamentos brotaram no íntimo de Murilo.

Êle realmente saiu, porém disposto a deixar tudo esclarecido. Não foi longe. Ficou na esquina. Tinha certeza que ela imediatamente sairia. Após quinze minutos Lena saiu de casa à pressa. Murilo acelerou as passadas, mas só teve tempo de vê-la quando já seguia de auto em disparada. Ficou indignado. Tomou outro automóvel e mandou que o chofer se dirigisse para aquêle bairro infeliz. Casualmente poderia encontrá-la. Andou de rua em rua, farejando casas e vielas, mas foi debalde. Resolveu voltar para casa e esperá-la.

As horas foram longas e intermináveis. Ouviu o relógio bater três, quatro, cinco horas... Estava certo pelo menos que à hora do jantar ela estaria em casa. Dos lábios de Lena sairia uma desculpa qualquer para enganá-lo, para desviar as suas desconfianças.

Os ponteiros se aproximavam das seis quando Lena entrou em casa. Ao olhá-la, Murilo estremeceu. Estava mudada. Seus olhos vermelhos demonstravam ter chorado. Ela não o olhou e sem nada dizer dirigiu-se para o quarto. Murilo foi ao seu encalço e ao entrar, encontrou-a estirada na cama, chorando como uma criança. Vendo-o, para surprêsa de Murilo, ela se lançou aos seus braços, soluçando e tentando falar. Tudo para êle era mistério, confusão. Lena pouco a pouco dominou-se e, olhando-o cheio de mágoa, exclamou:

— Murilo, qual o pensamento que você vem fazendo de mim desde muitos dias? Por que não me entregou o pacote e foi escondê-lo no quarto? Será que perdeu a confiança em mim? Tive grande desgosto, mas minhas maiores lágrimas são devidas à sua atitude. Você é hoje tudo que possuo na vida. Fêz uma pausa. E Murilo prosseguiu:

— O local onde achei o pacote me inclinou a péssimos pensamentos. Você estêve lá?

— Estive, sim. — Depois de pequeno silêncio, continuou: E de lá venho agora. Não faça esta cara, Murilo, pelo amor de Deus. Já sabe de tôda a verdade?

— Qual a verdade, Lena? E' bom explicar tudo de uma vez. Estou a ponto de enlouquecer.

— Murilo, o assassino que você veio acusar e que fugiu da cadeia, é meu irmão, isto é, era meu irmão. Compreenda que nada poderia dizer-lhe. Sei quanto é justo e implacável em suas obrigações perante a justiça.

Murilo esboçou irreflitidamente um sorriso, sentindo-se feliz, apesar da tragédia que encerrava o caso da espôsa e disse:

— Mas, você nunca me falou nesse irmão.

— Por acanhamento. Ademais, pensei que você soubesse de sua existência, dos fatos; e, por bondade e sentimento, mostrava-se alheio. Se assim soubesse, ter-lhe-ia contado tudo. Êle e eu fomos muito amigos. Sempre foi bom, delicado e ótimo filho. Antes de você conhecer-me, morando com meus padrinhos — época que faço esforços para esquecer, tal a decepção e os so-

(*Continua na pág. 51*)

Lustres de Cristal

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
ESTRANGEIROS E NACIONAIS

•

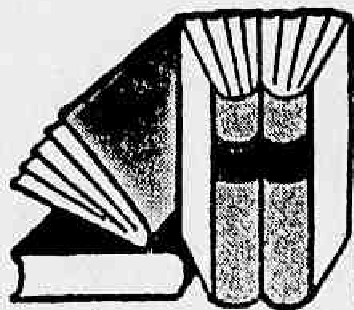
MAGNÍFICA VARIEDADE DE
SERVIÇOS DE JANTAR CHÁ E
CAFÉ, FAQUEIROS E OBJETOS
DE ARTE PARA PRESENTES

•

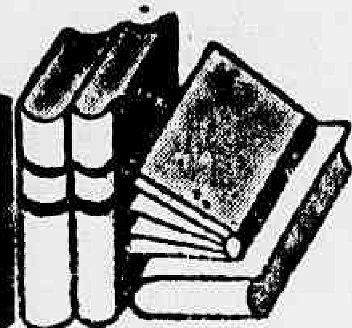
RICA EXPOSIÇÃO DE CRISTAIS
E FINÍSSIMAS PORCELANAS

CASA CRISTALINO

URUGUAIANA, 35-37



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



João da Silva Correia

JOÃO DA SILVA CORREIA, um novo mestre da ficção portuguêsa, um estilista e um purista, representa um caso raro em literatura, isto é, o da vocação transviada por outros caminhos e que, só muito além da juventude, retoma a estrada de seu destino, conseguindo pela qualidade da obra, a recuperação do tempo perdido. Realmente, o autor dos belos e fortes contos de "Farândola" e do grande romance que é "Porta Aberta", só recentemente se estreiou como escritor. O mundo dos negócios o arrastou em seu turbilhão e perderam as letras muito do que já nos poderia ter dado seu fascinante espírito criador. As desconfianças do homem maduro, depois enfêrmo, levaram-no ainda a retardar mais o aparecimento dos seus livros. Sabe-se, por uma confissão do próprio autor, no pórtico de "Farândola", que foram os conselhos e as boas referências do grande romancista Ferreira de Castro que possibilitaram, com crítica sincera, a edição do primeiro livro, com os seus contos. Depois, outros amigos se interessaram para que viesse à luz as páginas cheias de emoção de "Porta Aberta". Entretanto, João da Silva Correia é um dos escritores mais dotados, como artista criador, dos que ùltimamente nos tem dado Portugal. Sobretudo, por que é um prosador — e que prosador! — com um estilo e uma linguagem que marcam o autêntico homem de letras.

Não sendo mais encontrado no mercado brasileiro o volume de "Farândola", tem o leitor que se consolar com "Porta Aberta", a que há tempos nos referimos na seção bibliográfica de "Semana Literária". E que bela consolação! "Porta Aberta" é dos livros mais sápidos, mais coloridos, mais comoventes e mais bem escritos de quantos possamos encontrar nas últimas edições. E' João da Silva Correia, sem favor algum, um ficcionista e um prosador que honra as letras portuguêsas, retomando suas mais altas e significativas tradições.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(JOTAGÊ)

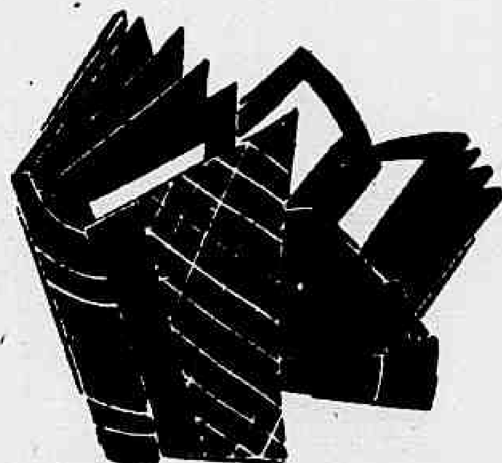
Relendo o "Robinson Crusoé", em volume das Edições Melhoramentos, lembramos que o Brasil ocupa a parte principal do romance; aqui enriqueceu o herói; e voltou à nossa terra "depois de se liberar da solidão da sua ilha", como acentua Afonso Arinos de Melo Franco. E' obra que devia ser dada aos meninos e adolescenets, pois é modêlo de perseverança habilidade e confiança no futuro.

★

O tema é de incomparável oportunidade. Queremos apenas assinalar a diplomacia com que o boêmio Pardal Mallet, o "Pardal" da "Conquista" e do "Fogo-Fátuo", do grande Coelho Neto, justificou, perante a noiva, a defesa que fêz do divórcio... Mas como? Na dedicatória do próprio livro (Rio, 1894, edição de Fauchen & Gia.) que, sob o título "Pelo divórcio!", escreveu Pardal Mallet. Vamos saborear a oferenda: "A ti, minha santa Noiva, que na bondade imensa do teu coração achas fôrça e alento para querer compartir o meu futuro incerto, a ti eu dedico êste livro convicto, feito de amor e de justiça, e que, sob a tua invocação, só pode ser o livro do respeito à Mulher e da reivindicação dos seus direitos".

★

Fanáticos pela simplicidade, logicamente não toleramos o pernosticismo. Nestas linhas, de conversas cordial, não cabem citações em latim. Entretanto, podemos recordar que Cícero dizia: os poetas nascem; fazem-se os oradores. Verdade absoluta, quanto à poesia; relativa, no tocante à oratória. Demonstra, positivamente, que o ser vate não é dependência de vontade pessoal o livrinho "Versos", de Mário de Alencar, publicados, pelo editor Jacinto Ribeiro dos Santos, em 1902, aqui do Rio. Herdeiro de nome que jamais se esquecerá, Mário de Alencar escrevia bem... em prosa.



História do Brasil

Descoberta. Pedro Alvares Cabral.
Capitanias. Colonização.
Domínio senhoril de Portugal.
Invasões estrangeiras. Reação.

Inconfidência. Minas, liberal.
Tiradentes. Terror. Execução.
Setembro, sete. Livres, afinal.
O Imperador galante. Abdicação.

Regências. Lutas. A maioridade.
Pedro II. Rosas. Lopez. Guerra.
Caxias. Isabel. Prosperidade.

Abolição. República. O céu rubro.
Rebeliões. Outra fase aqui se encerra.
Levante nacional de 3 de outubro.

PETRARCA MARANHÃO

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

OS ESCRITORES Mário Pedrosa e Murilo Mendes farão parte do Júri de Seleção (seção de pinturas, desenho e "gouache") do Primeiro Salão de Arte Moderna, a ser realizado na capital bandeirante em meados de novembro. O júri, referente à seção de escultura, será composto por Elizabeth Nobiling e por Brecheret. Da comissão organizadora fazem parte: Tarsila do Amaral, Quirino da Silva, Paulo Mendes de Almeida e Lourival Gomes Machado. Êste Primeiro Salão de Arte Moderna será patrocinado pela Secretaria de Educação e Saúde do Estado de São Paulo.

★

ESTÁ EXPONDO, na Galeria Domus, o conhecido pintor, desenhista, arquiteto e escritor Flávio de Carvalho. Há muitos anos que êste grande artista não expunha, individualmente, na capital bandeirante.

★

ESTÃO EXPONDO, no Intercâmbio Franco-Brasileiro, à rua Barão de Itapetininga, o pintor Flexor e o ceramista Robert Tatin. O "vernissage" foi um acontecimento artístico-social, digno de registro, em São Paulo. — *R.*

★

FOI PROMOVIDO um concurso de cartazes para a propaganda do Primeiro Salão Paulista de Arte Moderna, a ser inaugurado no dia 10 de novembro de 1951. O primeiro prêmio coube a Maurício Nogueira Lima e o segundo prêmio a Lauro Hardt.

★

O POETA e jornalista Roland Corbisier realizou uma conferência subordinada ao tema: «Existencialismo Cristão». E, no auditório da Biblioteca Infantil Municipal, o sr. José Faraldo falou sôbre «Gil Vicente», precursor do Romantismo.

★

ESTREOU, no Teatro Cultura Artística, com merecido sucesso, a peça de Arthur Miller, «A Morte do Caixeiro Viajante» («Death of a Salesman»). A iniciativa de Jayme Costa é digna da nossa mais sincera admiração.

O CASAL Francisco Matarazzo Sobrinho, organizador da I Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, foi homenageado no Clube dos Artistas e Amigos da Arte.

★

O POETA Edgard Braga, que recentemente lançou o seu livro de «Odes», acaba de publicar uma obra especializada, chamada: «Caminhos da Cirurgia». Trata-se de um opúsculo, editado pelas Edições Alarico desta capital.

UMA PERSONAGEM



OS ilustradores costumam oferecer uma sugestão maior dos personagens dos livros. Os leitores gostam de conferir as imagens que idealizam dos heróis dos livros, com aquelas que inspiraram aos ilustradores. Assim, iniciamos hoje uma galeria de personagens de ficção, quer brasileira, quer estrangeira, onde os leitores verão ou reverão as figuras que encontraram descritas nos livros que leram. A primeira desta série é ÚRSULA, a fascinante heroina do romance de fim-de-século, do ambiente londrino, «Red Lion Inn», de Robert Payne. — ÚRSULA, com seus cabelos vermelhos como um incêndio, que «entontecia todos os homens que passavam pela taberna de seu pai».

UM POETA



O poeta Lago Burnett, cuja nova coletânea de poemas, «O Ballet das Palavras», acaba de aparecer em São Luís (Maranhão), em belo trabalho gráfico da editôra Afluente.

★

Prêmio SAPS de Literatura Infantil

A Comissão Julgadora do «Prêmio SAPS da Literatura Infantil», de 1951, entregou à Divisão de Propaganda daquela autarquia o parecer sôbre os trabalhos apresentados, conferindo o prêmio, por unanimidade, ao livro «Uma Aventura no Céu», de Heitor Filho, que concorreu sob o pseudônimo de Paulo César. A respeito das obras apresentadas, em número de onze, o poeta Murilo Mendes emitiu um voto bem fundamentado, do qual extraímos o seguinte trecho: «Atribuo o prêmio ao livrinho «Uma Aventura no Céu», de Paulo César. O problema da alimentação é apresentado de maneira inteligente, com muita vivacidade e tendo como suporte o elemento fantástico que sempre interessa à imaginação infantil. A redação é correta e cuidada; a trama da história, envôlta em simplicidade, parecendo-nos o desenvolvimento e a conclusão bastante convincentes. Atribuo menção honrosa a «Zezé Grão de Arroz», de Else Machado, trabalho sem dúvida interessante, mas prejudicado, a meu ver, pela excessiva preocupação didática».

Êsse parecer foi subscrito pelos demais componentes da Comissão, escritores Waldemar Cavalcanti e Raul Lima, nutrólogo dr. Mozart de Cunto e jornalista Murilo Miranda, êste último, de acôrdo com o regulamento do «Prêmio», na qualidade de presidente da Comissão, por se tratar do diretor da Divisão de Propaganda do SAPS. Por proposta dos escritores Laul Lima e Waldemar Cavalcanti, foi sugerida a transformação da menção honrosa em segundo prêmio, no valor de dois mil e quinhentos cruzeiros, cabendo ao dr. Edison Cavalcanti, diretor geral do SAPS, decidir a respeito.

O «Prêmio SAPS da Literatura Infantil», que vem sendo distribuido todos os anos, com sucesso crescente, é da importância de dez mil cruzeiros, devendo o trabalho premiado ser editado por aquêle Serviço, na «Biblioteca SAPS de Literatura Infantil».

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA:

CAMINHO DE POESIA

A divisão da poesia em forma e substância, tão apreciada pelos novos poetas a que, como já dissemos, tem prejudicado êsse excesso retórico, levando-os a tantos rumos errados, há de ser sempre uma condição externa à verdadeira poesia. Mas que é verdadeira poesia? — perguntará o leitor ou, mais ingenuamente, o próprio poeta. Verdadeira poesia, fixou muito bem Antônio Olinto, escrevendo exatamente a propósito dêste "Caminho de Poesia" (Cronos, Rio, 1951). Disse aquêle poeta e crítico: "A poesia autêntica tem sempre um caráter fechado, com uma es*trutura sólida, em que todos os elementos que a constituem se ajustam com precisão".*

Ai está Tôda poesia que falhe a êsse conceito falhará também como poesia. O poema verdadeiro tem uma solidez de bloco, em que forma e substância se completam em perfeita combinação. O poeta não faz um verso — apenas o escreve: o verso nasce de sua essência poética. Citou-se muito o pensamento: é mais fácil mudar o curso de um rio do que o de um verso. Isso, evidentemente, se referia ao verso fabricado, ao artezanato lírico, com respeito às formas tradicionais e à metrificação. Mas o conceito ainda se ajusta à poesia moderna, com referência à estrutura de cada linha e à sua identificação formal com o conteúdo. Negação da arte poética? De forma alguma. Pode o poeta trabalhar o seu verso: mas êsse trabalho é o da aproximação ideal da forma perfeita de expressar o que êle quer dizer. O seu pensamento poético tem, desde a gênese, uma forma ideal. Pode ser que essa forma ideal, perfeita, não ocorra no primeiro momento e, então, o poeta trabalha o verso, no sentido de encontrar aquela forma ou a que está mais próxima dela. Isso não quer dizer, nem que o verso já não esteja vivo, antes do trabalho gráfico, vocabular e sintático, nem que todo artezanato deva ser excluido. O importante é encontrar o caminho natural do verso, seu ritmo determinado por sua essência. E, ainda como trabalho artístico, conseguir a aparência da naturalidade dessa descoberta.

Ora, o que os poetas modernos fazem, na sua maior parte, é um rebuscamento de forma, com uma preocupação retórica que exclui qualquer naturalidade, tornando-os torturados, herméticos — de um hermetismo sem mistério e sem beleza — com uma super abundância artezã que trai a arte poética e que dissocia a forma da essência lírica. Assim, não há como encontrar um poeta como Rui Rodrigo Fernandes que representa um retôrno à unidade, pela perfeita e compacta combinação, em seus poemas, da essência e da forma. Que êle nos traz mistério e beleza nos seus versos, é bastante lê-lo. Que o problema da forma foi superado aqui — podemos verificar em cada página, em cada linha, todos os versos apresentando uma unidade harmoniosa entre as palavras e o que elas querem dizer. Aliás, nem poderia ser de outra maneira, em um poeta para quem a poesia e mesmo a poética se condicionam ao humano, e que marca esta missão à poesia:

"Saber
que as palavras
têm vida
e que com elas
se fazem
destinos".

As palavras são atos — diz êle mais adiante, no mesmo poema. Assim, pois, êle não as diz graciosamente, não as emprega por artifício, mas por seu conteúdo, por sua significação, pelo sentido que virão a ter em cada verso, pelos destinos que irão criar. Lírico, Rui Rodrigo Fernandes se detém diante dos temas eternos do amor e da morte. Mas êsses temas adquirem, através de sua poesia, acentos de grande fôrça, consciência nova, interpretação pessoal, de uma profunda harmonia, de uma beleza emocionante. No seu livro passa um arrepio estranho. Seus momentos de mistério, de inquetude, de dor, de sofrimento, de angústia — contagiam-nos de incontida palpitação. Seus poemas não são apenas obra de arte: têm, mais do que isso, um acre sabor de sangue, às vêzes e, sempre, calor humano, humanas lacerações.

Edmundo Lys

SARGENTO FORTUNA E OUTROS CONTOS — Rubens Mário Jobim — Gráfica Aurora - Rio de Janeiro. Êste livro de contos nos transporta à terra gaúcha como à vida de caserna. Trata-se de uma obra que faz parte da «Biblioteca do Exército» e seu autor é, com certeza, militar. Suas histórias apresentam bastante interêsse pelo território em que as ambienta. Rubens Mário Jobim é certamente um autor que, embora estreiando, revela qualidades de ficcionista muito apreciáveis. Seus contos dêste volume conseguem prender o leitor e seu estilo, sua naturalidade de fabulação, sugerindo a realidade, quer nas paisagens, quer nas figuras que movimenta, fazem-nos simpatizar com o seu mundo, com sua prosa pontilhada de regionalismos e de um vivo sabor agreste.

★

Autora de «Noite feliz» e «História da árvore de Natal», em pouco tempo Hertha Pauli se tornou idolo de leitores grandes e pequenos. E' que, além de focalizar assuntos interessantes, sabe apresentá-los com simplicidade e graça, virtudes bastante para atrair tôda classe de público. E' de sua lavra, igualmente publicação da Melhoramentos, êste «Viagens de São Nicolau», instrutivo e encantador trabalho, ilustrado por Susanne Suba e Renate Eggers, tradução de Luís Galantee.

O índice do livro pode orientar sôbre seu conteúdo: As primeiras viagens: o jovem estrangeiro; Anjos da terra; O grande bispo Nicolau. Outras viagens: O Novo santo; O resgate; O pequeno bispo Nicolau. Viagens mais longas: Os presentes; São Nicolau funda uma cidade; Véspera de Natal. Em verdade, a história, poética e humana do Natal fica muito mais linda após conhecermos estas «Viagens de São Nicolau».

O LIVRO ILUSTRADO



Um retrato de Simon Bolivar, reprodução de pintura a óleo, no livro que Waldo Frank acaba de dedicar ao Libertador: «Birth of a World». E' mais uma obra importante que o grande poeta dedica, como historiador, biógrafo e ensaista, ao que êle chama «América Hispana».

UM BROTINHO GANHOU . . .

(Cont. da pág. 6)

ram-se mais uma vez Carlota, Dilba, Iny, Jeanette, Maria Auxiliadora, Marlene, Marta, Sônia e Teresinha. As mais aplaudidas foram Carlota, Marta e Jeanette.

FICARAM SEIS

Nova seleção e foram chamadas sòmente meia dúzia, portanto quase um têrço das que iniciaram. Desfilaram, pela terceira vez, Carlota, Jeanette, Marta, Marlene, Dilba e Sônia.

TRÊS FINALISTAS

Para a semifinal restaram as representantes do Pinheiros, Anglo-Americano e Botafogo. Da trindade sairia a Rainha dos "Jogos da Primavera". Iniciou-se o sensacional desfile das três finalistas, sob os aplausos do público. Veio Carlota, com suas curvas sinuosas; Marta impressionou por sua beleza e graça, e Jeanette agradou por sua elegância.

OS RESULTADOS FINAIS

Intensa expectativa precedeu o anúncio dos resultados parciais. Em fisionomia ganhou Carlota, com 40 pontos. Em segundo, Marta, com 34,6; terceiro, Jeanette, com 34,1. Em plástica, Carlota voltou a triunfar, com 38,7; Marta registrou 35,8 e logo a seguir veio Jeanette, com 35,5. Finalmente, na parte esportiva, Maria Auxiliadora foi a vencedora, com 15,2, e, em segundo, Marta, com 11,8. Carlota assinalou apenas 1,2 e Jeanette o mesmo número de pontos. No cômputo total, triunfou Marta Abdala, do Anglo-Americano, com 82,2 pontos, vantagem conseguida com os seus méritos esportivos. Em segundo, Carlota Waldeumair, do Pinheiros, com 79,8. O terceiro pôsto pertenceu à representante do Botafogo, com 70,8.

A RAINHA — UMA AUTÊNTICA ATLETA

Um autêntico "brotinho" conquistou a coroa mais cobiçada pela mulher desportiva: o de rainha dos "Jogos da Primavera". Marta Abdala, do Colégio Anglo-Americano, sucedeu no trono a Margaret Schmidt, representante do Icaraí, que o ocupou duas vêzes, pela sua beleza fisionômica, pela sua graciosidade, pela sua plástica e, principalmente, pela sua eficiência esportiva. Participou de sete modalidades esportivas. Conquistou o título de campeã em três modalidades: arco e flecha, basket e remo. Foi vice-campeã em dois desportos: barco a motor e esgrima. Formou na equipe que conquistou o quinto lugar em ciclismo e, no volei, o seu "six" classificou-se em sétimo pôsto.

Uma verdadeira rainha do esporte, o "brotinho" Marta Abdala.

ESPETACULAR FUGA . . .

(Cont. da pág. 31)

após cerrado tiroteio, circularam rumores de que Bassini havia sido visto, no Rio, armado de metralhadora, em um automóvel, estando disposto a soltar seu amigo, fazendo o possível e o impossível para levar à efeito a façanha. A guarda de "Sete Dedos" foi dobrada e, logo depois de chegar a S. Paulo, foi metido num carro-forte, de onde só desceu na Penitenciária. Agora, tudo faz crer que Bassini o teria ajudado a fugir.

DE DENTRO PARA FORA?

Um túnel de dez metros de extensão, que dá passagem a um homem corpulento como "Sete Dedos", não se faz com um simples "passe" de mágica. E o pior não é isso e sim que a terra retirada da excavação não poderia desaparecer, pura e simplesmente, pois totalizaria, mais ou menos, dois caminhões de seis toneladas, lotados. Outro ponto a ser averiguado é de os fugitivos haverem aberto o túnel, utilizando-se de talheres ou de colheres de pedreiros, segundo declaração do Sr. Sebastião Carneiro.

Foi um trabalho estafante e cumpre salientar, fato que causou espécie, que durante os meses em que se desenvolviam os "trabalhos", os vigilantes nada notaram de anormal e a terra foi, calmamente, caldeada do local. Uns dizem que ela era misturada, diàriamente, com as aparas de madeira e com serragem. Outros, não acreditando na hipótese, juram que houve conluio e que guardas ou vigilantes estariam envolvidos, diretamente, na fuga. Outra probabilidade é a que o túnel teria sido aberto de fora para dentro, porém aparece aí a impossibilidade dos guardas não terem percebido tal coisa. Todavia, em vista da troca das roupas, em plena luz do dia, levada à efeito fora da penitenciária, sob seus muros, poderíamos perguntar: veriam os guardas uma escavação feita de fora para dentro ou julgariam que se tratava de garimpeiros trabalhando honestamente?

QUEBRADO O TABU

Sòmente cêrca de 5 horas após a fuga é que as estradas foram fechadas e as rádio-patrulhas passaram a receber comunicados referentes à evasão. As autoridades devem ter ficado desorientadas e, após isso, passaram a agir às carreiras, o que de nada adiantou, porquanto os meliantes já teriam abandonado as fronteiras do Estado, recebendo um "boa-viagem" dos policiais da fiscalização rodoviária.

Agora, aberto inquérito sôbre o caso, a polícia procede às investigações necessárias. As antigas amiguinhas dos criminosos e os detentos foram interrogados. Isso de nada adiantou. As primeiras de nada sabiam e os segundos nada esclareceram. Mantiveram indefectível o "código de honra". Aliás, quem delata morre e a população penitenciária cumpre suas "leis" à risca.

COM A PALAVRA A POLICIA

A despeito do sigilo em que vêm sendo mantidos os processos policial e administrativo, circulam rumores de que funcionários e vigilantes do presídio estariam envolvidos na fuga. Vários nomes vêm sendo apontados, mas não há qualquer prova a respeito.

Seria, portanto, leviana a afirmação inexata e precipitada de que fulano ou beltrano estaria implicado na evasão, porquanto muitas das hipóteses, inicialmente tidas como certas, ruiram por terra, oferecendo publicidade gratuita, desnecessária e prejudicial a pessoas que nada tinham a ver com o acontecido.

Graves falhas foram observadas dentro da Penitenciária e inúmeras ordens e portarias invalidadas, por determinações internas e há quem diga que a disciplina ali foi desrespeitada e que, de algum tempo para cá, o presídio, ao invés de casa de regeneração, passou a ser hotel de veraneio. Isso porque deu-se muita liberdade aos presos e permitiram-se coisas até então desconhecidas, como, por exemplo, a expedição de ordens e salvo-condutos que permitiam a alguns detentos circularem pela casa, sem estar acompanhados do necessário guarda.

OS MELIANTES

Os evadidos, neste momento, estarão bem longe das malhas da lei e certos de haverem praticado a maior façanha que nossa crônica policial já registrou. Enquanto isso, periga a segurança pública e alguns investigadores, anteriormente ameaçados de morte por "Sete Dedos", falam à bôca pequena de seus temores.

O pelotão de choque da Fôrça Pública tem ordem de atirar para matar e as polícias estaduais preparam-se para a maior caçada humana já efetuada no país.

Muitas pessoas julgam que os meliantes já estão longe do Brasil, enquanto há quem os pense nesta capital, escondidos calmamente.

Cumpre-nos esperar e ver se a polícia, que não foi capaz de guardar cinco criminosos na mais segura penitenciária da nação, será capaz de recapturá-los. Sangue correrá, é quase certo. "Sete Dedos", pelo menos, não estaria disposto a se entregar, sem resistência. Infelizmente, falhou a fiscalização da Penitenciária, dando assunto à imprensa e deixando endeusar perigosos bandidos, o que é de um efeito moral e psíquico perigoso. Esperaremos, pois haverá mais assunto, no qual estará em jôgo a fôrça da polícia, sua perícia, contra a de cinco criminosos que desafiaram a inexpugnabilidade do Carandiru e agora se riem do faro das autoridades competentes.

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos **Líquido, sólido e bastões para barba**

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.

AGUARDEM

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillage e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradáveldo suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quirtino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ISTO, SENHORES, E'...

(Cont. da pág. 21)

E tornaram-se populares em Hollywood os "slogans" do cemitério — vá lá! — de Forest Lawn: "Durma sob as estrêlas..", "O nosso solo é sêco e sem infiltração...". E não deixa de ser um espetáculo interessante uma visita às colinas verdejantes e bem tratadas, ladeadas por imensas avenidas asfaltadas, onde não se vê uma única sepultura, servindo apenas de indicação dos lugares onde foram sepultadas as crianças desaparecidas, simples lápides incrustadas no solo...

Isto, senhores, é Hollywood.

Cidade ingênua e simples, sem as complicações que uma propaganda orientada tenta tornar glomorizada. Dois fatos que me contaram agora definem Hollywood, sob êste aspecto de simplicidade.

Os dois se passaram durante a guerra. No dia seguinte ao ataque de Pearl Harbour, e quando medidas enérgicas estavam sendo tomadas sôbre os súditos japonêses, o nosso conterrâneo Gilberto Souto, há 20 anos radicado em Hollywood em atividades jornalísticas e artísticas, precisou falar com Eros Volúsia, então contratada pela Metro. Procurou-a pelo telefone, e começaram a conversar em português. A ligação foi interrompida:

— Em que língua estão falando?

Gilberto explicou, em inglês, que a nossa artista não falava suficientemente inglês para uma conversa com um amigo, que êles estavam falando a língua do Brasil, país amigo da América, que ela era contratada da Metro, que êle, Mister Gilberto Souto, residia na Califórnia há tantos anos.

— Mister Sôto?! Então vou cortar a ligação e não pode falar mais. Sôto? O sr. deve ser japonês...

E a outra história ainda é mais pitoresca. Carmen Miranda fêz uma promessa a S. Judas Tadeu e, uma vez alcançado o pedido, passou um telegrama ao seu irmão, aí no Brasil, remetendo uma certa quantia à igreja de S. Judas Tadeu. Mandou passar o telegrama, mas momentos após recebia um telefonema da agência telegráfica perguntando a nacionalidade de um tal Judas Tadeu, porque se tal pessoa fôsse italiana, como parecia, era roibido pelas leis americanas emeter dinheiro para súditos lo Eixo...

Isto, senhores, é Hollywood...

Mas, se eu fôsse continuar, o assunto daria para um livro.

Respostas ao teste

1—Argos Fluminense (1845)
2—De Jesus Cristo
3—Elipse
4—Pancada
4—Biruta
6—5 de novembro
7—Moço de fretes
8—Parônimas
9—Majestoso
10—Arte no vestir
11—Castro Alves
12—Capivarí
13—Mariana
14—Assassinado
15—Paula Ney

Idéia que dou de graça a quem se abalançar a semelhante e agradável tarefa...

A PRIMEIRA MISSA

(Cont. da pág. 16)

índios não têm a imunização contra o viros. A tuberculose causa verdadeiras devastações. Tribos inteiras estão hoje sensivelmente reduzidas, por culpa de uma dessas nossas doenças caseiras que apanham o índio desprevenido de defesa. O S. P. I. obriga o exame médico de todos os que visitam acampamentos índios. Mas o contrôle não pode ser perfeito e basta um único indivíduo com uma simples gripe para pôr em perigo a vida de dezenas de índios.

Leonardo Vilas-Boas pondera, com sua experiência de 8 anos de sertão:

— «O índio só deseja do branco assistência médica e orientação. Os chavantes, por exemplo, não se dedicam a qualquer atividade agrícola. Com cinco anos de contato, poderíamos transformar os chavantes em agricultores. Esta é, no momento, a missão que incumbe ao S. P. 1.. Deixar o índio com sua liberdade, sua nudez, seus hábitos e crenças. Assisti-lo e orientá-lo na sua terra. Para que levá-lo para a cidade?»

APOIO de CAFÉ FILHO

O Vice-Presidente demonstrou vivo interêsse pelo plano do Parque Nacional, assegurando apoio à iniciativa.. Os estudos ainda não foram dados como ultimados, inclusive no que se refere à demarcação da área. Entretanto, no início da próxima legislatura, o projeto deve ser apresentado ao Congresso e, tratando-se de uma proposição sem coloração política, tudo indica que venha a ser aprovado sem maiores dificuldades. Êste é o caminho para a salvação do índio, uma cruzada digna da atenção do país.

O PACOTE AZUL

) (Cont. da pág. 46

frimentos porque passei, sendo você testemunha de muita coisa — fui mais ou menos feliz.. As únicas lembranças boas, que tenho de meu passado, são quando vivi em companhia dêle e de mamãe. Meu pai morreu deixando o armazem ao filho. E êle dirigia bem os negócios. Depois associou-se com um tipo desprezível. Tudo começou a sair mal. Veio uma falência fraudulenta. A minha mãe jurou que Leonardo estava inocente. Em resumo: minha mãe morreu, perdemos tudo e meu irmão passou dois anos na cadeia. Quando êle saiu meus padrinhos, excessivamente rigorosos, proibiram que eu o recebesse. Não mereceu a confiança de amigos. E desgraçadamente ninguém o ajudou. E foi caindo.. De tempos em tempos me procurava. Ora como mendigo, sujo, mal vestido, então eu o ajudava como podia. De outras vêzes se me apresentava grãfino. Nessas ocaisões me levava a passeios e divertimentos. Ao ouvido de meu padrinho chegaram boatos. Falaram de umim. Que saía sempre em companhia de um rapaz. Ralharam comigo, castigaram-me, fizeram tudo para que eu revelasse a verdade. Silenciei. Levei a culpa. Veio você e me salvou. Quase que o perco... Avalio quantas coisas não lhe disseram a meu respeito! De meu irmão, passados tantos anos, só vim ter notícias dêle quando já prêso. Desde o meu casamento que Leonardo havia desaparecido. E o destino quis que você aqui viesse para condená-lo. Êle morreu hoje à tarde. Penso que foi boa solução de Deus.





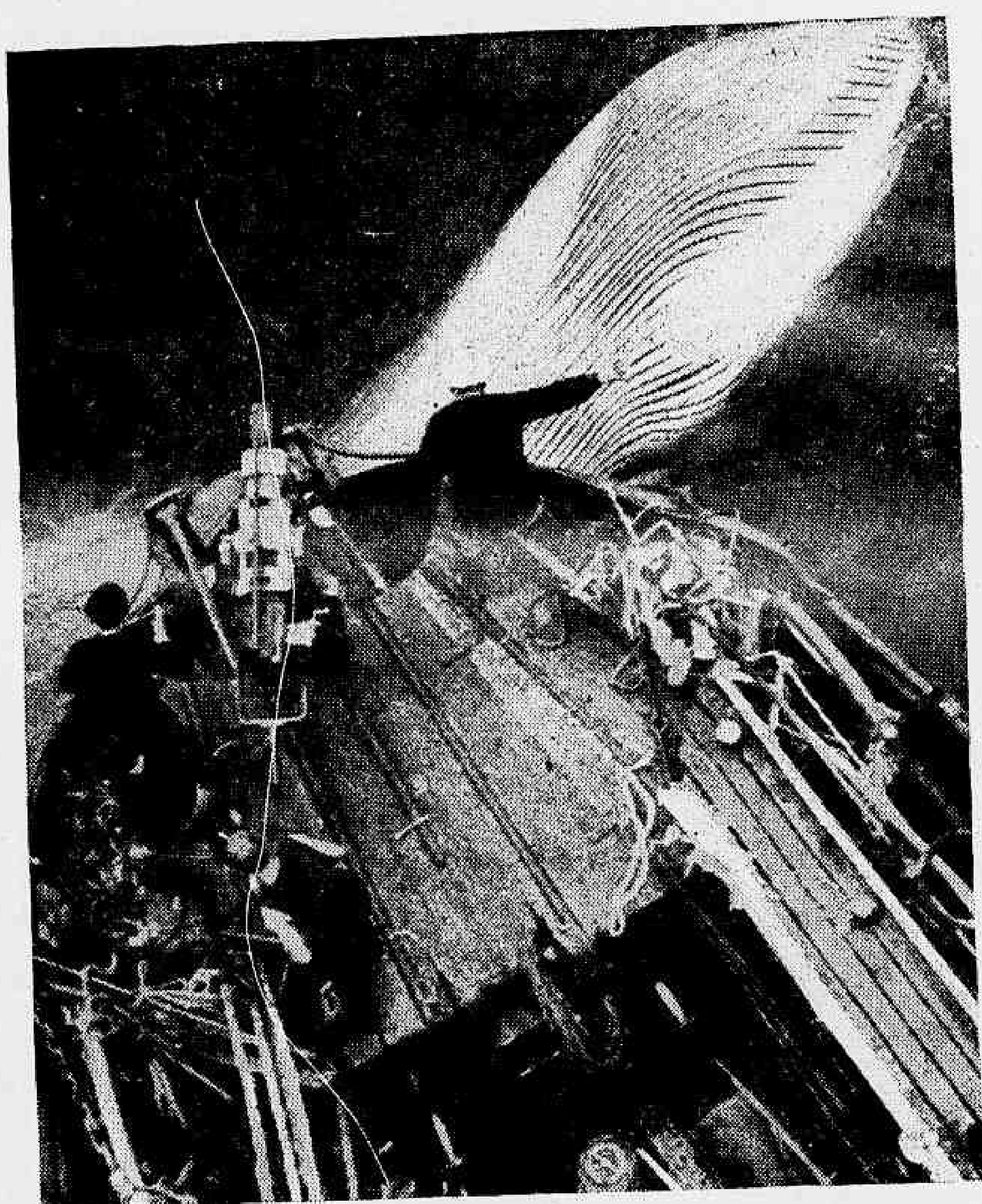
exige outra:



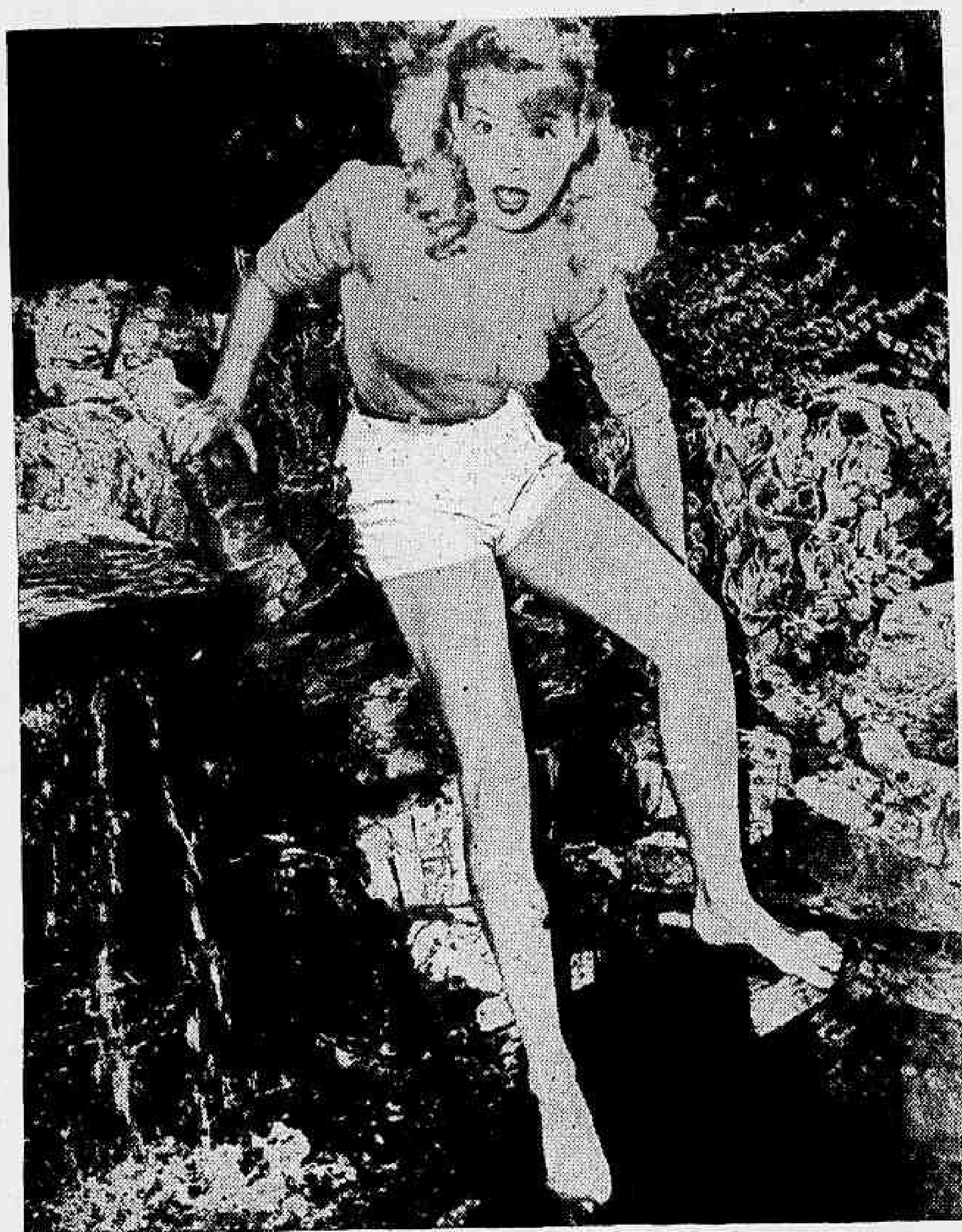
Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE



IMPRESSIONANTE MOMENTO em que um baleeiro chileno arrasta grande baleia nos mares australianos. Todos os anos, pescadores dêsses cetáceos de todos os países vão com suas embarcações às águas da Austrália para a pesca da baleia, até ao limite fixado pelas leis nacionais a fim de evitar-se a destruição completa dos mamíferos marinhos. Êste ano, só o Chile capturou 1.200 baleias das quais retiraram óleos e derivados num total de quase três milhões de liras. O pequeno barco de arpoamento entra no seu pôrto rebocando enorme baleia.



CECILE AUBRY JÁ ESTÁ FAMOSA em Hollywood pela alcunha que lhe puseram, de «Ingênua Libertina». Segundo os produtores de filmes da Meca do Cinema, essa garôta loura e de pernas espirituais, é o tipo perfeito da «ingênua libertina», conseguindo chegar à perfeição em tais performances. Aqui a vemos entrar para o banho, ou apenas para brincar na água de uma piscina selvagem, entre vegetação tropical e pedras de uma elevação bastante poética. Miss Aubry se mostrou surpreendida com a presença do fotógrafo, e, segundo consta, deu-lhe um banho.

TUDO ISTO

Viver das letras



COSTUMAMOS dizer que, neste país, não se pode viver da literatura. Para que um cidadão possa viver das letras, é preciso que possua algum emprêgo rendoso, do contrário não recebe nem para o cafèzinho. Mas isso não é verdade. Pode ter sido no passado; hoje, meus amigos, a coisa é muito diferente. Veja-se o que acaba de ocorrer com o poeta Oswaldo Santiago, intelectual pernambucano, autor de "No Reino Azul das Estrêlas"; "Rio-Mar" e outras obras bem versejadas e magnificamente impressa. O aedo nordestino, que desde muito reside aqui no Rio, sempre foi um homem de letras, um defensor de sua classe, até mesmo perante a justiça, o que lhe granjeou prestígio e cultura, tendo escrito, recentemente, um livro sôbre Direito Autoral, "Aquarela" mais colorida do que a famosa de Ari Barroso. Oswaldo Santiago fêz sua declaração de renda e foi surpreendido com uma tributação do respectivo impôsto sôbre 240 contos de réis. Mas como? — indagou alarmado o poeta — Se a Constituição isenta de impostos os escritores e jornalistas, como é que eu vou pagar impôsto de renda? Entrou com um processo administrativo para sair-se da rede de arrecadação do Ministério da Fazenda, mais não deu resultado. Teve então que recorrer ao mandado de segurança perante o Juizo dos Feitos da Fazenda. O processo foi bater no Tribunal Federal de Recursos, que confirmou a isenção, conforme o Art. 203 da Constituição, reconhecendo o direito do poeta que, se ganhou vinte contos mensais com sua literatura, provou que se pode viver literàriamente no Brasil.

Monstros



DOIS fuzileiros navais, um marinheiro e um soldado do Corpo de Bombeiros da Capital Federal, submeteram uma jovem aos mais vexatórios atos de imoralidade, numa praia da zona sul, à vista do seu namorado, que ficou inativo sob ameaças de morte, com um punhal ao peito. Depois do ato selvagem, os quatro militares foram divertir-se contando a proeza revoltante. O namorado da moça narrou o atentado a um guarda-civil, o qual, sem perda de tempo, chamou a Rádio-Patrulha, conseguindo-se prender os canibais, enquanto era a jovem hospitalizada. Uma particularidade chamou a atenção do povo: a presença de um soldado do Corpo de Bombeiros. Muita gente não acreditou, pois essa corporação, para honra da cidade, é de uma compostura moral e de um prestígio tão consolidado em nossa sociedade, que provoca estupefação o ouvir-se dizer que um bombeiro cometeu atos indignos. Infelizmente, porém, houvera a exceção. Mas, para dar satisfação pública da revolta que o caso provocou naquela corporação, o seu comandante, Cel. Sadock de Sá, promoveu a expulsão daquele mau elemento, abrindo os portões do quartel-central, para que o povo pudesse assistir ao severo castigo impôsto ao desordeiro. A toques de caixa e corneta, com todo o ritual da expulsão das fileiras, o revoltante indivíduo ouviu a palavra do comandante, que não podia ocultar sua indignação. Sempre ocultando o rosto aos repórteres, o ex-bombeiro foi entregue à polícia para ser processado. E essa "ovelha ruim", durante tôda a sua vida, jamais se esquecerá dessa cena humilhante, que o marcou até depois de morto.

Com o diabo no couro



JÁ ia clareando lá para a rua Matupá, em Lins de Vasconcelos. Um ou outro galo em quintais distantes anunciavam que o sol não tardava. Os bondes reapareciam e os autos, ainda recolhidos às garagens, davam algumas horas de tranqüilidade aos transeuntes retardatários. De súbito, foram ouvidos gritos lancinantes pedindo socorro. Os moradores daquela rua, despertados com os berros, vieram ver o que se passava. Era uma mulher que, completamente despida, corria de um terreno baldio e se dirigia para a casa nº 80, onde procurou entrar de qualquer modo. Como não pudesse entrar, dirigiu-se para o edifício 72, um sobrado, onde pediu proteção. Pessoas da família ali residente, vendo aquela mulher nua a gritar na calçada, atiraram-lhe peças de roupa, a fim de que se compusesse e não escandalizasse tanta gente como estava fazendo. Mas, com surprêsa para todo mundo que estava assistindo ao espetáculo matinal, a mulher desvairada não ligou a menor importância ao vestuário que lhe ofereciam. Foi quando apareceu a Rádio-Patrulha, a chamado de alguém, e os policiais levaram a mulher para a delegacia do 22º distrito. Apresentada ao comissário, declarou ela que se chamava Arminda Raimunda, e que estava sendo perseguida por um "espírito mau". O comissário lhe perguntou como conseguira tal companhia e ela confessou que, desde três dias passados, recebera vários "santos" numa macumba do "Bairro Vermelho", mas que, um dêles, só para enfezá-la, queria por fôrça conquistá-la. O comissário viu que estava diante de uma débil mental e providenciou o seu internamento num manicômio...

ACONTECEU

Regras do bom viver



NÃO há familia que não tenha seus fuxiquinhos. E o que sucede na familia, também ocorre na sociedade inteira, na vida de relação da alta, da média e da baixa esfera social. O fuxico é uma instituição universal e começou com o primeiro caso no Paraiso. Não se sabe como, apareceu uma cobra que tinha o dom da palavra (e que lábia!) e bumba! desgraçou Adão e Eva. Foi pensando nas intriguinhas entre sogras, genros e noras, que o Comitê de Assuntos Públicos de Nova York, nos Estados Unidos, publicou nove itens de uma regra de Bom-Viver. As regras foram escritas pela Senhora Edith Meisser, considerada grande técnica em assuntos familiares, e são as seguintes: 1º — Ambas as familias, que se unem pelo casamento, devem mostrar-se flexiveis a respeito das necessidades e exigências mútuas, recordando que as divergências podem ser resolvidas e ajustar-se por compromissos; 2º — As sogras devem recordar que os filhos crescidos têm o direito de tomar suas próprias decisões; 3º — As sogras devem evitar apoiar qualquer das partes em luta entre jovens; 4º — Está contra tôdas as regras provocar dificuldades, dizendo a uma espôsa ou espôso, "que não deve tolerar tal tratamento"; 5º — As noras e os genros devem ser aceitos tais como são, sem procurar modificar seus temperamentos; 6º — Fazer poucas sugestões, mas isto não quer dizer que nunca devem dar conselhos; 7º — Não informe sôbre êxitos ou fracassos do casal de um para outro de seus filhos. Não seja propagadora de fuxicos; 8º — Se viverem juntos, cada um tenha seus deveres e responsabilidades; 9º — As relações com um genro nunca são iguais em relação ao próprio filho.

Clandestino milionário



O comandante do transatlântico inglês "Highland Chieftain", chegado recentemente ao pôrto do Rio, entregou à Policia Maritima o clandestino espanhol José Manuel Garcia Gomes Urquiza, embarcado em Vigo sem passagem nem documentos. Ouvido pelas autoridades portuárias, Urquiza declarou coisas de "Conde de Monte Cristo"... Era neto do general Urquiza, ex-presidente da Argentina, para onde se destinava nessa viagem de aventura. Disse que, antes de rebentar a segunda guerra mundial, fôra procurado, lá na Espanha, por dois senhores de Buenos Aires, que se propunham habilitá-lo a entrar na posse dos bens deixados por seu avô Don Justo José Urquiza, falecido a 11 de abril de 1870. Diversos avisos e convites recebera depois, mas, em virtude de fatôres diversos, nada pudera fazer para aprofundar suas investigações e comparecer perante a justiça argentina e reivindicar o que lhe cabe, por direito. De quanto será essa herança? Diz ainda o clandestino que seu avô deixou cêrca de vinte bilhões de pesos em propriedades e que, baldo de recursos, teria que vir à América do Sul para constituir advogado e lutar pela herança. Aproveitou ligeiro cochilo das autoridades de bordo do "Highland Chieftain", no pôrto de Vigo, tendo penetrado a bordo e se escondido convenientemente. Mas, infelizmente, poucos dias depois fôra descoberto e agora... Como terminará o sonho rocambolesco dêsse espanhol, neto e herdeiro do general Urquiza?

Dois Prefeitos



SERGIPE, às vêzes, nos fornece episódios interessantes e que provam não estar aquêle Estado fora dos acontecimentos sensacionais. O caso dos dois Prefeitos de Aracaju é dos mais curiosos. O governador Arnaldo Garcez, tendo firmado um acôrdo politico com o PTB, nomeou para prefeito da capital o Sr. Antônio D'Avila Nabuco, que já era oficial administrativo, letra "O". Logo que foi publicado o ato do governador, o novo prefeito, que substituiria o Sr. Aldebrando Franco de Lanes, que se exonerara, tratou de assumir o cargo, o que foi feito solenemente, na sede da Prefeitura da capital. Sucedeu, porém, esta circunstância: o presidente da Câmara Municipal de Aracaju, Sr. Teixeira Machado, do PR, oficiou, no mesmo dia da posse do Prefeito, comunicando ao Secretário da Justiça, que pretendia tomar posse do cargo de Prefeito de Aracaju, na qualidade de substituto legal do exonerado. O assunto despertou o maior interêsse nos meios politicos e sociais da capital de Sergipe, uma vez que, tanto o governador como o presidente da Câmara Municipal, alegam direitos constantes de leis constitucionais do Estado. Sustenta o Governador que o Art. 4 das Disposições Transitórias lhe dá direito de nomear o Prefeito; mas o Sr. Machado lhe responde com a Lei Constitucional nº 1, que tornou efetivo o cargo de Prefeito de Aracaju, tirando ao governador o poder de nomeação. Pelo que parece, o assunto terminará no Tribunal Regional Eleitoral, a quem caberá descascar o abacaxi das margens do Cotinguiba...



A ATRIZ DIANA LYNN, em Loges Angeles, experimenta diante de um espelho um dos mais espantosos vestidos de que há memória na capital do cinema, e, conseqüentemente, em todo o mundo. Trata-se de um modêlo criado por uma joalheria americana, completamente recoberto por milhares e milhares de perolas cultivadas, no valor de um dolar cada uma. O valor dêsse vestido é de 70 milhões de liras, pesando tudo doze quilos. Miss Lynn o exibiu numa festa de caridade, causando grande sensação. Ao pescoço e nas orelhas, diamantes que valem apenas sete milhões.

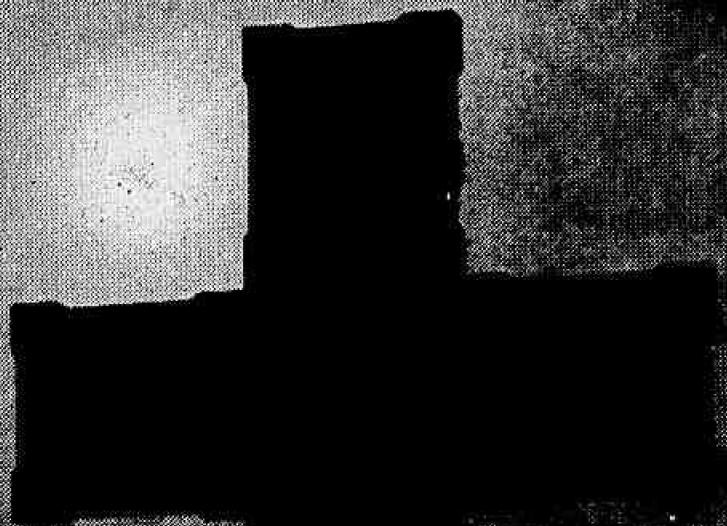


EM SETEMBRO ÚLTIMO foi realizada nos imensos salões de vendas do magazine «Macy's» de Nova York, os maiores do mundo em seu gênero, uma exposição de artigos produzidos na Itália, nos variados setores da atividade industrial e manufatureira do poético país de Dante. E aqui está um casal de ítalo-americanos em trajes típicos, mostrando ao estadista e financista Bernard Baruch, diversos espécimes da produção italiana, dentre as quais se destacam artigos de cerâmica, vinhos, frutas, com o que se mostra bem impressionado o visitante.



Sôbre lápides [illegible] epitáfios falam de filhos [illegible] esposas fiéis e amantes sem [illegible] moleques jogam cartas

UM CAMPO SANTO NA GAMBÔA



ONDE OS INGLÊSES NÃO DESCANSAM

A TARDE, quando o sol se põe, no vago interlúdio, uma cruz se destaca como um aceno divino à memória dos homens. E' o cemitério dos inglêses, na praia da Gamboa, onde em média, vinte cidadãos dessa nacionalidade são sepultados anualmente. Desde o remoto ano de 1809, ali existe o campo santo que já foi Forno de Cal

ESQUECIDO, POR DETRÁS DO TÚNEL JOÃO RICARDO, OLHANDO PARA O MAR, AQUÊLE CEMITÉRIO NÃO RECEBEU A VISITA RUMOROSA DE FINADOS ★ FUNDADO QUANDO D. JOÃO VI VEIO DE LISBOA ★ O MAR RECUOU E A FAVELA CRESCEU ★ O HOMEM ESQUECE DEPRESSA!

Texto de JOSÉ RAMOS — Fotos de H. M. FRANCESCHI

NA rua da Gamboa, a meia altura do morro que se levanta por detrás do Tunel João Ricardo, olhando para o mar, há um cemitério. Por sôbre as suas cruzes, fazendo alicerce dos seus muros — uma favela.

Há pouco foi dia de finados. Nesse dia convencional de dor e de saudade, bondes especiais andaram cheios. Conduziam aos mais importantes cemitérios da cidade tôda uma gente sombria, portadora de flôres e de luto. Só na rua da Gamboa não passou ninguém. A meia altura do morro, no entanto, sob os barracos escuros da favela, havia um cemitério, um cemitério antigo que a maioria do povo não conhece: o Cemitério dos Inglêses.

BIOGRAFIA DE UM CAMPO SANTO

A história do Cemitério dos Inglêses anda ligada à história do Brasil. Vale a pena ser contada — é interessante.

A memória do campo santo inglês data de 1808, quando da vinda precipitada de D. João VI para o Brasil. Naquele tempo, embora desde o início do século XIX chegassem proibições constantes da Metrópole, o sepultamento das pessoas era feito nos templos religiosos. Os cemitérios do tempo eram todos particulares, e os escravos, como os animais, eram enterrados mesmo no quintal. Foi para solucionar o problema que o Príncipe-Regente resolveu comprar, em 24 de dezembro de 1808, a chácara da praia da Gamboa, a fim de serem estabelecidos alí cemitérios públicos. Aos que não professavam a religião católica foi destinado um local à parte, no lugar conhecido por Forno de Cal.

Em 8 de janeiro de 1809, finalmente, pelo decreto nº 3, os lugares de sepultamento são secularizados. E' então que nesse Forno de Cal, na praia da Gamboa, um certo nobre ingles, Lord Strangford, inaugura o cemitério dos ingleses. Por essa época o mar, que hoje se avista de cima do morro a mais de 200 metros, vinha até a porta do cemitério. Era aí a Praia da Garboa. Os mortos, geralmente marinheiros dos inúmeros navios inglêses que faziam, por aquêle tempo, comércio e traficagem pelas costas do Brasil, vinham em longas procissões de barcos, do navio ancorado, ao largo, até a praia. Era um acontecimento na Gamboa. Segundo o costume da época, o povo acorria para assistir o enterramento com ar de festa, e as comadres do vice-reinado levavam o que contar.

Hoje, 140 anos são passados. O mar recuou. Os homens avançaram sôbre a terra conquistada ao mar. Os trens de carga da Marítima hoje correm por sôbre a mesma terra onde outrora aportavam os mortos. O morro despovoado encheu-se de casebres infectos. O Cemitério dos Inglêses lá está, no entanto, embora bem pouca gente tenha notícia dêle, branco de lápides, sob quase um século e meio de memórias.

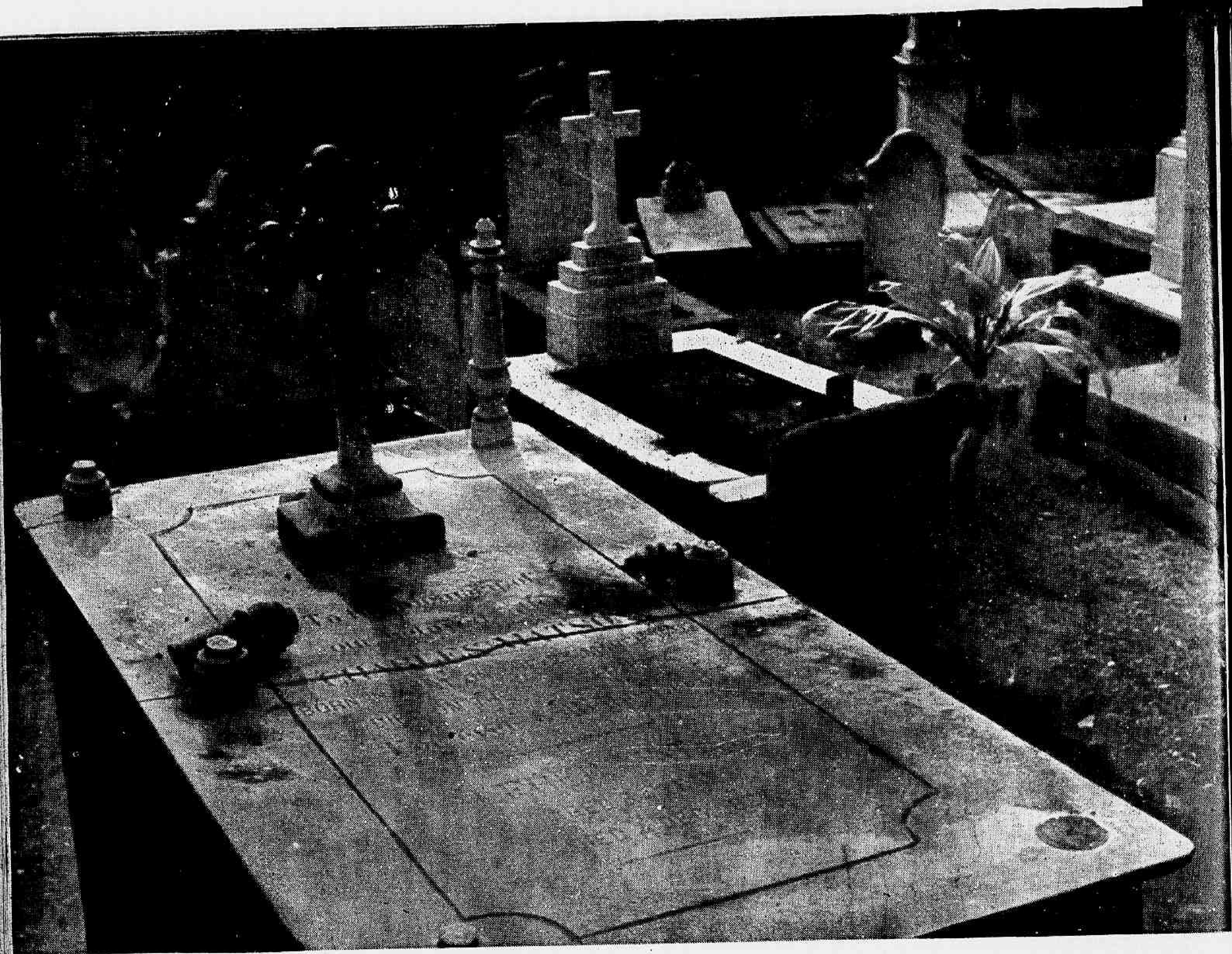


EM 1809 o morro era despido e o mar vinha trazer o corpo dos marinheiros inglêses até a porta do cemitério na Praia da Gamboa. Era assim aquele local, então.

UMA POPULAÇÃO DE INGLÊSES SILENCIOSOS

Uma média de 20 inglêses são enterrados anualmente no seu cemitério, desde a época da sua criação. "E quase nunca se transladam para a Inglaterra, como afirma Mr. Sage, secretário da Igreja Anglicana, ao contrário dos americanos que, invariàvelmente, devolvem os seus ossos à cidade em que nasceram".

Apesar do cemitério existir desde o ano de 1808, Mr. Sage, o secretário, abre o livro de registros da Igreja e mostra o nome do primeiro súdito da Grã-Bretanha oficialmente enterrado no território inglês da Gamboa, um ignorado W. Bentley, morto em 1811. Assim, pois, ainda que a julgar ùnicamente dessa data positiva em



SOB LÁPIDES partidas, estrangeiros que foram homens como os outros por estas terras estranhas, esperam descansar. E descansam, porque mesmo o dia de Finados transcorreu igual aos outros, sem o borborinho da freqüência nem a aglomeração de portadores de flores. 2 de novembro, nesse local, é um dia igual a outros.

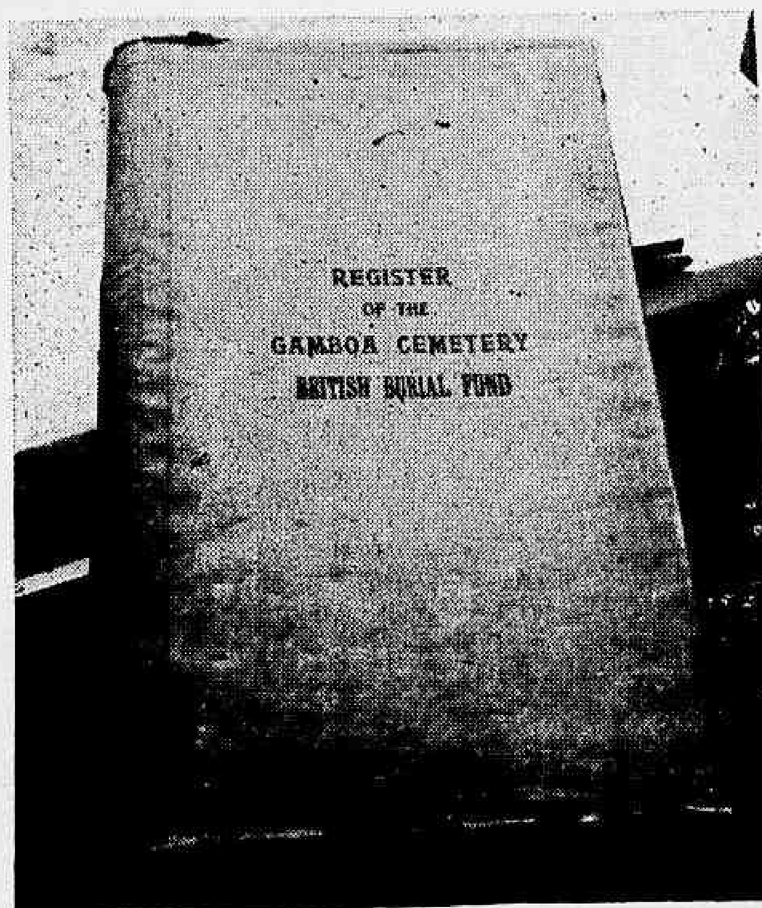
diante, uns 2.800 inglêses já devem ter sido integrados a êsse campo inevitável de pó e esquecimento.

Hoje, apenas as lápides derrubadas falam da sua memória. Só elas, nas suas letras quase apagadas, contam dêsses homens iguais aos outros, estrangeiros que nesta terra estranha foram filhos inesquecíveis, espôsos leais e amantes sem ventura. Os seus dias, os seus dias de finados, como êste que passou, são tristes e vazios. Quase ninguém virá lhes trazer flores. Algumas mulheres virão, talvez, sentar-se placidamente sôbre um mármore alheio, fitanto a estreita geografia de um túmulo comum, viverão um instante de silêncio e de lembrança. Um filho trará com certeza a sua lágrima. Depois virá o vazio. Ou viria, se não houvesse uma favela aos fundos, por sôbre o cemitério.

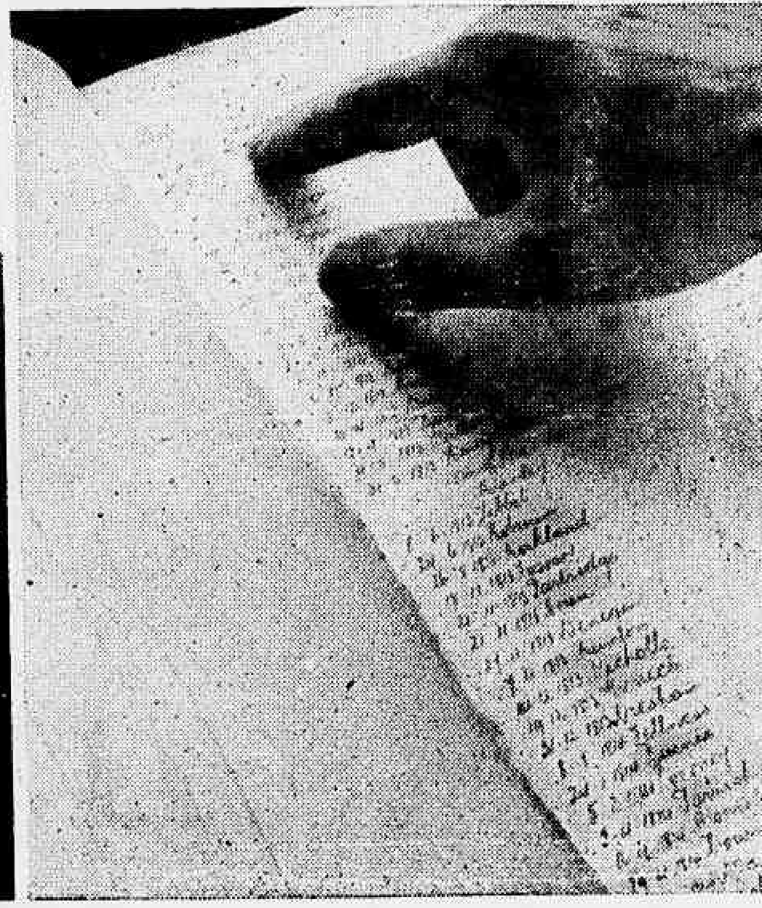
ONDE OS INGLÊSES NÃO DESCANSAM

Depois que a civilização criou as cidades, as cidades a pobreza e a pobreza a favela da Gamboa, acabou-se a tranqüilidade dos inglêses que morrem por aqui. O administrador o Cemitério, um homem moreno e baixo que fala sem se fazer de rogado, sabe disso, e explica:

"O senhor vê ali aquêles casebres no morro? — o homem espeta o dêdo e aponta. — Pois de lá jogam lixo, papéis velhos e, até, com licença da palavra, esvaziam para cá vasos de... Olhe — êle faz uma cara de responsabilidade — já pedimos providências a polícia. A polícia diz que não pode fazer nada". E continua: "Imagine o senhor que à noite os malandros aí da favela pulam o muro e vêm roubar as letras de bronze dos túmulos para vender. De dia, meninos dêsse tamanho — o administrador velhote espalma a mão a uma altura de um metro e cinqüenta — vão lá para o fundo, perto do muro, jogar baralho. Jôgo a dinheiro, seu repórter, dinheiro que êles tiram não sei de onde. Se o senhor viér um outro dia qualquer, talvez pegue até um flagrante com a máquina fotográfica". O conselho seria seguido e daria certo, como se vê. Já os funcionários da Comunidade Britânica, que tratam da administração do cemitério, se tinham igualmente queixado: "Imagine o senhor. Gastamos cêrca de Cr$ 6.000,00 mensais na manutenção do cemitério, di-



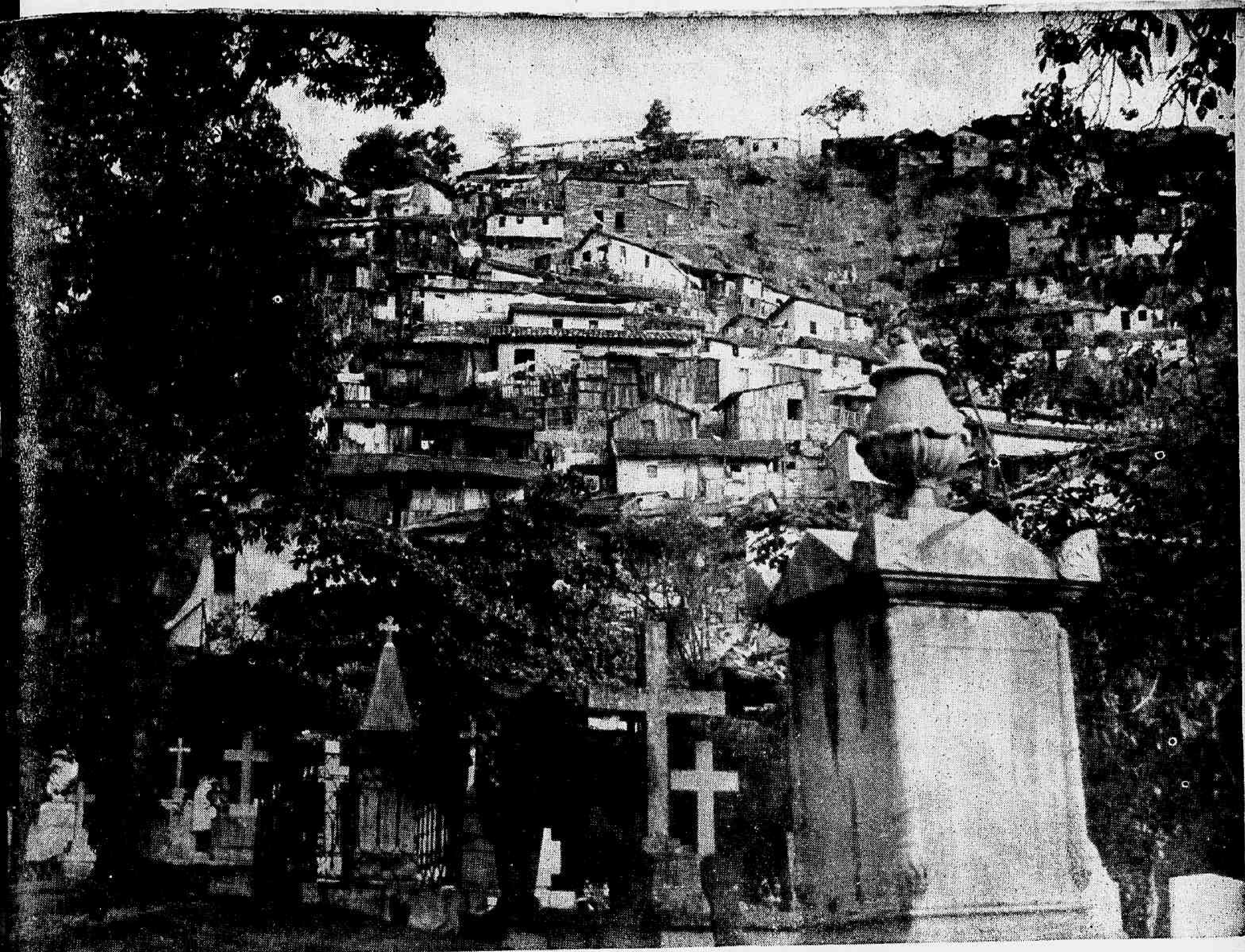
PARA ALGUÉM que se tenha esquecido, aqui está o livro de registro dos sepultamentos no Cemitério da Gamboa.



O PRIMEIRO SÚDITO inglês, oficialmente enterrado ali, foi W. Bentley, em 15 de janeiro do remoto ano de 1811.



TÚMULO DO ALMIRANTE Taylor, aquêle que abandonou a Inglaterra para ser herói na marinha do Brasil.



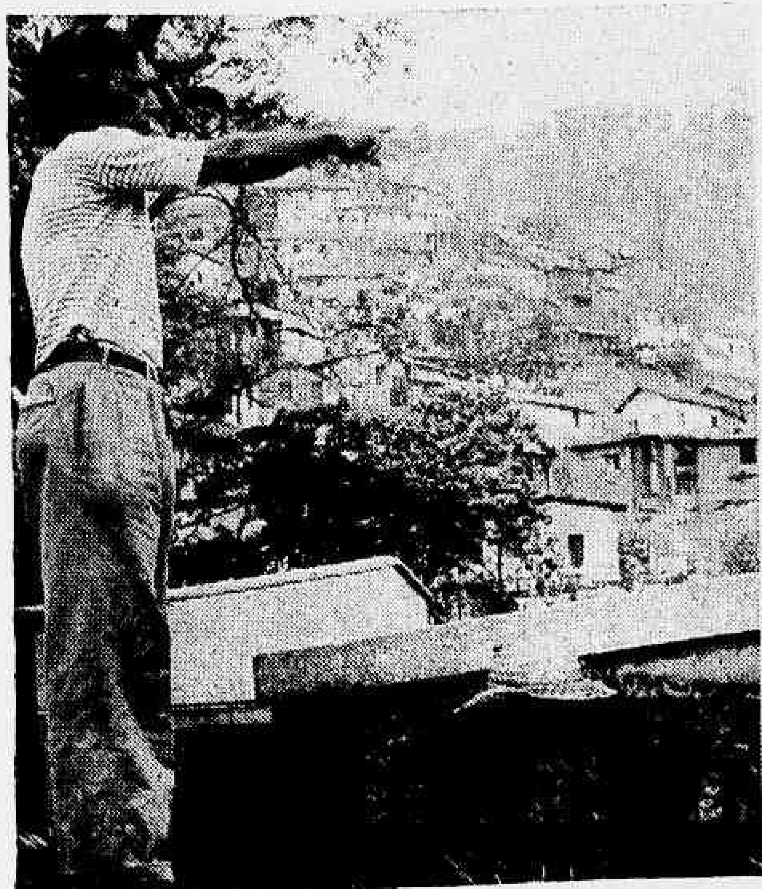
DOIS CEMITÉRIOS: O dos inglêses e o da favela, onde morrem, vegetando, milhares de criaturas. Aproximadamente 2.800 cidadãos britânicos já devem ter sido integrados ao primeiro, convertidos em pó e esquecimento. Quase ninguém vai visitar êsses túmulos e apenas de longe em longe um vulto de mulher é ali visto.

nheiro conseguido através da contribuição espontânea dos inglêses da Comunidade, e veja-o agora como está!" Concordamos que hoje em dia os inglêses andam mesmo sem sorte e sem descanso — até depois da morte. E o funcionário da Comunidade lembra a História com desalento: "No entanto, quando em 1869 o bispo de Honolulu, que por aqui passava, consagrou o cemitério a pedido do bispo de Londres, êle era uma beleza..." O funcionário estica o braço mostrando a gravura antiga e colorida. Nesse instante não se pode faltar com um olhar de solidariedade para com o funcionário alto e louro, que guarda com tanto ardor a inviolabilidade dos ausentes.

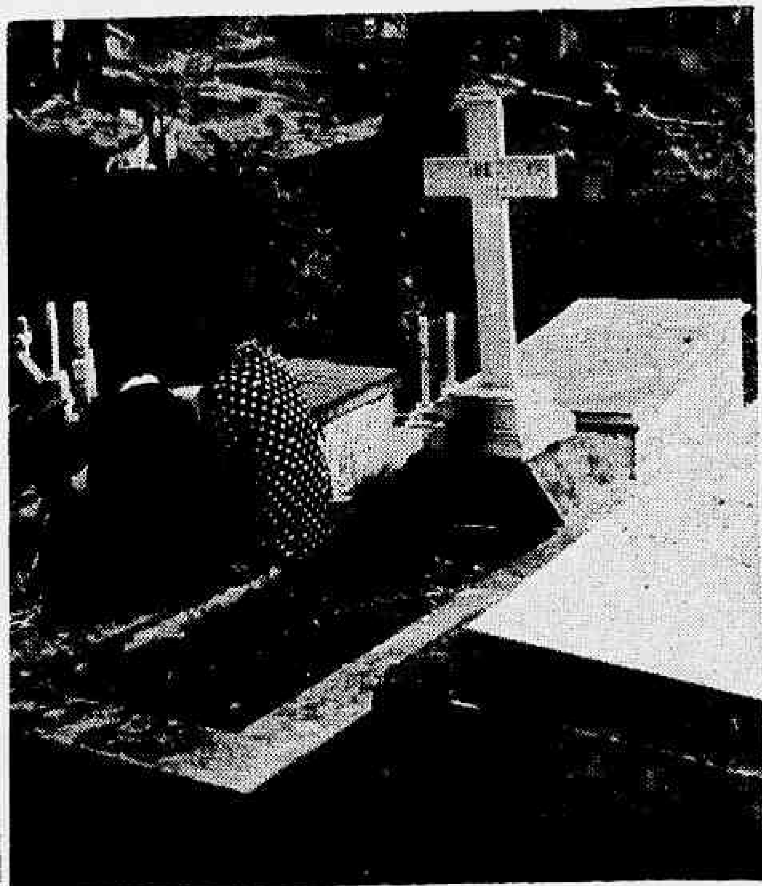
"E no entanto, é o último e grande argumento do funcionário da Comunidade contra a injustiça dos homens, o nosso cemitério abriga muita gente ilustre. O senhor não viu lá o túmulo do almirante Taylor? Pois o senhor deve saber muito bem quem foi o almirante John Taylor, que serviu na fragata "Nitheroy" pela época da Independência". O funcionário inglês fala do conterrâneo ilustre com entusiasmo e embevecimento. "Contam até uma coisa interessante... Lí há tempos num livro chamado "Almirantes do Brasil", do Vic. de Ouro Preto. O senhor conhece o episódio do "shilling?" O ar de desconhecimento é evidente. O funcionário corretamente inglês exulta e conta: "Quando John Taylor deixou a armada inglêsa, para vir para o Brasil ser capitão de fragata, o seu pai, Nathaniel Taylor, nobre de Greenwich, deserdou-o. Quando morreu, abriram o testamento. Sabe o que tinha deixado para o filho perdido no Brasil? Um "shiling" e uma recordação. — "Compre uma corda, John Taylor, e enforque-se" Taylor, por essa época já era herói no Brasil e hoje está repousando no nosso cemitério".

Era verdade. Mas era tarde também. Despedimo-nos.

E lembrar que ainda há pouco foi dia de finados. Bondes especiais andaram cheios de gente que ia visitar os cemitérios importantes da cidade. Para o Cemitério dos Inglêses, o dia transcorreu igual aos outros. Apenas à tarde, talvez, enquanto o sol se punha, no vago interlúdio, a cruz de um túmulo qualquer se tenha destacado no céu puro, como um aceno divino à memória dos homens.



— «VÊ AQUELES casebres do morro? Pois de lá jogam, papéis velhos e imundices ainda piores. Tudo é sujeira».



ALGUNS VULTOS femininos, sentados sôbre um jazigo alheio, vivem na solidão de Finados um instante de saudade.



MAS UM FILHO nunca esquece. Vem de longe e traz com certeza as suas flores. Um filho traz sempre a sua lágrima.

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 24 de novembro de 1901)

POR ÊSSE MUNDO

SEGUNDO uma estatística recentemente organizada, em Nova-York há nada menos de mil e duzentos milionários.

★

— A MUNICIPALIDADE de Ostende concedeu, esta semana, a dois italianos, privilégio exclusivo de tocar realejo pelas ruas da cidade, mediante a subvenção de um conto e quinhentos por ano. Um bom exemplo a seguir, senhores da intendência!

★

— O VELHO professor polaco Soepanick, já célebre por diversas invenções em uso no exército alemão, descobriu uma couraça impenetrável. E' feita de um tecido especial de sêda e pesa apenas dois quilos. Uma bala disparada a cinco passos não consegue romper a couraça. Por isso as guerras vão acabar.

★

— ESTÁ PROVADO que a luz é um fator importante na produção do açúcar, pois investigações recentes demonstraram que o conteúdo do açúcar na planta está em relação à quantidade da luz do sol que recebe.

★

— ATÉ FIM de julho último a guerra da Africa do Sul tinha custado a vida de 71 838 pessoas.

★

— NA AMÉRICA é severamente proibido castigar os animais. Há poucos dias Connorton, juiz do tribunal de polícia de Long Island City, condenou a dez dólares de multa um italiano que havia dado uma bofetada num macaco. Quando se adotarão medidas idênticas no Brasil?

O barítono Corbiniano Villaça no papel de «Hamlet».

TEATROS

SÃO POUCAS as novidades. Aproxima-se a estação calmosa, os teatros são poucos concorridos, crescendo a animação nos jardins dos cafés concertos. No São Pedro deu três bons espetáculos a companhia lírica Sansone, de volta de sua excursão por São Paulo e de passagem para a Europa. Deu-nos a «Tosca», que foi bem cantada; «Lo Schiavo», do saudoso Carlos Gomes, que teve regular interpretação e a «Boheme», que agradou francamente.

A «TROUPE» Colás, no Apolo, «troupe» bem organizada e dispondo de bons elementos, tem obtido franco sucesso no «Sourcouf», tendo levado à cena, no sábado, a opera cômica «Os Sinos do Eremitério», na qual estreou a 1ª tiple Mathilde Ceballos. Esta companhia promete em breve levar à cena «A volta do mundo em 80 dias».

O RECREIO Dramático, graças aos esforços do empresário Dias Braga, parece voltar aos áureos tempos de sua primitiva fama. Na quarta-feira, solenizando o 12º aniversário da fundação da companhia, foi representado pela primeira vez o drama «Pedro Alvares Cabral», original de Eduardo Victorino. O drama agradou muito e foi representado nas noites subseqüentes.

PARECE que a elegante atriz Cinira Polônio vai em breve estrear, como empresária, no Lucinda, por ela já contratado, com uma companhia de opereta e «vaudeville». Os demais teatros, fechados. Nenhuma promessa da vinda de companhia estrangeira tão cedo.

SERÁ POSSIVEL?

UM edifício gigantesco está em construção em Nova York, na esquina da Broadway e da 33ª rua, perto do «New York Herald». Terá 30 andares, com uma altura total de 455 pés ou perto de 139 metros. Chama-se «Aelna Biulling» e vai funcionar nele uma companhia de seguros. Custou cêrca de 13 milhões de francos. O mais alto edifício que ali existia era o «Park Row Builling», com 29 andares e medindo 116 metros. Pode mesmo existir prédio tão alto? Mas para onde vamos com essas loucuras?

OS GRANDES PRAZERES DA IMPRENSA

PUBLICAR um jornal é um trabalho divertidíssimo. Ouçam. Se contém demasiada política ninguém o lê, se contém pouca ninguém o aprecia. Se os artigos são compridos, chamam-nos indigestos; se são curtos, os chamam insignificantes. Se os tipos são pequenos, o público diz que são ilegíveis; se são grandes, o jornal é vazio. Se publica telegramas, êstes são acoimados de mentirosos; se não os publica, o jornal não é sério e os suprime por motivos políticos. Se se ocupa de fatos da cidade, os habitantes dos arrabaldes se dizem esquecidos; se trata as questões rurais, os moradores da cidade o acham aborrecido. Se publica coisas espirituosas, é um jornal para os estouvados; se não as publica, é bom apenas para os rabugentos. Se publica relações picantes, não é sério; se não as publica, é incapaz de divertir o leitor. Se conta imparcialmente o que se passou em uma reunião, dizem que era melhor calar-se; se não o faz, corta as notícias por motivos pouco limpos. Se escreve um artigo capaz de interessar as mulheres os homens se julgam roubados, e vice-versa. Se o diretor vai à missa, o acusam de ser clerical; se não freqüenta a igreja, é homem sem lei e sem fé. Se fica todo o dia na redação, dizem que tem mêdo de andar na rua; se anda na rua, dizem que seria melhor cuidasse do jornal. Se paga os fornecedores pontualmente, não merece a confiança; se não os paga, encontra sempre alguma alma caritativa que espalha a voz de que furta aos credores... Engraçado!

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 47 ★ 24-11-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1938.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da America do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-3550





MÓVEIS E DECORAÇÕES

-- orçamentos executados por técnicos especializados --

GRUPOS ESTOFADOS

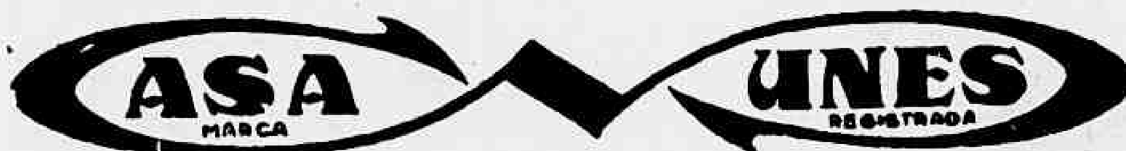
— uma especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS À MÃO

—verdadeiras jóias de arte—

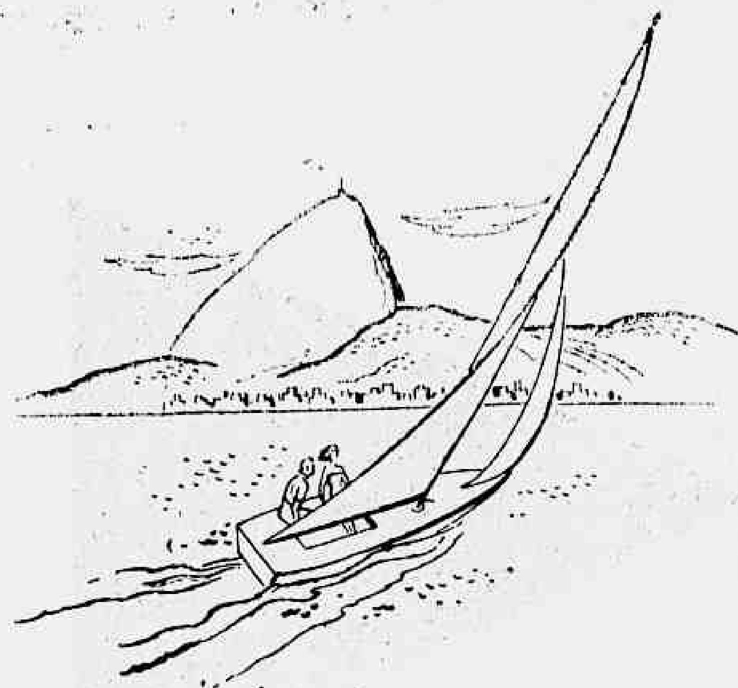
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões, em côres lisas e com flores.

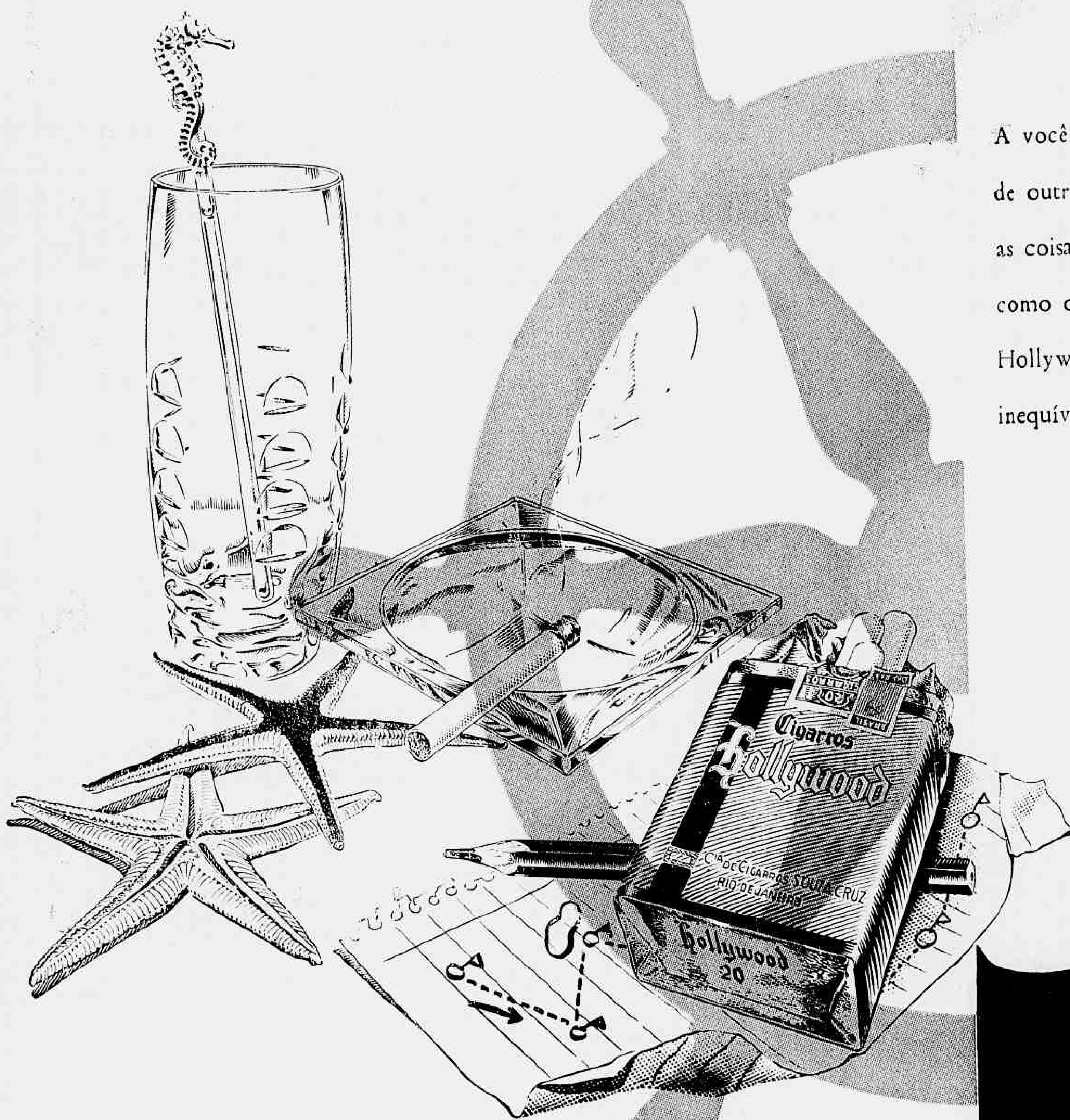


65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

uma consagração que se deve a você...



A você e a milhares
de outros que sabem apreciar
as coisas boas da vida —
como os sports do mar —
Hollywood deve a sua
inequívoca consagração.





cigarros Hollywood

uma tradição do bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ